# UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA PORTUGUESA

RAFAELA FAVARIN SOMERA

## "O MITO DA GRANDEZA FUTURA" FERNANDO PESSOA: UM OLHAR SOBRE O SEBASTIANISMO

Versão corrigida

# UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA PORTUGUESA

### "O MITO DA GRANDEZA FUTURA" FERNANDO PESSOA: UM OLHAR SOBRE O SEBASTIANISMO

Versão corrigida

#### Rafaela Favarin Somera

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras

Orientadora: Profa. Dra. Paola Poma

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

#### Catalogação na Publicação Serviço de Biblioteca e Documentação Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Somera, Rafaela

S694"

"O mito da grandeza futura". Fernando Pessoa: um olhar sobre o Sebastianismo / Rafaela Somera; orientadora Paola Poma. - São Paulo, 2019.
2015 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Literatura Portuguesa.

1. Literatura Portuguesa. 2. Mitos. 3. Fernando Pessoa. 4. Cultura. I. Poma, Paola, orient. II. Título.

## ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Rafaela Favarin Somera

Data da defesa: 25/10/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Paola Poma

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 21/11/2019

Assinatura do (a) orientador (a)

Nome: Rafaela Favarin Somera

Título: "O MITO DA GRANDEZA FUTURA" - FERNANDO PESSOA: UM OLHAR

**SOBRE O SEBASTIANISMO** 

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras

Aprovado em:

#### Banca Examinadora

Prof. Dr. Júlio Pimentel	Instituição: USP – História			
Julgamento:	Assinatura:			
Prof. Dr(a). Gisele Batista Candido Julgamento:	Instituição: USP – Filosofia Assinatura:			
Prof. Dr(a). Marcia Valeria Zamboni Gobbi Julgamento:	Instituição: Unesp, Araraquara Assinatura:			

#### **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a Profa. Dra. Paola Poma, que me concedeu a oportunidade de realizar o mestrado. Sem a confiança e a amizade dadas a mim, este trabalho não teria sido concluído.

Agradeço ao Prof. Dr. Júlio Pimentel do Departamento de História e a Profa. Dra. Gisele Batista pela ajuda e gentileza, que na qualificação apontaram dificuldades, obscuridades, falhas, críticas e correções a serem feitas na dissertação. As indicações contribuíram para o amadurecimento do trabalho.

Aos meus pais, Judite e Jaime, pelo ensinamento ao longo dos anos e por me ensinarem a nunca desistir dos sonhos e buscar alcançar o inalcançável. Lutar todos os dias por um mundo melhor, onde educação, cultura e arte sejam elementos formadores da vida. Agradeço por sempre ensinarem a olhar para o mundo de maneira crítica, mas sempre buscando a beleza em cada gesto. Por sempre me apoiarem em todos os momentos, por acreditarem em mim nas horas mais difíceis. Um agradecimento especial a minha mãe pelo amor e dedicação, pela amizade, pela mulher guerreira que me ensinou a ser, pelas conversas e compreensão. Ao meu pai pelo carinho, apoio, amor e dedicação e, também, por compreender todos os meus dias e minhas escolhas.

Ao meu irmão Alexandre, que sempre esteve ao meu lado, que me ensinou a ser forte, a lutar por tudo o que quero. Por sempre estar comigo mesmo às vezes estando longe. Por ser, além de irmão, meu melhor amigo que sempre caminhará ao meu lado em toda a minha vida. Por ensinar a descobrir as coisas e ser uma sonhadora e amante das artes. Por desbravar comigo caminhos tortuosos, mas que sempre ao fim encontramos o nosso destino. Por me ensinar o gosto pela pesquisa e a perseverança.

À minha família agradeço pelo amor, dedicação e confiança e por me ensinarem a ser uma mulher forte, de fibra, que batalha pelo que deseja e que não se deixa abater pelas adversidades encontradas ao longo da trilha da vida. Um olhar, um carinho, uma conversa inspiradora que fortalece cada momento da minha vida em buscar sempre o meu melhor e poder proporcionar o mesmo sentimento para com o outro.

Agradeço pela companhia do meu querido Piero, por nossas conversas, pela amizade, carinho, companheirismo e união.

Aos amigos que fiz nesta jornada que se mostraram queridos e reforçaram a alegria na vida e a liberdade de ser o que desejamos.

Agradeço, também, ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas em realizar esse mestrado e ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa pela oportunidade em desbravar o pensamento contestador de Fernando Pessoa.

Agradeço à CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil, pela bolsa de estudo concedida pelo importante suporte para o desenvolvimento desta pesquisa.

**RESUMO** 

SOMERA, R. F. "O MITO DA GRANDEZA FUTURA" - FERNANDO PESSOA: UM

OLHAR SOBRE O SEBASTIANISMO. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e

Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2019.

Fernando Pessoa é autor de imensa importância literária. No entanto, seus textos teóricos carecem

de investigação. Aqui propomos uma interpretação para o Sebastianismo e o Quinto Império, o

discurso teórico mais proeminente de Fernando Pessoa. Essa recolha de textos contém componentes

históricos, políticos, literários e cabalísticos, usados por Pessoa para recuperar a alma portuguesa.

Para atingir esse objetivo, o poeta fundamentou a recuperação da alma através do uso do mito de D.

Sebastião, a manifestação original da tradição portuguesa. Entendemos que Fernando Pessoa retoma

o mito em períodos de crise social e existencial, os quais mapeou durante sua análise histórica de

Portugal na coletânea intitulada Sebastianismo. Cada período de crise foi identificado pela

predominância de estrangeirismos, sejam eles franceses, ingleses ou espanhóis. Fernando Pessoa

utilizou o mito para trazer figuras ocultas que simbolizam a identidade perdida, ou seja, a alma

portuguesa e os seus desejos de grandeza, os únicos capazes de orientar o povo em momentos de

conflito rumo a um destino glorioso. Além disso, o poeta procurou levar o amor ao destino de sua

pátria por meio de uma nova figura que se apresenta na tradição mítica e se mostra como a imagem

espelhada do verdadeiro Portugal.

Palavras-chave: Mito. Sebastianismo. Portugal. Fernando Pessoa.

#### **ABSTRACT**

SOMERA, R.F. "THE MYTH OF FUTURE GREATNESS" - FERNANDO PESSOA: A LOOK AT SEBASTIANISM. Dissertation (Master's Degree). Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences, University of São Paulo, 2019.

Fernando Pessoa is an author of immense literary importance. However, his theoretical texts lack investigation. Here we propose an interpretation for Sebastianism and Fifth Empire, the most prominent theoretical discourse of Fernando Pessoa. That collection of texts contains historical, political, literary and cabalistic components, which were used by Person to recover the Portuguese soul. To achieve that goal, the poet grounded the soul's recovery through the use of the myth of D. Sebastião, the original manifestation of the Portuguese tradition. We understand that Fernando Pessoa takes up the myth in periods of social and existential crisis, which he mapped during his historical analysis of Portugal in the collection entitled Sebastianism. Each period of crisis was identified by the predominance of foreigners, whether french, english or spanish. Fernando Pessoa used the myth to bring hidden figures that symbolize the lost identity, that is, the Portuguese soul and its desires for greatness, the only ones capable of guiding the people in moments of conflict towards a glorious destiny. Moreover, the poet seeks to bring love to the destiny of his homeland by means of a new figure which presents itself in the mythical tradition and shows itself as the mirror image of the true Portugal.

Keywords: Myth. Sebastianism. Portugal. Fernando Pessoa.

## SUMÁRIO

INTRO	)DUÇÃ(	O						1
"SÓ	NO	VÁCUO	TOTAL	SE	PODE	PÔR	ABSOLUTAMENT	E
TUDO	<b>"</b>				• • • • • • • • • • • • • • • • • • • •			2
	TULO 1							
MITO	: ENTRI	E TRADIÇÃO	E CONTE	MPORA	NEIDADE	•••••	1	0
CAPÍT	TULO 2 .						3	6
	Parte 1 -	– A "ALMA L	USITANA I	ESTÁ GI	RÁVIDA D	E DIVINO	)" – SEBASTIANISM(	С
COMO	) PROJE	E <b>TO</b>					3	7
	Parte 2	- "VER O S	OL COMO	APOLO	) É POESI	A" – SEB	ASTIANISMO COM	Э
ENCO	BERTO	• • • • • • • • • • • • • • • • • • • •	• • • • • • • • • • • • • • • • • • • •		• • • • • • • • • • • • • • • • • • • •		5	5
							ASTIANISMO COM	
INTER	RVENÇÃ	O					6	6
	<b>D</b>	//TODO DO		OTTE N				
				_			TA É UM TRAIDOR"	
SEBAS	STIANIS	SMO COMO	PATRIA		••••••	• • • • • • • • • • • • • • • • • • • •	7	8
	Parta 5	- "O OUE C	M CHI O O	HE SEL	A O FUTUI	RO DA RA	ÇA PORTUGUESA"	
							9	
SED/K	7 1 17 11 (1)	omo como			• • • • • • • • • • • • • • • • • • • •			,
CONC	LUSÃO						10	7
							10	
REFEI	RÊNCIA	S BIBLIOGR	RÁFICAS		•••••	•••••	11	1
ANEV	0						12	5
							12	
							14	
								_

## INTRODUÇÃO

Aos mortos a glória de uma vida Aos vivos a sabedoria da existência e o desassossego de permitir-se ser universalmente tudo

### "SÓ NO VÁCUO TOTAL SE PODE PÔR ABSOLUTAMENTE TUDO"

Como tema de estudo na presente dissertação, é eleito o texto *Sebastianismo*, presente em **Sebastianismo** e **Quinto Império** editada por Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda em 2011. Essa edição foi pensada para reunir uma coletânea de fragmentos de mesma linha de raciocínio do poeta Fernando Pessoa, onde busca mostrar e analisar a construção do mito sebastianista em Portugal. A reflexão apresenta uma progressão do tema e no modo como este foi definido. Primeiramente, há uma ênfase no Sebastianismo em termos de uma aproximação com um movimento cultural e social e, posteriormente enfoca a questão do Quinto Império, enquanto extensão do Sebastianismo e sua inserção no sentido transnacional, que o próprio sentido sebastianista traz como seu elemento cultural de significação. Ao progredir no tema, que os organizadores realizaram nessa compilação de textos, encontramos em primeiro momento o movimento cultural e sua forma, que leva a uma crença e, posteriormente, sua evolução em pensamento e projeto para o sentido amplo do que é nacionalidade e identidade portuguesa, que pode ser reverberada na imagem do Quinto Império.

Propondo ler e analisar a edição de Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda de 2011, que é uma recolha de textos datados – entre 1910 a 1935 – que Pessoa pensou sobre o mito, como ele pensa o poder e a relação de tradição e história, interligada com a memória de um povo. Logo, nossa leitura joga constantemente com o meio, ou seja, a época, a história e a cultura da sociedade na qual Fernando Pessoa viveu – a qual é, também, seu alvo de atuação. É claro que essa interpretação não é histórica, porque não contém uma avaliação temporal da formação dessas ideias de acordo com suas construções e justificativas que dialogaram com o meio cultural no qual o poeta viveu. No entanto, contém a avaliação adimensional da formação dessas ideias de acordo com suas relações com o meio cultural, político, social etc de sua época.

Esta análise crítica traz um olhar transversal sobre o destino de uma nação: uma pintura do pensamento de Fernando Pessoa mais carnalmente codificado em sua prosa, visando Portugal.

A mística que envolve Fernando Pessoa manteve-se durante todos esses anos após a sua morte. O poeta, através da mistura de elementos, conta a história de um povo em forma de poesia e nos mostra os valores de sua cultura e sua constituição, as quais se distinguem do restante do mundo. Para o poeta, a singularidade e a beleza encontram-se nas diferenças.

Fernando Pessoa, ao longo de sua vida, buscou formular seu conceito de identidade portuguesa dentro dessas bases. Para tanto, construiu um projeto cultural que permitiria mostrar este pensamento e trazer para a realidade social sua concepção do que seria ser português, por isso, utilizou do que lhe era próximo, isto é, a história, a religião, os mitos e a política portuguesas como os meios para embasar sua ideia e, assim, reforçar a carga conceitual de sua literatura. Ao relacionar

campos que à primeira vista poderiam ser distintos, formulou uma metodologia de trabalho e garantiu a qualidade de sua obra, ao mesmo tempo controversa, potente e atemporal.

O pensamento de Fernando Pessoa relaciona-se com a construção histórica de um momento literário que altera a percepção do homem. O ser humano torna-se o espaço significativo para a afirmação de si próprio em um contexto sociocultural. Portanto, a sua obra analisa o povo como socialmente e culturalmente permeável formulado a partir de uma visão crítica e sintetizada da realidade. Sua literatura discute a existência humana; a maleabilidade das formas e funções da arte, as quais se constroem de acordo com as estruturas nacionais, e da diversidade cultural e social que o ambiente proporciona. Todos esses aspectos produzem a gama material e conceitual permeáveis que Pessoa pretende implementar na sua constituição identitária de Portugal.

Podemos dizer que a história político-social portuguesa, no momento histórico de Fernando Pessoa encontra-se como fenômeno variante de nacionalismo. Uma avaliação dessa variante deve contemplar o contexto que este autor estava vivenciando de uma República falida, desorganizada e estruturalmente vaga no poder e na sua força, além, do caráter político em certo nível nem monárquico e tão pouco democrático, mas que se curvava as forças armadas e sua coação social e ideológica transfigurada em uma ditadura permanente e com um domínio governamental constituindo uma categoria política.

Fernando Pessoa precisa lidar com esses aspectos fundacionais em tempos de avanço tecnológicos vertiginosos. Seu pensamento traz o sentido da modernidade e do homem social. Vigora dentro das perguntas do que é a sociedade?; o que é a nação?; o que é o homem português?; sendo este último o que perfila todo o seu pensamento.

Fernando Pessoa é duro, extremo em seus argumentos, talvez porque nada surtiu efeito, talvez porque a influência de outros povos – como germânicos, árabes, ingleses e franceses— seja muito poderosa em sua alma, sua razão e paixão. Pensando apenas na sua definição de camadas de inteligência diretamente vinculadas a camadas sociais, tem-se o substrato para o nascimento de uma estratégia de abalo físico para atingir o mental em conjunto com limpeza cultural.

Embora a divisão proposta pelos organizadores dessa edição de 2011 divida-se em dois grandes eixos que se conectam – *Sebastianismo* e *Quinto Império* –, iremos nos debruçar na sua primeira parte – *Sebastianismo* – para analisar de forma mais clara o conjunto de informações que o poeta nos fornece sobre o mito sebastianista, o qual é referência para a interpretação dos fragmentos presentes em Quinto Império, segunda parte desta organização.

Através do mito histórico de D. Afonso Henriques – formação da natureza e territorialidade portuguesa através do divino –, Fernando Pessoa resgata o mito nas figuras de D. Sebastião – o herói morto em Alcácer-Quibir, representante do desejo de força e poder portuguesa –, Sidónio Pais

governante republicano, presente na época do poeta, que buscou a liberdade e a personalidade do povo português através da alma divina e da tradição mítica – e, por fim, coloca-se como mito literário, alcançando o patamar de supra-Camões, onde o antepassado mítico e herói civilizador – D.
 Sebastião, se encarna e se sacrifica pelo gênero humano – abre caminho para complementar o país, em sua psique rara e misteriosa.

Ao pensar esse processo, propomos investigar o Sebastianismo por sua densidade de questões lembradas por Fernando Pessoa: as datas (seus escritos apresentam-se entre 1910 a 1935), os períodos históricos (questões relativas a monarquia e a república; a inserção do pensamento da grande guerra – Aliados e Alemanha), os próprios fragmentos que se mostram desde um ponto de vista mais político ou social até questões referentes a religião, crença e arte. Por isso, decidimos atermos apenas nessa primeira parte da edição para analisar os cinco pontos componentes que os organizadores lançaram para unir esses escritos do poeta. Cada divisão apresenta uma breve explicação tanto sociopolítica e histórica quanto religiosa ou mítica, feita pelos editores, para o leitor poder entender o procedimento de união desses fragmentos. Dessa maneira, essa primeira parte é composta por: 1) Projeto; 2) Encoberto; 3) Intervenção; 4) Pátria e 5) Tempo. Seguimos essa linha de raciocínio adotada por eles e procuramos ler e analisar as questões mais recorrentes: mito, tradição, história, nacionalidade e política. Nossa proposta é analisar como o texto se organiza e quais são as linhas de força que Fernando Pessoa utiliza para pensar sobre o mito sebastianista. O trabalho é pensar essa organização e, dentro dela, entender a dinâmica entre autor e país. Longe de configurar um campo de ação messiânico e heroico, o Sebastianismo pessoano articula-se dentro da autoria literária.

Nossa hipótese é que dentro dessa organização de Fernando Pessoa, encontramos um projeto literário via o mito sebastianista. Este fornece uma explicação de caráter e função que garante a personalidade portuguesa e a sua construção literária. Por sua vez se mostra em uma repetição ternária para o poeta. Essa constância tripla reflete a simbologia que o poeta utiliza para compor seu pensamento. A simbologia ternária exprime uma ordem intelectual e espiritual, seja em Deus, no cosmo ou no homem. Sintetiza a trindade do ser vivo produzindo a união do céu e da terra, ou a universalidade. Por essa razão, expressa a totalidade da conclusão: nada pode ser acrescentado. É a manifestação do homem, do céu e da terra, tanto quanto a perfeição da unidade divina: Deus é um em três pessoas. Assim, tudo provém de três estados de atuação, os quais não passa de um: 1) o princípio atuador – causa ou sujeito da ação; 2) a ação desse sujeito – seu verbo; 3) o objeto dessa ação – seu efeito ou seu resultado. Esses três termos são inseparáveis e são necessários reciprocamente. Por fim, representa os níveis da vida – material, racional e espiritual – e exprime a

totalidade da ordem social. Esta representação tripartide permeará a leitura e análise desta recolha de textos.

Lemos a obra em prosa de Fernando Pessoa de forma diferenciada. Em vez de nos atermos exclusivamente ao texto e sua estrutura, empregamos a leitura como meio para identificar, inicialmente, as influências históricas e formativas que determinadas ideias exerceram sobre o autor. Depois, recuperamos essas influências para entendermos as próprias interpretações e usos dados pelo poeta aos seus componentes culturais, políticos, econômicos e sociais. Essas informações encontram-se determinadas psicologicamente e filosoficamente em suas proposições, citações e argumentos. Logo, nossa leitura joga constantemente com o meio, ou seja, a época, a história e a cultura da sociedade na qual Fernando Pessoa viveu – a qual é, também, seu alvo de atuação.

É claro que essa interpretação não é propriamente epistemológica histórica, porque não contém uma avaliação temporal da formação dessas ideias de acordo com suas construções e justificativas que dialogaram com o meio cultural no qual o poeta viveu. No entanto, contém a avaliação adimensional da formação dessas ideias de acordo com suas relações com o meio cultural, político, social de sua época: o mito, a ditadura, o liberalismo, a política francesa, a alienação cultural por invasões e usurpações, o niilismo e, depois, o não-niilismo, e uma interpretação de utilitarismo mesclada com Maquiavel, apropriando-se de ideias filosóficas para justificar ações e decisões para um determinado período; terminado esse período de mudança e reconstrução – ou desconstrução – a ideia é abandonada e uma nova, mais útil para o novo período e, principalmente, para o fim – o destino – é adotada. Vale salientar que esse fim é definido pelo poeta, a força criadora estética que governa as almas – esta, também, uma ideia psicológica e filosófica de poesia e arte.

A variedade de possibilidades conceituais, metodológicas e temáticas dentro do Sebastianismo de Fernando Pessoa parece ser uma realidade que transborda a dinâmica entre este autor e o país. Longe de configurar um campo de ação messiânico e heroico, o Sebastianismo pessoano articula-se criticamente com um conjunto vasto de ferramentas discursivas e aparatos de linguagem como a sociologia, a história, a filosofia, a arte, a psicologia, ou como mecanismo de entendimento da existencialidade dentro da autoria literária. Se a constelação de afinidades e debates representa o valor de um conhecimento geral alargado, por outro, o poeta trabalha com atavismos antigos, relacionados com a procura de um método.

À análise de o *Sebastianismo* que se propõe, inserida em uma linha de questionamento crítico, encontra em teóricos do pensamento sobre a existência humana e a nacionalidade uma fonte essencial para o desenvolvimento desta dissertação. Sublinha-se aqui o trabalho de Friedrich Nietzsche, Mircea Eliade, Claude Lévi-Strauss, Ruthven, Walter Benjamin, Jacques Rancière, Karl Marx, Ernest Cassirer, Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty. De resto, a revisitação

historiográfica de *Sebastianismo* e de Portugal vem a ser realizada continuamente, destacando-se nesse campo Pd. Antonio Vieira, Gonçale Annes Bandarra, Teixeira de Pascoaes, Jorge Uribe, Pedro Sepúlveda, Jerónimo Pizzaro, Eduardo Lourenço, José Gil.

Neste enquadramento, considera-se a análise da primeira parte da obra organizada por Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda, como fundamental para compreender a construção da escrita e do pensamento de Fernando Pessoa. Para restringir um tema que é por natureza vasto e longo, passível de várias leituras e abordagens, é proposta uma aproximação à obra Sebastianismo e Quinto Império, por via do idealismo metafísico, do estruturalismo, do existencialismo e do humanismo praticados por Fernando Pessoa, o que permite restringir objetivos sem conter a pretensão de esgotar a obra. Partindo da proposta teórica do autor, é estabelecido como objetivo o levantamento de um conjunto de pontos-chave, mediante os quais se questiona finalmente a construção desses textos, problematizando ou indicando hipóteses que possam contribuir para uma nova abordagem e uma alteração do paradigma dominante sobre o poeta.

A análise que aqui propomos sobre o Sebastianismo divide-se em três capítulos:

Primeiro Capítulo: "Mito: entre tradição e contemporaneidade".

Nessa primeira parte buscamos entender o mito e seu uso na construção da nacionalidade e como estrutura da tradição de um povo. Para isso, utilizamos como método a teoria de Claude Lévi-Strauss e Mircea Eliade. Aqui a teoria desenvolvida mostra o mito como compreensão da civilização que referencia os costumes de um povo, além de ser a fonte da estrutura social e das relações sociais que este pode apresentar e representar. Além disso, o mito é visto como componente dos sentidos. Para esses dois teóricos, o mito é uma forma de discurso que faz conhecer o homem. Para Lévi-Strauss, é uma metalinguagem que manifesta a estrutura de um grupo social e constitui valor simbólico cultural. Assim, o mito apresenta uma estrutura permanente de um povo. Nessa mesma linha, Eliade expõem que o mito além de ser uma expressão do mundo, contém um conteúdo simbólico que mostra à sociedade sua crença, a qual a caracteriza, dá corpo e constrói sua história culturalmente. Por isso, mostra a realidade ao homem, transmite conhecimento e manifesta dentro da cultura, na qual se encontra o universo religioso dessacralizado que nutre uma civilização.

Nesse sentido, essa teoria pode ajudar a pensar o mito como fonte de construção da identidade de um povo. Por isso, investigamos a hipótese de que a simbologia do mito Sebastianista é, também, um processo civilizacional. Assim, abrimos essa análise com uma busca do entendimento da história de Portugal através do que é propriamente seu: o mito. Ao permear a história portuguesa, averiguamos a construção de identidade e as informações que oferece sobre o homem português através do mito.

#### Segundo Capítulo:

Seguindo a divisão dos organizadores, realizamos nossos cinco pontos de desenvolvimento da leitura dos fragmentos: 1) "A alma lusitana está grávida de divino" – Sebastianismo como projeto: fragmento em que o poeta propõe-se a realizar um projeto histórico sociológico e cultural para compreender Portugal em sua identidade; 2) "Ver o sol como Apolo é poesia" – Sebastianismo como Encoberto: compilação de textos que buscam pensar simbolicamente a história de Portugal através de seu misticismo. Assim, analisa os pontos sociais, políticos e culturais; 3) "Um salvador é o que preciso" - Sebastianismo como Intervenção: nesses fragmentos o poeta busca analisar a própria vida portuguesa como caminho de valorização moral e social para organizar a nacionalidade. Através da manutenção do misticismo como sua base, interpreta e tenta traçar um caminho da alma portuguesa por sua ligação com a raça e com o conhecimento; 4) "Todo Português que não é sebastianista é um traidor" – Sebastianismo como Pátria: nessa parte, o poeta mantém seu caminho mítico para explicar seu discurso de nacionalidade. Para tanto, utiliza da tradição para compor sua investigação sobre o ideal político, a relação entre indivíduo e pátria e o desenvolvimento da alma portuguesa; 5) "O que calculo que seja o futuro da raça portuguesa" – Sebastianismo como Tempo: por estes fragmentos, o poeta interpreta a tradição portuguesa e seu mito sebastianista através da numerologia e da astrologia cabalística para procurar em que momento regressará D. Sebastião e, assim, reatualizar o mito de Portugal.

#### Terceiro Capítulo: "Amor Fati" ou conclusão.

Como conclusão, procuramos partilhar a ideologia de Fernando Pessoa sobre amar seu destino. Dentro dessa ideia, tentamos analisar qual a forma que o poeta procura traçar para Portugal enquanto destino ligado ao mito sebastianista. Além disso, buscamos mostrar que esse livro é um conjunto das opções dos organizadores e de Fernando Pessoa para pensar esse mito.

Em um momento, Fernando Pessoa ocupa-se dos temas da humanidade. Estuda e sintetiza questões gerais e fundamentais relacionadas com a natureza da existência humana, do conhecimento, dos valores morais e estéticos, da linguagem, bem como do universo em sua totalidade. Combina esses temas formando um conjunto para interpretar e definir o que é Portugal a sua maneira. Para tanto, compreende que esses temas estão sob influência da mitologia, neste caso, baseada no mito fundador de Portugal.

As críticas que Fernando Pessoa oferece vêm a calhar quando pensamos na tentativa de construir uma nova representação da identidade portuguesa contemporânea. Ao repensar Portugal, trabalha com a variante de seu discurso dual e mutável. Pensado como próprio de uma cultura e

invariavelmente visto como união de um povo, esta significação de seu pensamento impõe-se como construção histórica e pessoal. Busca traduzir o mundo entendendo-o e projetando-o. Assim, coloca-se como crítico da sociedade em todas as suas imagens e comportamentos. Propõe uma cultura com uma nova forma de percepção das coletividades humanas. Rompe com as tradições culturais e literárias. Conduz uma escrita como centro de profusão de diálogo entre existência e lugar por meio da sensibilidade.

Por algum tempo, a leitura debruçada nos escritos do poeta tiveram a impressão de que eram condicionadas a uma desassociação com a sua lírica. Outra questão presente, também, permitia pensar que seus textos contraditórios, desconexos e com caráter contundente e exacerbação crítica eram previsíveis. Poderíamos encontrar um sistema histórico e artístico desarticulado e distinto. Todavia, um olhar mais apurado sobre esses textos fazem com que entremos em um mundo de diálogo intenso baseado na própria instabilidade da consciência do homem e de sua constante articulação com o ambiente e com as forças que o rodeia. Como espelho de si mesmo, os textos de Fernando Pessoa expressam sua essência e, por sua vez, manifestam a proclamação de sua existência: transformar, por meio do que é próprio do homem, a sociedade e mostrar que a representação do mundo ou de um povo está contida em si mesma.

Na luta contra a debilidade do homem, compreendemos perfeitamente que Fernando Pessoa procura descorromper o homem, reivindicando o mérito de poder tornar-se melhor. Aqui, buscamos conservar a serenidade em meio à sombria vida moderna. Justificá-la além de toda medida não constitui uma arte que se possa desconsiderar.

Voltando-nos para nossa análise, temos Fernando Pessoa, um ente humano em construção que prima por sua liberdade. Nada triunfa a menos que sua soberania tenha participação. Um excedente de força prova a própria realidade do homem em seu meio. Ao permitir transmutar todos os valores, um ponto que lança sombra sobre o que se coloca – um destino numa interface de pensamento, é tarefa que nos força a cada momento lançarmo-nos ao desconhecido como se para sacudir nossas estruturas. E assim, o poeta lusitano torna-se demasiado opressivo.

Há mais símbolos do que realidades no mundo; e o nosso olhar profundo para esse mundo é também o olhar do poeta português. Colocar aqui questões como nacionalidade, política, sociedade, individualidade, coletividade e construção cultural e ouvir, talvez, como resposta um som que fala com entranhas — que arrebatamento para alguém possui outros sons — o controverso poeta e apanhador de emoções chega a fazer falar o que justamente deseja permanecer mudo... pois não se fala o que se é.

Este escrito, ele também é – o título revela – um caminho da conduta e da consciência pessoana. Esta análise é uma declaração da grandiosidade do poeta, não em termos já

condicionados, mas em sua carga psicológica e analítica da existência do indivíduo e de sua práxis. Quanto a surpreender os segredos de Fernando Pessoa, desta vez não se trata mais da lírica em voga, mas do ídolo eterno que são seus pensamentos aqui tocados – não há, em última análise, mais um oco de sua escrita.

## CAPÍTULO I

## MITO: ENTRE TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

"Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade"

Fernando Pessoa

Fernando Pessoa é filho de suas obras e pensamentos, isto é, é fruto de uma certa criação em que o que conhecemos de Fernando Pessoa é correspondente ao modo de existência dessas obras e não a própria existência da pessoa Fernando Pessoa<sup>1</sup>.

O pensamento pessoano produz um limite na sua existência que ganha corpo dentro de sua virtualidade, se faz em existência como outra coisa que faz existir um mundo. Este mundo existindo a partir da comunhão com a realidade de Portugal. Seu discurso na modernidade prefigura a ideia de que a nação é sempre o resultado da vontade humana que para si desenha uma vida na qual projeta seu futuro com a esperança da continuidade temporal e até eterna. Mas para que essa possa se fazer presente e lançar-se ao futuro é necessário forjar uma identidade própria no terreno do tempo e espaço sagrados, quer dizer no tempo mítico das origens.

A isso, pode-se trazer como testemunha e ponte entre o que é Portugal e a própria obra artística de Fernando Pessoa o que é mais simbólico e caracteriza o homem e seu pensamento: o mito. Para tanto, tem-se que enxergar o modo de existência do mito para conhecer este mundo pessoano, o qual transforma a obra em sujeito e não em objeto, onde encontra cada obra uma intencionalidade que o poeta realiza para produzir esta ponte entre sua poética e Portugal. Assim, há uma relação e uma construção da identidade da qual o artista opera e faz parte apresentando um ponto de vista que sua obra artística produz.

mito como expressão do modo de ser do mundo (...) os mitos e símbolos coletivos ainda sobrevivem no mundo moderno, mas estão longe de cumprir o papel central que o mito desempenha nas sociedades tradicionais: em comparação com estes, o mundo moderno parece desprovido de mitos. Foi até sustentado que o mal-estar e as crises das sociedades modernas se devem precisamente à ausência de um mito próprio. (...) Jung insinuou que o mundo moderno está em busca de um novo mito, que por si só permitirá que ele encontre uma nova fonte espiritual e restaure seus poderes criativos.<sup>2</sup>

Ao pensarmos em Fernando Pessoa como um criador de mitos, relacionamos o que seria o mito para ele e como este poderia estruturar sua criação literária. Para tanto, devemos entender que o mito "é talvez ao mesmo tempo a mais bela produção literária do homem e a que se presta melhor ao estudo científico"<sup>3</sup>. Em si, contém o campo sociocultural e o religioso. Estes dois pontos constroem o homem como sujeito existente concreto que partilha do mundo cotidiano para se autoconstruir e formular seu pensamento e presença na realidade. Ao permitir-se no mundo, o sujeito social e religioso torna-se o ser universal (Deus) e, assim, trabalha sua constituição dentro dos pilares e ferramentas de sua interpretação e do seu agir criativo perante a natureza da realidade.

Souriau, E. Los diferentes modos de existencia. Buenos Aires: Editorial Cactus, 2017

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Eliade, M. *Mythes, rêves et mystères*. França: Gallimard, 1957, pp. 23 (tradução livre)

Martinon, J. P. O Mito da Literatura. In: *Atualidade do Mito*. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 125

Assim, o mito torna-se símbolo de existência de uma cultura no mundo moderno, pois apresenta como componente da existência do homem, sua moral e etnicidade, que geram a ideologia cultural de uma época, da história de um povo.

Ao abordar o mito conseguimos retratar a cultura de um povo e a simbologia que ela representa que inclui as características psicológicas e sociais. Para tanto, trazemos o mito não apenas como uma manifestação da criação literária, mas sobretudo, como ferramenta de evidenciação da história. Aqui a abordagem mítica representa as camadas sociais e de pensamento de uma cultura com suas ideologias e impressões de mundo. Por isso, essa abordagem não somente contará uma "ficção" historiada, mas é uma narrativa que dissemina a cultura individual e coletiva de um povo e, assim, fornece os parâmetros de sua existência no mundo concreto dentro de seu desenvolvimento abstrato de conteúdo — constrói-se dentro das mentalidades e das ideias do indivíduo que reflete a representação simbólica de sua cultura.

O poeta procura reler a história passada, aprofundando e designando as origens da identidade portuguesa. Realiza um esforço de valorização das raízes primeiras para determinar a primazia portuguesa para superação da decadência presente no século XX. Para tanto, utiliza-se do que é mais popular na sociedade e que a define, o mito unificador e que mostra os traços da composição identitária portuguesa e seu espírito religioso diverso: junção de características pagãs, cristãs, judaicas e árabes.

Sua criação cultural historiada carrega um caráter particular do nacionalismo de caráter místico, messiânico e cosmopolita. Seus escritos versam sobre diversos temas aos quais está subjacente uma pátria mítica, que constitui o contexto português. Pensa Portugal na multiplicidade, mas traz consigo a visão de seu país extremamente religioso e, para tanto, vincula essa multiplicidade com a religiosidade, tornando-a mítica. Cria uma mentalidade coletiva através da moral da nação que está sintetizada no mito nacional, o "mito sebastianista, com raízes profundas no passado e na alma portuguesa"<sup>4</sup>.

Ao utilizarmos o mito no estudo científico, devemos avaliá-lo tanto pelas suas características intrínsecas quanto pelo seu próprio uso por um autor ou uma sociedade, pois ambos encontram-se em posição de interdependência. Isso é possível porque o mito reflete o tempo histórico e deixa aparente questões econômicas, políticas, hierárquicas e formas de poder familiar e social que definem o ambiente do qual procedeu ou com o qual se relaciona. Por sua vez, o mito também é construção humana e, por isso, é um documento corroborativo do entendimento de determinado grupo social e da sua origem e estabelecimento no mundo. Assim, o uso do mito em si

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Pessoa, Fernando. Sebastianismo e Quinto Império. São Paulo: Ática, 2011, p. 271

como veículo cultural de interação e conexão sociais também deve ser avaliado para a construção de uma compreensão mais ampla de seu sentido e significado.

Ao trabalharmos estes elementos do ser humano, suas intuições e características, adquirimos acesso as fronteiras entre o palpável e o conteúdo que permanece nas sombras ou no esboço da compreensão real e objetiva. Estes dois segmentos estão presentes no que podemos chamar de pensamento pessoano e de literatura portuguesa pessoana.

Ao analisarmos o mito dentro destes dois segmentos, partimos da teoria de Claude Lévi-Strauss, antropólogo estruturalista francês que realizou vários estudos sobre o mito para compreensão da civilização e Mircea Eliade, mitólogo romeno e cientista das religiões que elaborou uma visão comparada das religiões. Em Lévi-Strauss encontramos a temática do mito conduzida dentro do pensamento que "os mitos apresentam as referências aos costumes dos povos" e que nos mostram a estrutura social e as relações sociais. Para ele, a função significativa do mito está ligada na maneira como os sentidos se expressam e como são combinados entre si.

Percebemos que o mito não se referencia a um conceito extranatural ou puramente metafórico. O mito é colocado como uma forma de discurso que nos faz conhecer. Ao nos conhecermos, construímos nossas feições e a estrutura histórica e a-histórica do que está ao nosso entorno e criamos a imagem da realidade.

Lévi-Strauss ao condicionar o mito como discurso revela sua própria linguagem e manifesta a estrutura de um grupo social com suas variações e condutas transcritas em um texto legítimo. Manifesta-se metalinguisticamente para exprimir o que pensamos, sentimos e recebemos de informações sobre nossas relações e o que ocorre no mundo ao nosso redor. Neste sentido, transmite e recebe informações de modo objetivo sobre a realidade, constituindo valor simbólico cultural e um certo tipo de mensagem<sup>6</sup>.

Um mito diz respeito, sempre, a acontecimentos passados. Mas o valor intrínseco atribuído ao mito provém de que estes acontecimentos, que decorrem supostamente em um momento do tempo, formam uma estrutura permanente. Esta se relaciona simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro.<sup>7</sup>

Compreendemos que o mito pensado por Lévi-Strauss está em comum acordo com o caminho traçado por Pessoa: em ambos os autores, existe uma estrutura permanente do mito a qual pode ser observada a partir da leitura do livro **Sebastianismo e Quinto Império**.

Além de reconstruir de forma mítica e poética a história de Portugal, Fernando Pessoa cria um diálogo entre **Sebastianismo e Quinto Império**, o conjunto de poemas que compreendem o

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Lévi-Strauss, C. O Cru e o cozido – Mitológicas 1. São Paulo: CosacNaif, 2011

Martinon, J. P. O Mito da Literatura. In: *Atualidade do Mito*. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 128

Lévi-Straus, C. A Estrutura do Mito. In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003, p. 241

livro Mensagem – escrito no decorrer de sua vida – e o poema Á Memória do Presidente-Rei Sidonio Paes. Os dois textos líricos vinculam a estrutura mítica à realidade concreta, demostrando que elementos históricos e a-históricos convergem e se mesclam na aceitação da identidade nacional e individual. Para tanto, esses poemas aproveitam de três personagens simbólicas que se encontram presentes nos ensaios sobre o Sebastianismo e Quinto Império: D. Afonso Henriques, D. Sebastião e Sidónio Pais. Essas presenças não são casuais, mas guiam o pensamento de Fernando Pessoa e são o pano de fundo para compreender seu projeto cultural identitário e nacional, baseado na utilização da literatura como válvula de estímulo à crítica e à manifestação do que é ser português.

Mensagem é um texto que permite refletir a concepção pessoana de sociedade portuguesa desde a formação do povo lusitano até a era modernista. Para tanto, usa uma sequência simbólica e literária de mitos que fornecem as bases para este diálogo: Ulisses, D. Afonso Henriques e D. Sebastião. Fernando Pessoa, por um lado, associa a memória mítica do herói grego que retorna à sua pátria com o regresso de D. Sebastião e, por outro, a alusão de construção do país à figura de D. Afonso Henriques. Ao enfatizar a importância da reconstrução nacional, esses mitos perpassam o imaginário do povo e constituem uma aproximação temática de alusão à ideia cristã e de nacionalidade. Esse discurso liga-se à visão de repetição presente nas figuras míticas portuguesas que direcionam a pensar os mitos portugueses dentro de uma estrutura permanente.

A estrutura permanente do mito pode ser encontrada na inferência ao herói grego Ulisses em Mensagem. Fernando Pessoa inscreve Ulisses dentro do modernismo. A inferência à sua figura integra a primeira parte do poema. A atenção ao referido poema faz-se ressaltando a presença mítica do rei de Ítaca em Lisboa: "O herói da estrofe central, Ulisses, — cujo desembarque lendário na embocadura do Tejo se deve apenas a um vínculo paronomástico entre seu nome e Lisboa, e cuja existência tem, ela mesma, um caráter mítico"8. A passagem mítica do herói grego por terras portuguesas importa-nos por apresentar-se como rememoração do passado e como celebração do devir português. Ao trazer este mito, fusiona o passado e o presente para projetar o futuro e glorificar os redentores da nação. Exalta a mítica do passado histórico rumo à glorificação messiânica do homem futuro.

Ao apresentar Ulisses como fundador mítico de Portugal, Fernando Pessoa propõe imaginariamente seu país como império cultural, uma vez que confere à sua pátria a mesma qualidade criadora que a da Grécia, e como império espiritual tal qual a Cristandade. Ao trazer as características da antiguidade grega e da Cristandade para o diálogo de reconstrução nacional, o

Jakobson, R. Os oximoros dialéticos de Fernando Pessoa. In: Jakobson, R. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1970, p. 100-101

poeta adaptou livremente o mito ulisseano ao resgatar elementos invariantes dessa narrativa mítica: a viagem pelo mar desconhecido, o encontro com outros povos e a incerteza sobre o destino do herói. Esses temas alimentaram<sup>9</sup> a fundação mítica de Lisboa e a nacionalidade de sua pátria. Este poema concebe os alicerces do futuro forjados na matéria do passado que retiraria Portugal do estado de letargia que está mergulhado desde o pós-Ultimatum. Mostra uma recondução nacional através da mitificação das origens. Como pode ser lido no poema:

ULISSES
O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo –
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou, Foi por não ser existindo. Sem existir nos bastou. Por não ter vindo foi vindo E nos criou.

Assim a lenda se escorre A entrar na realidade, E a fecundá-la decorre. Em baixo, a vida, metade De nada, morre.<sup>10</sup>

O mito de Ulisses reflete a ordem racional atuando como vítima e sacerdote que recupera a vida que deixara entregue. Inflige simbolicamente aos povos atrasados aquilo que a dominação territorial organizada já fizera com eles na realidade e, assim, prova sua nobreza. Além disso, traz para a configuração do mundo e do pensamento deste a socialização universal esboçada em sua história como navegante do mundo<sup>11</sup> o que leva a assimilar estas características como pertinentes à Portugal.

O mito de Ulisses com suas aventuras são todas perigosas seduções que desviam o eu da trajetória de sua lógica. Cede a cada nova sedução, experimenta-a. 'Mas onde ha perigo, cresce também o que salva': o saber em que consiste sua identidade e que lhe possibilita sobreviver tira sua substância da experiência de tudo aquilo que é múltiplo, que desvia, que dissolve, e o sobrevivente sábio é ao mesmo tempo aquele que se expõe mais audaciosamente à ameaça da morte na qual se torna duro e forte para a vida<sup>12</sup>

\_

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Cf. a afirmação de Eduardo Lourenço: "É da realidade que o mito se alimenta, é no mito que a realidade se torna significante". (LOURENÇO, 2000, p. 21).

Pessoa, F. Ulisses. In: *Mensagem*. BN Esp. E3/146, 1934 (Visualizado na Biblioteca Nacional de Portugal em 23 de setembro de 2018 – http://purl.pt/13965)

Adorno, Theodor & Horkheimer, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1985, p. 62 e 66

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> Idem, p. 56

O mito é definido, segundo a primeira estrofe do poema, pelo sujeito poético como o nada, que não apresenta fundamento, mas apenas aceita, é tudo. O mito mostra-se como algo que esconde a verdade mas que contribui para a sua revelação. Ele é nítido mas precisa ser decifrado, ao mesmo tempo que se mostra em generalidade. Assim, o mito surge como um "Sol" que abre os céus e como um "Deus" se revela ao homem. Neste sentido, há as duas imagens do mito, a sua personificação e sua irrealidade, respectivamente, que fundamentam e mostram a origem de Portugal, isto é, "Sol" e "Deus" colocados como mitos que renascem e que são permanentes no imaginário.

O eu lírico do poema resolve a contradição entre o nada e tudo a figura íntegra de Ulisses. No verso "o nada que é tudo", define-se o constante devir capaz de sintetizar a oposição dialética entre ser e não ser, crença e realidade, a qual se concretiza na presença atual e mundana, na condição de existência do povo português.

Seu componente expressivo e crítico trata do sentido do homem, de sua relação consigo mesmo e com o meio que o compõe. Rompe com as tradições culturais e literárias e traça uma escrita que seja o centro de profusão de diálogo linguístico e de signo do pensamento moderno, no qual se alimenta das indagações sobre a existência, a vida e o lugar do homem no mundo, recolocando a linguagem literária como instrumento para a expressão da verdade e do próprio indivíduo. Busca traduzir o mundo como ele era, entendendo-o e projetando-o. Assim, coloca-se como crítico da sociedade em todas as suas imagens e comportamentos. Propõe uma cultura que engendra-se uma nova forma de percepção das coletividades humanas.

Fernando Pessoa, na tentativa de construir uma nova representação da identidade portuguesa contemporânea trabalha com o repensar Portugal por meio da língua — próprio de cada cultura e invariavelmente é algo que une um povo, tornando-o único e que não muda. Essa ideia se desenrola na construção da cultura que leva a interpretação social, política e histórica de Portugal e sua tentativa ou mudança no sentido do ser português. Seu pensamento relaciona-se com a construção de uma época literária que compreende a alteração da percepção do homem que possui do tempo e que isso forma uma matéria e toma como espaço significativo de afirmação de si próprio. Analisa o povo como socialmente e culturalmente permeável em que insere a visão crítica e sintetizada da realidade, reiterando a cultura do desdobramento, da heterogeneidade na unidade.

Sua literatura se abre para o mundo através de sua proposta de interpretação pública da obra que ultrapassa a própria expressão da escrita poética e das ideias do artista e ganha novos ângulos de visão e interpretação para a construção de uma identidade que envolva o momento sociocultural atribuído a mudança de perspectiva do pensamento e das feições artístico-literárias que discutem a existência humana, a maleabilidade das formas e funções da arte que se constroem de acordo com as estruturas nacionais e da diversidade que o ambiente proporciona tanto de forma cultural quanto

social produzindo a gama de permeabilidade que Pessoa pretende implementar na sua constituição identitária.

Simboliza a negação entre eu e mundo (DEWEY, 2010), o que é feito e o que é vivenciado, por meio de palavras. Esta característica representativa leva-o a possuir atos de emergência do sujeito contemporâneo e de ser outro através da fruição e sensibilidade humana. Manifesta as vivências, valores, sentidos e emoções que produzem intenções conscientes e inconscientes sobre a sociedade, a história e a cultura portuguesa. Reporta a pensar a lógica das sensações individuais e coletivas e a formular, a partir de construções mentais e abstrações da realidade, novos campos de conhecimento e experiências alinhados a constituição histórica de Portugal.

Ao tratar do "nada que é tudo", o eu lírico mostra que a existência do mito caminha em conjunto com a sua negação, o não-mito que lhe pertence, existência e não existência, verdade e negação. Realidade e crença, assim, são unificadas em um constante devir que é a própria unidade pátria. Além de pensar na existência vinculada entre "é" e "nada", ser e não-ser, o eu lírico traz para este diálogo a visão da cristandade ao relacionar vida e morte, a existência e a sua negação, unificadas no ato de ressurreição exclusivo a Cristo, a verdade universal religiosa que proporciona unidade entre nada e tudo, ou seja, do "nada que é tudo".

Assim, a crença veiculada pelo mito possui uma perspectiva fictícia e religiosa que caminha junto ao real. O eu lírico demonstra essa unidade com a mitificação da fundação de Portugal pelo herói grego Ulisses, como pode ser visto na segunda estrofe do poema: "Este". Com o pronome, o mito ao qual refere é ao mesmo tempo anunciado e ocultado. Além do destino de formação territorial, Ulisses mostra-se como o construtor do pensamento e impulsionador dos portugueses para a navegação e descobrimento de novos mundos.

A inclusão do mito ulisseano em **Mensagem** pode ser entendida como figura histórica e mítica presente na formação da nação portuguesa. Por isso, é importante para compreender a trajetória mítica que Fernando Pessoa utiliza.

Desta maneira, o mito de Portugal deve ser pensado como um mito de origem e destino coletivo, que mostra um sincretismo de conteúdo e um elaborador da consciência nacional e fonte legitimadora do lugar dos portugueses<sup>13</sup>. Funda a pátria e a nação partindo da coesão dos arquétipos fundamentais da cultura lusitana<sup>14</sup> a qual propõe o conhecimento da identidade cultural e o enraizamento de um ideal baseado na inspiração de si próprio a partir do mito.

A visão sobre o mito que o poeta trabalha é do mito ser entendido como fundador do ser e do homem. Ao colocar o mito dessa maneira, Pessoa postula a criação de um homem novo e de uma

Pimentel, M. C. O mito de Portugal nas suas raízes culturais. Capítulo 1, 2008

Pimentel, M. C. O mito de Portugal nas suas raízes culturais. Capítulo 1, 2008

cultura nacional, que parte da reatualização incessante do que foi ontem em função do presente e do que quer ser no futuro.

No entanto, o mito não se manifesta de modo idêntico ao longo do tempo, mas se repete enquanto recordação e reconstrução. A presença do mito nas diferentes fases da história de Portugal responde a construção da singularidade da identidade que cria uma imagem ao povo sobre si mesmo e também deste povo para o mundo. Ao reintegrar o mito de Portugal nas diferentes fases históricas do país acaba respondendo a singularidade das vivências dos portugueses. Obedece à matriz da sua identidade e aceita que morrem gerações, morrem impérios mas apenas o mito permanece para codificar a cultura de sua terra.

Isso pode ser compreendido através da ideia de que o mito, dentro do pensamento de Lévi-Strauss, apresenta um objetivo de fornecer um modelo lógico aos indivíduos para resolver as contradições existentes na estrutura social e na própria construção cultural da sociedade da qual fazem parte. Assim, um número infinito de camadas será criado, cada qual ligeiramente diferente da que a precedeu<sup>15</sup> para desenvolver o seu discurso e caracterizar a estrutura social. Por meio disso, "pensamos o mito como um comportamento humano e ao mesmo tempo como elemento da civilização" <sup>16</sup>.

Ao pensar o parâmetro de Eliade, encontramos o mito correlacionado com a civilização não somente por ser uma expressão do mundo, mas por apresentar-se dentro de "novas fontes espirituais que lhe restitui as forças criativas"<sup>17</sup> do mundo e manipula o homem através de seu conteúdo simbólico. Dentro do simbólico o mito "narra como a realidade passou a existir, seja uma realidade total ou apenas um fragmento. Sempre mostra a narrativa de uma criação"<sup>18</sup>. Assim, mostra-se à sociedade por meio de crença de um povo no qual caracteriza, dá corpo e constrói sua história culturalmente.

Assim, os mitos fundamentam o mundo e o converte no que é hoje 19 revelando os modelos e fornecendo uma significação ao mundo e à existência humana. O mito, segundo Eliade, "fala" ao homem traduzindo a realidade, mostrando suas verdades e significações. Compreendemos que, para este teórico, o mito é algo vivente e caracteriza-se por isso como linguagem. Justifica o comportamento e as atividades do homem, fornecendo suas condutas e conferindo significação e valor à existência. Transmite conhecimento, manifestando-se dentro da cultura que opera tal qual o universo religioso dessacralizado que nutre a civilização.

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> Martinon, J. P. O Mito da Literatura. In: *Atualidade do Mito*. São Paulo: Duas Cidades, 1977

Eliade, M. *Mythes, rêves et mystères*. França: Gallimard, 1957, p. 26 (tradução livre: "Nous pensons au mythe comme comportement humain et tout à la fois comme élément de civilisation")

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> Idem, p. 23 (tradução livre: "nouvelle source spirituelle et lui rendra les forces créatices")

Eliade, M. Mito e realidade. São Paulo: editora Perspectiva, 2017

<sup>19</sup> Ibidem

Ao determinar a cultura de um povo, o mito responde pela sociedade que apresenta seus temores. Pelos mitos entendemos as preocupações do homem e sua relação com outras culturas. Assim, o mito pode ser entendido como algo que narra à sociedade a sua formação e a sua importância coletiva.

Para tanto, Fernando Pessoa expressa a cultura portuguesa reedificando o passado para criar a identidade própria lusitana, a isso, utiliza-se da via mítica para defini-la, onde aborda o mito como ponto motriz da realidade cultural portuguesa, o qual fornece o sentido de fundamentação do homem e da própria conscientização da religiosidade lusitana para construir a civilização e projetála ao futuro.

O poeta professa uma educação do imaginário que convoca o homem a constantemente significar, simbolizar o vivido como processo contínuo de formação, de autoconstrução de sua humanidade e unidade através do uso do mito como chave da formação cultural, social e política, isto é, da estrutura civilizacional e da raça portuguesa.

Coloca-se assim o mito como elemento básico que pode reduzir-se ao sujeito, sendo que projeta o subjetivo na natureza e o antropomorfisa. Neste sentido, detém-se a ideia que entrelaça o pensamento pessoano que o mito enquanto imaginação deve ser transformado em saber e este, por sua vez, evoca o conhecimento, a superioridade e o poder no mundo. Assim, pensa o mito como o meio de conceber a realidade do povo português e dela lançar-se ao resgate da sua força e do seu domínio perante a Europa do século XX.

O mito queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar. Com o registro e a coleção dos mitos, essa tendência reforçou-se. Muito cedo deixaram de ser um relato, para se tornarem uma doutrina<sup>20</sup>

Desta maneira, o mito leva ao esclarecimento e o reveste, eliminando o incomensurável. Produz em seu interior a possibilidade de manipular os homens através do seu conteúdo simbólico e de ser uma crença traduzida em religião popular. Por esta razão, Fernando Pessoa utiliza do mito para desenvolver uma religião própria a seu povo, que criaria e identificaria o homem português e sua cultura única, remodelando a cultura e a civilização, as quais se colocariam como plano de revolução cultural.

Assim, pensa o mito como um comportamento humano e um elemento de civilização. Por estes pressupostos, o mito trabalhado por Fernando Pessoa se coloca com a visão de Joseph Campbell de que é um tema que dá sustentação a vida humana e enforma religiões e como pode ser complementado por Levi-Strauss é pelo mito que cada grupo social expressa suas construções

Adorno, Theodor & Horkheimer, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1985, p. 23

míticas, suas atividades em relação ao mundo e suas maneiras de resolver os problemas da existência.

O poeta, desta forma, cria uma obra literária de caráter representativo do povo que tem em si o sentimento religioso, isto é, uma forma racional e messiânica, um aspecto místico (como o cristão) e um aspecto pagão (divinização do homem).

O mito é o modo de expressão do mundo humano. As crenças que os mitos veiculam, enquanto acarretam a adesão, não possuem caráter de força ou de obrigação. O mito comporta em sua origem um tom fictício que denota o que chamamos de religião e também o que é para nós a literatura (em oposição o que é a ordem do real por um lado, e da demonstração argumentada por outro, o que é do domínio da ficção pura)<sup>21</sup>

O mito corresponde a forma de conhecimento que se efetua com a elaboração do imaginário simbólico que permite estruturar e projetar a sensibilidade em relação a realidade social para efetivar a existência ampliada pela criação de sentidos (ALMEIDA, 2005/2006, p. 13).

Uma das principais característica do mito é interligar os níveis da existência, sejam eles macro ou micro, está presente na criação do corpo do homem e na construção da sociedade e sua cultura. Assim, Campbell pode afirmar que a mitologia é uma função da biologia [...] um produto da imaginação do soma. O que os nossos corpos dizem? E o que eles estão nos contando? A imaginação humana está enraizada nas energias do corpo (apud KELEMAN, 2001, p. 25).

Segundo Keleman (2001) "nosso corpo é um processo. Sua estrutura tem uma forma de pensar, de sentir, de perceber e de organizar suas experiências, um modo inato de formar as suas respostas. Sendo criaturas corporificadas, poderíamos dizer que o nosso corpo é o nosso destino".

Desta maneira, instaura a possibilidade de representação da modernidade em seu nível simbólico, onde compreende o imaginário como atualização mítica das imagens que apresentam sentido a experiência e conhecimento humano, guia a pluralidade dos sentidos para uma visão complexa da realidade social humana como conceitua Morin (1999). (apud ALMEIDA, 2005/2006, p. 14)

Desta maneira, pode-se trazer o mito para o escopo da cultura que reflete a estrutura social e suas relações, oferecendo uma derivação de sentimentos reais. Ao colocar o mito como elemento da cultura, integra-o como elemento do universo religioso dessacralizado que nutre e forma a civilização.

Mostra-nos que a crença do povo escapa às grandes religiões e que busca constituí-lo através do mito pertencendo a cada indivíduo que compõe a sociedade. Desta maneira, conduz tematizar o mito como base da cultura de seu país e que esta, por sua vez, caracteriza a religião. Portanto, vê

Vernant, J.P. Entre Mito e Política. São Paulo: Edusp, 2009, p. 229-230

que por meio da religião mítica, neste caso de fundo sebastianista, encontra-se como único movimento realmente nacional, sendo mítico e social e que apresenta a força de um movimento religioso, pois une a sociedade complexa e constrói um sentido cultural.

O pensamento mítico permite estabelecer, entre os diferentes elementos de uma cultura, o tecido intelectual, o aspecto mental da vida coletiva, permite estruturar, classificar, sistematizar, tornar assimilável, um saber compartilhado, o mito.<sup>22</sup>

Desta maneira, o mito coloca-se como sistema simbólico de dimensão social que fornece a identidade social e a imagem do homem além de construir a estrutura religiosa que garante as bases da cultura.

O mito sempre retoma a tradição, o pensamento mítico, em uma civilização permanece vivo. (...) A mitologia está sempre constituindo o lugar onde as crenças religiosas podem se explicitar, onde se perpetuam.<sup>23</sup>

Por ser um pensamento presente na sociedade, o mito representa a concepção ideológica da sociedade visando a explicação das suas estruturas políticas, sociais e culturais. Mostra a concepção da atitude religiosa, dos costumes e dos hábitos. Seu principal produto é a formação e a manutenção da identidade de um povo.

Ao determinar a cultura de um povo, o mito responde pela sociedade que apresenta seus temores. Pelos mitos entende-se as preocupações do homem e de sua relação com outras culturas. Adapta-se pouco a pouco de acordo com a necessidade da sociedade em forma de narrativa. Assim, o mito pode ser entendido como enredo ou poesia que mostra as referências secundárias e parciais a alguma coisa de importância coletiva.

Ao questionar a realidade e a imaginação através do uso do mito em meio a uma sociedade desenvolvida tecnocientificamente critica o indivíduo moderno lusitano em seu íntimo. Podemos entender que o imaginário enraíza-se no próprio corpo do homem e este atua incorporando a razão e promovendo a reabilitação dos símbolos como mediadores do conhecer. Ao entender este imaginário como simbólico, provoca-se a emergência do uso do mito como campo do conhecimento simbólico que conjuga as narrativas da sociedade e mostra a pluralidade dos sentidos presentes na abertura da modernidade.

Desta maneira, o texto Mensagem<sup>24</sup> coloca-se como uma das obras chaves para a compreensão do desenvolvimento conceitual complexo, heterogêneo e enigmático de Pessoa. Esse

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> Vernant, J.P. *Entre Mito e Política*. São Paulo: Edusp, 2009, p. 291-292

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> Vernant, J.P. *Entre Mito e Política*. São Paulo: Edusp, 2009, p. 232

Pessoa, F. Mensagem. BN Esp. E3/146, 1934 (Visualizado na Biblioteca Nacional de Portugal em 23 de setembro de 2018 – http://purl.pt/13965)

texto nos traz a compreensão de séculos de história através da ideia de mito enquanto meio estrutural da sociedade, o qual se repete ao longo dos tempos mostrando e justificando sua presença na realidade do mundo.

Ao longo das suas páginas, esbarramos em referências a reis e rainhas, infantes e navegadores, batalhas, revoluções e acontecimentos. No entanto, não se trata de mera descrição epopeica. Pessoa fornece a sua interpretação da história de Portugal, através de uma representação escriturária tanto dentro de um heroísmo messiânico quanto de um saudosismo mítico. Além disso, o poeta busca mostrar a condição humana e seu alcance universal<sup>25</sup>.

Talvez o primeiro mito português seja a figura de D. Afonso Henriques. Esse também é o primeiro mito que explica Portugal. De acordo com a lenda sobre a formação dos limites territoriais e da própria constituição da civilização portuguesa, D. Afonso Henriques sonhou com Cristo na noite anterior à Batalha de Ourique. Ao amanhecer, após realizar uma vigília, foi surpreendido por um raio de luz que delineou no céu a imagem de Cristo crucificado. Encorajado pela visão, teria derrotado cinco reis mouros, dando origem ao chamado Milagre de Ourique<sup>26</sup> e definindo, assim, os limites territoriais de Portugal e a própria constituição de seu povo: cristão, regido pela fé e pela espada. Em sinal de gratidão e fé pela vitória e pelo sonho, mandou estampar no escudo de Portugal as quinas representando em forma de cruz, as cinco chagas de Cristo (estas chagas representariam a soma de dinheiro entregue por Judas aos romanos), que permanecem presentes no Brasão de Portugal até hoje. As quinas são quatro dos filhos de D. João o Primeiro: D. Duarte, rei de Portugal, e seus irmãos – D. Fernando, D. Pedro, D. João – e seu descendente, o último rei da Dinastia de Avis, D. Sebastião<sup>27</sup>. Assim, temos o primeiro mito de Fernando Pessoa constituído em D. Afonso Henriques como o mito da formação portuguesa.

Pae, foste cavalleiro. Hoje a vigília é nossa. Dá-nos o exemplo inteiro E a tua inteira força!

Dá, contra a hora em que, errada, Novos infieis vençam, A benção como espada, A espada como benção!<sup>28</sup>

O poema escrito por Fernando Pessoa é composto por duas quadras com rimas intercaladas (ABAB CDCD) e um eu lírico em primeira pessoa no plural (nossa, nos). O poema diz respeito a

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup> Moisés, C. F. Roteiro de Leitura: Mensagem de Fernando Pessoa. São Paulo: Ed. Ática, 1996, p. 51

Berardinelle, C. & Matos, M. (org). Fernando Pessoa – Mensagem. Rio de Janeiro: Ed. 7 letras, 2008, p. 12

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> Ibidem

Pessoa, Fernando. D. Affonso Henriques In: *Mensagem*. BN Esp. E3/146, 1934 (visualizado no site da Biblioteca Nacional de Portugal em 23 de setembro de 2018 – http://purl.pt/13965)

construção histórica de Portugal realizada por D. Afonso Henriques, filho do conde de Portucale, que revoltou-se contra sua mãe, conquistando a Independência de Portugal e iniciando, desta forma, a reconquista portuguesa, conduzindo pela espada a eliminação dos mouros e levando, para o norte todos os cristãos presentes no território.

O mito construído em torno desta figura surgiu em decorrência da estabilização das fronteiras lusitanas, da manutenção de boa relação com judeus presentes na região, pelo desejo de independência e formação de identidade de seu povo cristão, que via a região como pertencente a existência desse povo.

O eu lírico constrói um diálogo entre D. Afonso Henriques e Deus ao tratá-los pelo termo "Pai", constituindo um paralelismo que recupera a unificação da dualidade entre crença e realidade que recobre a formação de Portugal, sua independência e futuro: Portugal designado por Deus e guiado pela espada, isto é, desenhado pela ideia da crença e realizado pelas mãos do homem e de sua luta por independência, glória e poder.

Neste sentido, o poema possui duas visões:

- 1) D. Afonso Henriques, primeiro rei, colocado como "Pai" de todos os portugueses e "cavaleiro" de Deus que guia o povo a assimilar sua cultura, a fé e o pensamento tanto político quanto social. Parafraseando Berardinelle, D. Afonso Henriques, através do eu lírico que lhe pede "o exemplo inteiro/E a inteira força" para praticar a "vigília" e ascender à gloriosa categoria a que foi elevado de "Pai" traria consigo a questão histórica, social e religiosa de seu povo e expressaria através de si a origem lusitana carregada de fé e do desejo de grandeza;
- 2) a palavra Pai presente no discurso do poema revela-se como Deus, semeador do desejo, da esperança e da fé por meio da revelação que a religiosidade ensina, religiosidade essa pertencente aos portugueses que, por meio dela, unifica-se como nação.

Dessa maneira, o poema traz para si a construção cultural portuguesa na raiz da fé em Cristo, na esperança como tradição e na força que não é vista, mas sentida. Além disso, o eu lírico traz para o leitor a constituição mítica de D. Afonso Henriques traçada pela "benção" (elemento de composição da fé e da presença do sonho com Cristo) de Deus. Assim, a condição religiosa presente no poema é revelada. Essa condição pertence tanto à independência de Portugal quanto ao seu futuro, visto que foi pela fé que a batalha travada e vencida constituiu a territorialidade portuguesa presente até os dias atuais. O ímpeto heroico é fortalecido pela figura da "espada" (representante da força e poder) e depende da ação consciente do próprio homem para se consolidar.

Berardinelle, C. & Matos, M. (org). Fernando Pessoa – Mensagem. Rio de Janeiro: Ed. 7 letras, 2008, p. 10-11

A segunda figura que habita a construção do imaginário mítico do Sebastianismo e do pensamento pessoano apresenta-se como o segundo mito em **Mensagem**: é de D. Sebastião, visto como o desejado, o encoberto ou o esperado. Já nascera órfão: o pai morrera antes de sua vinda, a mãe deixou-o entregue a avó. Aclamado rei aos três anos e meio, havia a necessidade de uma regência para o reino português e dois parentes próximos a disputaram: a avó paterna e o tio-avô, o Cardeal D. Henrique. Cada um deles incutiu no discípulo o seu próprio caráter: imprimiu a fé ardorosa com inclinação a castidade e a convicção militar. A soma destas duas influências imprimiu no príncipe um caráter ao mesmo tempo religioso e militar, levando-o a conduzir o reino ao seu desastre<sup>30</sup>, em Alcácer-Quibir<sup>31</sup>. Destacou-se pelo heroísmo desatinado e desdenhando sua defesa e consequentemente sua Pátria.

Fernando Pessoa ao construir o poema "D. Sebastião, Rei de Portugal", escrito em 20 de fevereiro de 1933, remete a história de Portugal e a reconstrução da força e glória portuguesa através da inserção do sebastianismo como mito da pátria.

Louco, sim, louco, porque quiz grandeza Qual a Sorte a não dá. Não coube em mim minha certeza; Porisso onde o areal está Ficou meu ser que houve, não o que ha.

Minha loucura, outros que me a tomem Com o que nella ia. Sem a loucura o que é o homem Mais que a besta sadia, Cadaver addiado que procria?<sup>32</sup>

O poema divide-se em duas quadras de cinco versos, com rimas imperfeitas (ABAB'B" CDCD'D"). O primeiro verso do poema sugere duas vozes: eu e ele através do verbo "quiz", isto é, o leitor pode identificar a fala do poema sendo de D. Sebastião ou como sendo do eu lírico.

Na primeira parte, o eu lírico (eu/ele) caracteriza-se como sendo "louco" (a palavra aparece duas vezes), não em sentido negativo, mas para mostrar-se sonhador e defensor angustiado de um ideal de grandeza, em uma acepção que assume o arquétipo de conquistador de novas terras para engrandecer a Pátria. Este termo propõe pensar e olhar para o futuro e retirar Portugal da decadência e do domínio estrangeiro para torná-lo uma nação sólida, próspera e imperial.

Batalha travada no norte do Marrocos perto da cidade de Alcacer-Quibir. Os portugueses liderados pelo rei D. Sebastião aliados ao exército do sultão Mulei Mohammed combateram um grande exército saadiano liderado pelo sultão Mulei Moluco que possuía o apoio otomano. O fervor religioso de D. Sebastião fez planejar uma cruzada após Mulei Mohammed solicitar ajuda para recuperar o trono tomado por Mulei Moluco. A batalha resultou na derrota portuguesa e no desaparecimento de D. Sebastião e no aprisionamento ou morte da nobreza portuguesa.

Pessoa, Fernando. D. Sebastião, Rei de Portugal.In: *Mensagem*. BN Esp. E3/146, 1934 (Visualizado na Biblioteca Nacional de Portugal em 23 de setembro de 2018 – http://purl.pt/13965)

Idem, p. 16-17

Nesta quadra, há também a presença do "areal" que retoma a imagem de D. Sebastião na batalha de Alcacer-Quibir, onde o seu corpo físico não foi encontrado, como explicitado no verso "ficou meu ser que houve, não o que há". Esse verso recorda um corpo que não existe mais, portanto desfeito. No entanto, a sua "loucura" permanece como sonho de um futuro que profetiza a permanência do espírito e do ideal sebastianista de grandeza portuguesa, levando o seu pensamento, ou melhor, a ideia contida no seu ser, a permanecer entranhado no povo, criando uma memória: "ficou meu ser que houve".

Na segunda estrofe do poema, o elogio à loucura mostra que outros devem dar continuidade ao sonho de D. Sebastião, presente nos versos "Minha loucura, outros que me a tomem/com o que nela ia", ou seja, há uma projeção para o futuro de Portugal, que o povo deverá desejar e ter iniciativa para trazer ao país a sua glória novamente. Desta maneira, constata que outra geração deve alcançar o objetivo que D. Sebastião não conseguiu, isto é, de levar o país à glória através desta loucura que é o sonho. Além disso, nesta segunda estrofe o homem deve ter ambição para distinguir-se de um animal e lutar pelos seus desejos, para que não seja aquele que não tenha sonhos como apresentado no último verso "cadáver adiado que procria?".

D. Sebastião perpetua-se em outro poema presente em **Mensagem**, "D. Sebastião", como aquele que deixou o areal africano "seu ser que houve, não o que há". Há e haverá uma permanência mítica sebastianista para a qual contribui a poesia pessoana.

Sperae! Cahi no areal e na hora adversa Que Deus concede aos seus Para o intervallo em que esteja a alma immersa Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte e a desventura Se com Deus me guardei? É O que eu me sonhei que eterno dura, É Esse que regressarei<sup>33</sup>

O poema explicita a fé que salvaguarda e permite a ressurreição. O corpo perdido no areal não tem relevância perante a crença, pois por ela foi salvo do esquecimento e com ela regressará. Assim, funda-se a esperança da vinda do Salvador. D. Sebastião eleva-se ao patamar de Cristo. Seu corpo desaparecido assemelha-se à ausência do corpo de Cristo na tumba, etapa que antecedeu imediatamente o seu retorno, unificando tudo e nada, existência e não existência por meio da ressurreição. A verdade universal de Portugal é a unidade de passado, presente e futuro, unificados pela crença.

Pessoa, Fernando. D. Sebastião. In: *Mensagem*. BN Esp. E3/146, 1934 (Visualizado na Biblioteca Nacional de Portugal em 23 de setembro de 2018 – http://purl.pt/13965)

Os poemas de **Mensagem** apresentados aqui e, principalmente, as duas figuras portuguesas de D. Afonso Henriques e de D. Sebastião se aproximam da imagem de Cristo. O primeiro liga-se a Cristo por meio do sonho profético e do alcance da graça divina. O segundo, pelo destino glorioso através da fé e do desaparecimento de seu corpo. Além disso, encontra-se na figura de D. Sebastião ecos de D. Afonso Henriques quanto à fé e à força. Ambos também mostram a incessante busca de poder e redefinição de fronteiras através de lutas. Os portugueses se leem na figura de D. Afonso Henriques como predestinados e se releem no mesmo molde na figura de D. Sebastião.

Assim, os poemas de **Mensagem** apresentados aqui sugerem que a história portuguesa caminha em duas vias traçadas paralelamente na vida de seu povo. A primeira delineia o mítico, o qual conduz esta história acima da compreensão humana. Distancia-se do mundo concreto reforçando um heroísmo quixotesco, sonhador, de feitos impossíveis que só podem ser sustentados pela fé nos mesmos. A segunda via formula-se na realidade concreta de duas figuras que realmente existiram em momentos de liderança política e econômica de Portugal e, portanto, fizeram parte do mundo sociopolítico e cultural desse país.

O vínculo concreto que esses personagens possuíram com momentos históricos de prosperidade somam-se à crença religiosa que alimenta as suas reformulações a mitos de ressurreição e salvação, unindo realidade e "loucura", o sonho que almeja mais. Desse modo, a preocupação com a mítica portuguesa só tende a crescer, pois humano e divino vinculam-se nas figuras históricas.

Além disso, percebemos a repetição e a semelhança entre as figuras que se fazem míticas e suas reinterpretações. Portanto, podemos trabalhar o percurso do discurso pessoano dentro do período em que o poeta viveu do início do século XX. Ao engajar sua reflexão sobre o nacionalismo e diálogos culturais, promove o alinhamento destas figuras do passado com uma figura presente no período de criação do poeta e que dialoga e encarna este misticismo sebastianista exacerbado. Com isso, pretendemos obter um aparato mais contundente sobre o que Fernando Pessoa pretendeu para Portugal e compreender, de maneira mais aguçada, os ensaios de **Sebastianismo e Quinto Império**.

Assim, em paralelo as figuras já apresentadas, encontramos o poema À Memória do Presidente-Rei Sidónio Paes. Retratamos esse poema como pertencente a uma visão mais política e social do mito sebastianista, enfocando o período do século XX e a mitificação de Sidónio Pais.

desejamos saudar o Sr. Dr. Sidónio Pais, Presidente da República, pela vontade do Destino, o direito da Força, direitos maiores que o sufrágio de empréstimo que o elegeu. Esta saudação não é extensiva aos traidores germanófilos e incompetentes que, apoiando-o [?], lhe desvirtuam as intenções, lhe encurtam o prestígio e lhe vendem a força conquistada. (...) A nossa saudação final vai para a Imprensa, e distinguimos, sobre todos, os jornalistas que estão presos à ordem do neo-

democratismo que nos governe, e entre eles, o maior de todos, o grande (...) que é o Sr. Homem Cristo.<sup>34</sup>

O longo poema À Memória do Presidente-Rei Sidonio Paes<sup>35</sup> (em anexo), composto por 60 quadras com rimas intercaladas (ABAB CDCD) e publicado em 1920 no jornal Acção, é um poema político de propósito interventivo ao sistema republicano português, a cultura e, de certa forma, uma homenagem a Sidónio Pais.

a influência atuante de Sidónio Pais, é, para o sociólogo, um dos períodos mais importantes da história pátria. E é-o porque nele se concentraram, e, de certo modo, revelaram o seu maquinismo interno, as várias forças, os vários (...) que entram em jogo na formação atual – herdada como mostrarei [?] – da pátria portuguesa<sup>36</sup>

Fernando Pessoa escreveu este poema anos depois da morte de Sidónio Pais em 27 de fevereiro de 1920 e transformou-o em mito. Neste momento deve-se ter em mente que o poeta ao escrevê-lo se colocou unido às tendências de sua pátria, diferentes das tendências esquerdistas presentes na Europa do comunismo e anarquismo: "o Sidonismo apareceu a certa altura da vida da República, e o movimento de 8 de Dezembro foi uma contra-revolução republicana."<sup>37</sup>

O sentido do sidonismo está em acordo com a condição da sociedade (política) portuguesa. Assim, as causas do advento deste símbolo devem ser vistas não só pelo espírito político da república portuguesa, mas também, pela ocasião do protótipo de guerra europeia.

A República da qual o sidonismo prolifera aceita a eliminação da Monarquia, mas não aceita a falsa destruição que consiste em continuar, sem rei, a governar do mesmo jeito. Ao pensar em destruir a monarquia, o poeta inscreve-se contra a visão do país que tem "a mentalidade dos idiotas e queria milagres"<sup>38</sup>. Fernando Pessoa não pensa em só tirar o rei, mas, sobretudo, substituir a mentalidade dos governantes por outro tipo de mentalidade.

Portugal nesse tempo ainda se encontrava como um país de analfabetos, desta forma, era impossível empregar como solução deste sistema de mentalidade algo que não estivesse ligado a constituição do milagre e da solidez da simbologia galgada na fé.

A mudança de mentalidade consistia na substituição de elites que não são recrutadas entre políticos profissionais, nem em bacharéis ou caciques, mas sim, por outras classes como o exército, os comerciantes e industriais que são de espírito contrário ao deles. Fernando Pessoa justifica sua visão proeminentemente voraz ao uso da força física e ou psicológica com a ferramenta ideológica

<sup>&</sup>lt;sup>34</sup> Pessoa, Fernando. *Da República (1910-1935)*. São Paulo: Ática, 1979, p. 239

Visualizado na Biblioteca Nacional de Portugal em 5 de março de 2018 – <u>www.bnportugal.pt</u> (BND I-79533-v)

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> Pessoa, Fernando. *Da República (1910-1935)*. São Paulo: Ática, 1979, p. 239

<sup>&</sup>lt;sup>37</sup> Idem, p. 240

<sup>&</sup>lt;sup>38</sup> Idem, p. 245

Sidónio Pais: "Maravilhosa intuição a do Presidente Sidónio Pais em buscar apoio no exército, procurando-o nas classes extra-políticas e esforçando-se por que vingasse a República Presidencialista"<sup>39</sup>. Estas forças modificariam a estrutura política vigente e continuadora da monarquia que estagnara o país.

O governo de Sidónio Pais apresentava-se imbuído de uma ambiguidade que de um lado buscava libertar-se da "casta política" que explorava o Estado em proveito próprio e degenerava o país com seu pensamento de retomada das origens portuguesas com a manutenção do sistema republicano e, de outro, deixava regressar os monarquistas exilados, minimizando a pressão anticlerical à Igreja Católica e abolindo a censura prévia à imprensa.

Além disso, propunha o rompimento com os partidos republicanos vistos como forma de retrocesso. Assim, abriu-se as portas do regime a todos sem olhar credos políticos ou religiosos. Buscou uma república forte onde houvesse uma convivência mútua entre monarquistas e republicanos. Para isso, procurou traçar uma mudança no comportamento do próprio povo.

em quem se apoiaria Sidónio? O seu grande partido era os não políticos, a opinião que estava com ele opinião maior, *politicamente inorganizada*. Ou Sidónio havia de arriscar-se a fracassar politicamente, por falta de apoio *político* (por forte que fosse o seu apoio nacional), ou havia de ligar-se àquele partido político que, como os apolíticos, era antidemagógico, embora o fosse por outras razões do que as dos apolíticos. Esse partido era o monárquico<sup>40</sup>

Todavia, a mudança mais espantosa na nação não se revelou através da modificação política, mas sim, pela imagem do próprio Sidónio Pais que foi visto pelo povo como o "salvador" da nação para aqueles anos de fome, guerra e doenças pelo qual Portugal passava. Por conta disso, ao longo de 1918 seu governo obteve estabilidade governativa, um aumento do poder pessoal do presidente, aumento do poder militar perante a sociedade que ocasionaram inconstância social e a presença de conspiração para derrubada de seu governo. No final de 1918, o país encontrava-se em estado de sítio. O prestígio que antes detinha não mais se concretizava perante a sociedade. Desta forma, manifestações se lançavam contra o governo e atentados contra o presidente se fizeram ao longo dos meses até que em 14 de dezembro houve seu assassinato.

A imagem construída pelo povo foi de que Sidónio seria o novo Cristo e que conduziria o país a uma nova história de poder e glória anteriormente perdida. Assim, construiu-se sua figura através da personificação de um presidente-rei, com a visão de um herói representativo para o povo.

No poema, a imagem de Portugal se constrói dentro de uma cultura mítica: "O vago misticismo que nos caracteriza não pode ser desdenhado. O português pode não ter necessidade de

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> Idem, p. 244

<sup>&</sup>lt;sup>40</sup> Pessoa, Fernando. *Da República (1910-1935)*. São Paulo: Ática, 1979, p. 258-259

crer mas tem, sempre, de divagar e sonhar"<sup>41</sup>. Ao apresentar-se dentro deste desejo nacional, o poeta fornece ferramentas para o povo crer em sua salvação, apontando o regresso em uma nova versão do Encoberto e reescrevendo o simbolismo do sebastianismo novamente em Portugal no início do século XX.

Ao analisarmos o poema que Fernando Pessoa escreveu sobre Sidónio Pais, percebemos duas linhas de raciocínio que dialogam com a história de Portugal e de seu interesse nacional mítico: a espada e Deus. Estas duas imagens apresentam-se como símbolos do destino de Portugal, a primeira reverbera a formação portuguesa cravejada pelo poder e força da soberania territorial, que não se desvencilha de seu passado de formação e destino, isto é, a cultura e sociedade portuguesas tem seu destino selado desde a formação com D. Afonso Henriques que representa a justiça e autoridade, além da condição bélica do país. A segunda imagem, simbolizada por Deus, habita o mundo oculto e a predestinação da nação, que cultua seu destino nas mãos da esperança redentora e unificadora.

Segundo o eu lírico "No culto para o nosso olhar / No visível à nossa alma", estas imagens traçam a subjetividade do povo que encontra no milagre seu destino e essência da vida, a qual revela-se por meio da mitificação de fatos e personagens representativos da cultura nacional.

O eu lírico indaga a representatividade do presidente-rei - "Que resta d'elle a nós – só o nome / E a fé perdida?" - já morto "Porque para elle, já virado / Para o lado onde está só Deus". Nesta passagem, o eu lírico aborda a descrença no presente, no mundo e na sociedade. Contudo alinha a isso a provocação de que a transformação política ocasionada por Sidónio Pais não definiu o futuro de Portugal após sua morte. Assim, com sua morte só restou seu nome na lembrança da sociedade como forma da modificação sociocultural e política desejada.

Todavia, "a alma accesa não acceita / essa morte absoluta, o nada" pois por ela reflete a lembrança, a memória de quem são os portugueses: um povo forte, digno de grandeza e do desejo do amanhã. Por isso, encontra-se no "amor de um povo!" a condição de permanência, de estar vivo após a morte, isto é, o que Sidónio realizou nacionalmente de retirar o país da miséria e transformar a política portuguesa, modificando sua estrutura. A morte "o sagrou Rei!" transformando-o em tradição. Sua imagem ressalta o passado de luta armada que conduziu a glória e ao poder imperialista português.

O eu lírico revelando a permanência de Sidónio na vida portuguesa, propõe que "Inda o teremos / Em nossa frente" condicionando-o como símbolo nacional e retomando esta tradição esquecida desde D. Sebastião. Assim, insere-o junto a história das tradições portuguesas: "Elle ainda pensa em nós e é / O bem-amado". Ao retomar a história, o eu lírico nos fala e confirma que a

<sup>&</sup>lt;sup>41</sup> Idem, p. 157-158

revolução política portuguesa que Sidónio firmou foi um ato de pensar em Portugal e no bem-estar de seu povo, permitindo crer que uma política de direita, realizada pela força, constrói o país e modifica-o para sua glória.

Ao condicioná-lo simbolicamente como pilar da memória e do destino português, o eu lírico instiga a pensar no seu retorno, como pode ser visto na passagem do poema "Ressurrecto da falsa morte". Sua morte apenas caracteriza o fim de seu corpo físico, mas não de seus ideais e intenções de mudança. Estas devem permanecer na vida dos portugueses, instigando-os a traçar seu próprio destino, tornando "nova forma clara, / Ao tempo e ao espaço" a estrutura social portuguesa, permitindo dar continuidade as mudanças que, pelo eu lírico, apenas será realizada na presença de um novo predestinado ("nova forma clara"). Este ainda não definido pela sociedade que forjaria o destino de Portugal.

Com a morte de Sidónio Pais, fica claro que o destino dos portugueses está chancelado pelo milagre, pois "basta o nome e basta a gloria / Para elle estar comnosco, e ser". O eu lírico ao trazer o nome e a glória mantém o pensamento da tradição e da ressignificação da esperança da alma portuguesa. Como consequência, há uma dualidade do amor e da morte no povo que retoma a esperança do milagre.

Ao pensarmos na possibilidade do milagre chegamos a leitura de que este "Que fala com occulta voz" fala a-historicamente, ou seja, fala junto aos mitos do passado: D. Afonso Henriques e D. Sebastião. Herda de Deus a formação da civilização portuguesa e, através desses dois mitos, mostra esta divina construção. O ocultismo presente no poema busca arranjar explicações para aquilo que é incerto e que traz junto a si o sentimento de angústia presente no mundo do início do século XX.

O desejo de salvação do povo está ligado a D. Afonso Henriques – "E, por directa consonancia / Com divina intervenção / uma hora ergue-nos alta a ansia / De salvação" – e sua força através da "... erguida / 'Spada" que "Inda commanda" o destino de Portugal. Portanto, o eu lírico nos diz que o destino de Sidónio Pais de ligar-se ao exército e a luta armada é da constituição dos portugueses.

Ao apresentar o mito de D. Sebastião "O DESEJADO" e "Se foi de Aviz a ultima estrella / No campo infando", o eu lírico liga-o a Sidónio Pais, intensificando a força do mito através da:

- 1) predisposição da crença e do símbolo
- 2) mudança política provocada por movimentos revolucionários. Por "Aviz" há a mudança dinástica de Portugal conduzida por D. João que foi proclamado rei e criou um governo forte e centralizado possibilitando o cosmopolitismo, a era dos

descobrimentos e expansão territorial; além de D. Sebastião ter sido o último rei desta dinastia.

O poema, ao retratar esses dois mitos, busca trazer para a história de Sidónio o caráter mítico. Para tanto, vê nesta "nova forma" o regresso do mito como elemento forte da "alma de um nome!" que recordará a glória do país e trará junto a si a cultura rica e única e, além disso, o sebastianismo que salvaguardará o destino português. Este será, segundo o eu lírico, "um novo heroe... / Porque o recorde!" que encontrará na dialética entre memória e futuro o resgate do que é próprio de Portugal: sua raiz mítica e o desejo de esperança. Assim, o passado deve permanecer na consciência dos portugueses, pois é dele que retirará a força para manter-se no presente - "querer ser o que já somos" - vinculando a força portuguesa da "espada" com a fé que impregna os corações e as almas.

Ao pensar neste vínculo com o passado, Fernando Pessoa mostra-nos a repetição de um imaginário presente nas três personagens históricas que este poema acaba por retratar: D. Afonso Henriques, D. Sebastião e Sidónio Pais. Neste sentido, a relação de estrutura permanente delineia-se em Portugal através do encontro do primeiro mito de D. Afonso Henriques com o de D. Sebastião. Estas personagens históricas ressurgem no poema de Sidónio Pais através da figura do presidente-rei que une presente e passado, modificando a estrutura social e política portuguesa de agonia e incerteza no início do século XX: "O DESEJADO enfim regresse / A Portugal!". Essa visão prima pela busca da retomada do que foi perdido: a esperança.

Em consonância com Fernando Pessoa, o eu lírico afirma que a "palavra" é "redemptora" e capaz de construir uma "Nova" civilização. Esta proporcionada por um "novo verbo occidental" que sela o destino do ocidente através de Portugal como seu guia e que tem na literatura a ferramenta de manifestação do "verbo" não como referência da palavra de Deus propriamente dita, mas como o próprio significado da existência do homem como ser constituído de linguagem que elucida a construção de seu destino.

Segundo Pessoa, Portugal se redescobrirá através da literatura e, desta, ligada ao misticismo como pode ser visto na quadra 51 do poema: "Sê para nós um mysticismo". A palavra misticismo aparece pela primeira vez em todo o longo poema mostrando que a intenção de unir não somente o lado místico - que envolve Portugal - mas também a força do homem em construir seu destino.

Ao compreender o mito sebastianista e o desenvolvimento do poema sobre Sidónio Pais, vemos que Fernando Pessoa constrói sua arte e pensamento dentro da perspectiva a-histórica e histórica, isto é, constrói o mundo tanto espiritualmente quanto dentro da realidade concreta. A

força do mito fez com que ele pensasse durante toda a sua vida a personagem de D. Sebastião e o modo de reconstruir Portugal.

Através do ensaio **Sebastianismo e Quinto Império** o sagrado é convertido na realidade imanente da sociedade humana. A incorporação da tradição mítica no cerne de conhecimento da civilização fortalece a sua unidade e surge como ferramenta de educação para sua existência, como proteção e construção do grupo social. O pensamento pessoano, busca através da crítica ao país e da defesa do simbolismo messiânico, instaurar a mudança do povo, daí a necessidade de um guia para iluminar o novo modo de olhar Portugal.

Neste sentido, o uso do mito sebastianista coloca em evidência uma perspectiva analítica que atesta o engajamento do autor com sua raiz e com a tradição cultural. Uma das principais funções das narrativas míticas consiste em promover um âmbito de sentido, fundamentação e legitimidade de práticas sociopolíticas e representa o meio de acesso ao povo.

Não traduzimos o mito para entender a sociedade, mas o mito por si próprio fornece estas condições. Torna-se um elemento da cultura do país que chancela a ideia de reversibilidade da história de seu povo, seus traumas, possibilitando a mudança de concepção da pátria e do grupo social ao qual pertence e, também, de irreversibilidade, introjetando no interior da sociedade os antigos mitos e a partir deles a construção dos novos valores morais e novos hábitos. Não se trata de modificar a estrutura histórica do país, mas apenas possibilitar um outro olhar para dentro de seu próprio contexto.

O estudo crítico do ensaio de Fernando Pessoa – **Sebastianismo e o Quinto Império** – procura mapear a estrutura de pensamento do poeta cuja intenção parece ser a de criar o mito sebastianista como um modo de resgatar Portugal do seu ostracismo e colocar a literatura nacional no mesmo patamar das literaturas europeias.

Além disso, o poeta pensa historicamente sua produção. Sua escrita busca a mudança de mentalidade que leva a uma mudança da compreensão da identidade portuguesa, permeada pela inter-relação entre estrutura social e pensamento. A atenção de Fernando Pessoa manifesta-se, sobretudo, na relação entre civilização e construção de identidade. Trabalha com a história para dar profundidade e definir seu processo de pensamento, mostrando que não há separação entre arte e mundo concreto, um depende do outro para se realizar, pois absorvem suas representações para construir a imagem material do que está interiorizado pelo indivíduo.

Pode-se analisar o mito sebastianista não somente como uma forma de compreender a cultura portuguesa, mas também traçar este uso do sebastianismo em Pessoa como um de seus heterônimos mais complexos. Entendê-lo como um heterônimo expande o sentido do mito e por

conseguinte do uso religioso como uma arte que traz no sentido da beleza a explanação da realidade civilizacional e o caráter identitário português.

Neste sentido, mostra uma arte que deve ser despida de todas as armaduras e tradições como a cultura. Deve ser colocada em liberdade, deglutida, fragmentada para restaurar, reconstruir e se fortalecer. Deve-se abrir para o mundo para renascer. Assim, pensa Fernando Pessoa ao construir seu projeto tendo o mito como base do fluxo de construção literário.

Transforma as relações sociais e as percepções do visível ao propiciar a exploração do homem em seu contexto interno e externo. Permite que este transforme, modifique sua forma de pensar, agir e ver o mundo. Cria possibilidades de autoconhecimento e de formar um homem crítico a seu tempo e crítico as suas formas de comportamento e postura com o outro. Analisa a sociedade e a cultura refletindo-as ao mundo através da literatura.

Manifesta a cultura do desdobramento que traz a liberdade e modela-se em torno de vários elementos para redefinir o mundo. Explora novas construções e percepções através de uma nova significação e simbologia.

Relaciona a dimensão metalinguística do mito com a interculturalidade de Portugal, mostrando que a dimensão mítica do imaginário português media o diálogo entre povos e corrobora na incersão da língua como veículo dessa manifestação perante o mundo.

O poeta concebeu que o mito de Portugal cria a imagem de nós mesmos para nós mesmos e para o espelho do mundo. Encontra-se que a lógica do mito funda a pátria e a nação trazendo para si a coesão de arquétipos fundamentais que codificam esta cultura. Propõe o conhecimento da identidade cultural e o seu enraizamento através da inspiração mítica.

No trajeto da mitologia à logística, o pensamento perdeu o elemento da reflexão sobre si mesmo, e hoje a maquinaria mutila os mesmos quando os alimenta. Sob a forma das máquinas, porém, a *ratio* alienada move-se em direção a uma sociedade que reconcilia o pensamento solidificado, enquanto aparelhagem material e aparelhagem intelectual, com o ser vivo liberado e o relaciona com a própria sociedade como seu sujeito real<sup>42</sup>

Fernando Pessoa compreende que na sociedade portuguesa da qual faz parte incutir o mito como princípio formador do português é o caminho para normalizar os comportamentos do indivíduo como sendo naturais, decentes e racionais.

Portanto, o pensamento pessoano tange a premissa que quando tudo já houver minado as bases da religião e da ciência, que são compostas pela justaposição das religiões que formaram Portugal, encontrar-se-á uma revivescência mística que mostrar-se-á como uma forma social da arte.

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup> Adorno, Theodor & Horkheimer, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1985, pp. 48

Em Pessoa, o mito é vislumbrado como realidade viva que codifica a sabedoria e a religião que fornecem as bases de formação de seu povo. A cultura portuguesa entende-se como mito, como imaginação simbólica que encontra na vida imaginária a busca da realidade comum. Dentro do que é simbólico à Portugal, o mito mostra-se à sociedade como a forma de crença de um povo, à qual caracteriza e dá corpo à religião e constrói sua história em sua parte cultural.

Este pensamento volta-se o olhar para a própria cultura grega da qual o poeta orienta-se para postular o destino de sua nação. Como os gregos, Pessoa traz como alicerce de sua criação a ligação do mundo real com a construção mítica e da ligação universal com todos os territórios do mundo. Consiste este pensamento na premissa que a formação de seu povo apresenta uma relação direta com a criação do mundo (cosmogonia), assim, consiste sua mentalidade mítica de ascendência divina.

o mito narra como a realidade passou a existir, seja uma realidade total ou apenas um fragmento. Sempre mostra a narrativa de uma criação $^{43}$ 

As ideias míticas presentes em Portugal e na própria literatura de Fernando Pessoa não se vinculam somente a eles, mas perpassam o ideal de expansão dos europeus. A Europa traz os germes de uma cultura ecumenizante que constitui um mecanismo de colonização cultural planetária, ou seja, traz os componentes lógico-jurídico-estatal do mundo clássico e o evangélico-universalista do cristianismo que alicerçam a linguagem intercultural e criam nas sociedades características iguais e distintas para que haja sentido de unidade. Dentro dela está desenvolvida a estrutura social, intelectual e moral da humanidade que gera o estado de cultura que constitui e explica o mundo em que os homens vivem.

A visão de Lévi-Strauss de que "os mitos apresentam as referências aos costumes dos povos" permite abordar o pensamento pessoano e seu jogo literário através da ideia que os mitos pensam a sociedade de onde provêm, mas que não pertencem a uma única sociedade, pois o que é mais próprio deles é estar presente em todas as sociedades e, assim, transformarem-se ao longo do tempo. Seu sentido não está contido dentro de si mesmo, mas pertence ao imaginário e a realidade do povo que se manifesta na religião e na cultura, respectivamente. Portanto, mostra o mito refletido no comportamento humano e como metalinguagem, isto é, um modo de comunicação que determina a formação cultural e religiosa. Neste sentido, transmite e recebe informações de modo objetivo sobre a realidade. Implica assim, na sua codificação de modo metafórico a partir do uso da linguagem literária, da poesia como sua válvula de comunicação com o mundo.

Eliade, M. Mito e realidade. São Paulo: editora Perspectiva, 2017

Levi-Strauss, C. O Cru e o cozido – Mitológicas 1. São Paulo: CosacNaif, 2011

A análise mítica mostra-se como uma forma explicativa da formação cultural e religiosa de um povo. Por operar nessas formações, o mito coloca-se como a linguagem que fornece a conduta humana e confere a existência do homem dentro de sua cultura particular. Por sua vez, o mito vive em um "mundo aberto", embora "cifrado" e misterioso. Assim, o mito "fala" ao homem e, para compreender essa linguagem, basta-lhe decifrar seus símbolos.

Dentro desta perspectiva, justificamos o mito em Fernando Pessoa seguindo o mesmo raciocínio de Mircea Eliade em "Mito e Realidade": o mito fornece o modelo da conduta humana, conferindo significação e valor à existência do homem. Assim, compreende-se o mito como fenômeno cultural que se refere à realidade viva e transmite conhecimento e se recorre incessantemente. Por meio disso, pode-se interpretar o mundo através da experiência dos símbolos ou do sagrado que desponta a ideia de realidade, verdade e significação ao homem.

Nesse sentido, como Lévi-Strauss nos mostra em "Antropologia Estrutural" o mito é o reflexo da estrutura social e das relações sociais que oferece uma derivação de sentimentos reais. O mito provém do discurso e faz parte integrante da língua. Nesse sentido, o que Lévi-Strauss fornece para compreender a ideia do mito e que respalda a visão pessoana, é que o mito está na linguagem, sendo um fenômeno cultural, e no comportamento do povo do qual reflete o pensamento e o seu discurso cultural: "Os mitos fundamentam o mundo e o converte no que é hoje"<sup>45</sup>

Assim, Fernando Pessoa traz o mito colocado no inominado e no imponderado a sua essência, confinando a sua matéria ao indeterminado das valorações simbólicas e arcaico visionárias. Encarna o conteúdo histórico e existencial que interpreta o mundo através da experiência que o homem tem em si, do outro e da natureza que o rodeia.

O mito em Portugal apresenta-se em suas raízes culturais, que constitui um sistema de representações vitais, uma organização de valores mentais, afetivos, éticos e espirituais. Por sua vez, aqui, o mito confunde-se com a ideia de nacionalidade e permanência no tempo. Neste ínterim, o mito em Portugal está inserido na permanente abertura para todas as gerações através de seu simbolismo como criador e representante da cultura portuguesa.

Há um diálogo entre os mitos presentes na cultura portuguesa e as estruturas sociais e políticas da mesma. Assim, conduzimos o pensar a obra de Fernando Pessoa como uma linguagem que nos revela as questões fundamentais da formação cultural, religiosa e política de Portugal dentro do entendimento do mito como símbolo de construção e difusão cultural historiado.

Eliade, M. *Mito e realidade*. São Paulo: editora Perspectiva, 2017

## CAPÍTULO II

"De tudo o que está escrito, só amo o que alguém escreve com o seu sangue". Friedrich Nietzsche

## PARTE I

A "ALMA LUSITANA ESTÁ GRÁVIDA DE DIVINO" – SEBASTIANISMO COMO PROJETO

Fernando Pessoa busca compreender Portugal culturalmente, isto é, para além do domínio exclusivo da estética, da história, da moral ou da filosofia. Seu pensamento é o resultado da combinação dessas divisas críticas. Trata-se da construção literária portuguesa, por meio de um delineamento de misturas, de quebra de fronteiras e miscigenação, tanto na questão da forma estética e de expressão, quanto na construção histórica e cultural. Traz o mosaico de culturas formado pela expansão, colonização, influências e domínios existentes ao longo da história de Portugal. Reivindica a autonomia portuguesa enquanto Nação dentro da mestiçagem e hibridação da natureza portuguesa. Aborda em sua escrita a inspiração poética do mundo português, da história e de sua mística. Pensa que a cultura deve mudar para se manter viva. Assim, a desculturação acaba existindo, isto é, há a degradação da cultura de origem e a presença da transculturação, isto é, há uma aquisição de uma cultura.

O poeta assimila a cultura portuguesa dentro da visão dos fenômenos sociais diferenciados, uma vez que a cultura é um campo abrangente e diversificado. Assim, permite compreendê-la como um conjunto intrínseco de instâncias sociais e biológicas que, por um lado, une os diferenciados grupos humanos e, por outro, singulariza cada ser humano, a cultura portuguesa surge através de uma construção de sentidos relacionados ao homem. Esses sentidos mostram a sua individualidade, mas se referem ao todo, pois há uma tomada de consciência sobre a realidade que habita. Para tanto, expressa-se por intermédio do universo psíquico, dos mitos, costumes e rituais que se entrecruzam na substancialização da linguagem.

A cultura inerente de Fernando Pessoa é entendida como tudo o que o ser humano cria, como os símbolos e códigos que utiliza para se comunicar, o conhecimento apreendido e transmitido entre gerações, as ideias, as crenças, os hábitos, os costumes adotados durante a vida, como também, os julgamentos de valores, as religiões, as leis que regem a sociedade e as tradições.

A concepção cultural pessoana não está isolada como é visto no mundo europeu antes da Segunda Guerra Mundial, adquirida com sentido colonial<sup>46</sup>. Por estar envolto da mistura de raças e culturas constrói sua ideia de identidade nacional por meio da mescla de elementos e do uso da diversidade como componente da estrutura social humana. Para entendê-la e representá-la ao mundo utiliza da via da linguagem como fenômeno e meio de mostrar a manutenção dos particularismos e a afinidade na diversidade para construir o desenvolvimento da raça e cultura lusitana. Por isso, "o homem não realiza a sua natureza numa humanidade abstrata, mas nas culturas tradicionais onde as mudanças mais revolucionárias deixam subsistir intactos aspectos importantes

<sup>&</sup>lt;sup>46</sup> Said, E. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017, p.13

e explicam-se a si próprios em função de uma situação estritamente definida no tempo e no espaço"<sup>47</sup>.

Segundo Lévi-Strauss em Raça e Cultura (1989) a diversidade manifesta dentro da sociedade à qual refere-se à cultura. A sociedade humana nunca se encontra isolada. Sociedades muito próximas manifestam diferenças, por apresentarem um desejo de oposição, de se distinguirem e de serem elas próprias.

Todas as sociedades humanas têm atrás de si um passado, da mesma ordem de sua realidade. Deve-se ter em mente que a sociedade presente é apenas uma etapa de outras sociedades. Pode-se dizer que isso está presente no discurso cultural e identitário que Fernando Pessoa emprega.

Fernando Pessoa pensa a existência portuguesa sintetizando estudos culturais e sociais com os mitos portugueses e a história de seu país. Ao mesclar esses pontos concebe um estudo unitário e aprofundado do que é Portugal. Utiliza como estudo de caso o Sebastianismo, pois permeia a alma e a vida portuguesa. Por essa permanência, talvez mais emocional, o poeta busca entender o assunto estudando-o através de alguns pontos: o religioso, o artístico e o sociopolítico. Este diálogo, contudo, não é suspenso ao pensar sua literatura.

O poeta constrói a imagem de Portugal através da apropriação do passado para refleti-lo de maneira contemporânea. Ao apropriar da imagem do passado – mito sebastianista –, Fernando Pessoa realiza uma crítica ao mundo moderno. Repensa a maneira como os indivíduos veem o mundo e o que contém neste mundo através de um diálogo social e cultural. Através dessa ideia, o poeta preserva a individualidade portuguesa em um mundo, de início de século XX, ameaçado pela monotonia e uniformidade. Por sua vez, apresenta que tudo é dotado de sentido e que todas as imagens estão presentes para que o indivíduo por si próprio adquira um julgamento e se realize como representação historiada da civilidade.

Fernando Pessoa percebeu que esse pensamento deveria ser desenvolvido através das formas sociais de expressão. Para isso, deveria utilizar o que é português, ou seja, trazer para o contexto social a cultura mítica, pois apresenta-se como simbologia e visão de mundo de um povo.

Símbolos? Estou farto de símbolos...
Uns dizem-me que tudo é símbolo.
Todos me dizem nada.
Quais símbolos! Sonhos. —
Que o sol seja símbolo, está bem...
Que a lua seja símbolo, está bem...
Que a terra seja símbolo, está bem...
Mas quem repara no sol senão quando a chuva cessa E ele rompe das nuvens e aponta para trás das costas, Para o azul do céu?

47

Lévi-Strauss, C. *Raça e Cultura*. 1989, p. 24

Mas que repara na lua senão para achar
Nela a luz que ela espalha, e não bem ela?
Mas quem repara na terra, que é o que pisa?
Chama terra aos campos, as árvores, aos montes
Por uma diminuição instintiva,
Porque o mar também é terra...
Bem, vá, que tudo isso seja símbolo...
Mas que símbolo é, não o sol, não a lua, não a terra,
Mas neste poente precoce e azulando-os
O sol entre farrapos finos de nuvens,
Enquanto a lua é já vista, mística, no outro lado,
E o que fica da luz do dia
Doura a cabeça da costureira que para vagamente à esquina
Onde se demorava outrora (mora perto) com o namorado que a deixou?

Símbolos?... não quero símbolos... Queria só – pobre figura de magreza e desamparo! – Que o namorado voltasse para a costureira. (18-12-1934: Álvaro de Campos)

Neste ínterim, Fernando Pessoa busca uma formação estrutural de sociedade cujas crenças, usos e costumes englobam cultura/natureza e pensamento/história. A construção social proposta encontra-se entrelaçada nos mitos e ritos que figuram dois mundos: o mundo da razão e o mundo social/antropológico. Permeado por este viés, Pessoa pretendeu ser um supra-Camões, superando a identidade camoniana passada, atualizando-a para o contexto europeu do início do século XX. Para tanto, mostra a tendência da civilização em representar e construir sua cultura por duas vias: mito e a racional. A relação construída por estas vias é ambígua e complementar e apresenta-se inscrita na identidade coletiva e individual dos portugueses enquanto cultura portuguesa.

Se a revolução da idade moderna consiste no movimento de volta da sociedade à sua origem, ao pacto primitivo dos iguais, essa revolução se confunde com a poesia, pois toda a sociedade está edificada sobre um poema. Ao pensar o poema como autoconhecimento e autocriação, possibilita ver o mundo como uma malha de símbolos – pensa o mundo como um texto em movimento que reflete e entende a complexidade social e leva entender a nós mesmos – e de suas relações.

Seus escritos expõe o destino mítico de Portugal e de si mesmo. Reconfigura a tradição em função de seus propósitos literários, ou seja, aproxima o mito do Sebastianismo de sua criação artística, por meio do uso simbólico. Nesse sentido, apresenta uma cultura com autopercepção aguçada da identidade. Dialoga com fenômenos do mundo e com a experiência estética, ou seja, a concepção fenomenológica da expressividade humana. Procura reconstruir e reinterpretar a sociedade através da simbologia mítica que alicerça a cultura portuguesa e sua historiedade.

Para nortear seu pensamento e estudo, Fernando Pessoa escreve uma carta a Sampaio Bruno da qual obteve retorno. Por esta carta, podemos observar sua procura para decifrar o Sebastianismo

como um fenômeno capaz de construir e reconstruir a estrutura social e de pensamento português e sua definição como representação racional e estética. Por meio disso, o poeta encontra o atalho de construção de sua literatura como elucidativa da cultura portuguesa. Além disso, lança-a como resposta ao mundo moderno do século XX. Indaga que sua ideologia de base mítica elevará a consciência do povo e, ainda mais, a sua própria presença e individualidade enquanto poeta destinado a enaltecer e elevar sua cultura a um patamar de autoridade e destino.

Os livros de V. Ex.ª, – que conheço, são bússola que me manda a fazer de V. Ex.ª o meu norte nisto em perguntar em que livros poderei estudar esse fenómeno. Refiro-me não só à história de seu aparecimento e vida, como à sua íntima feição religiosa. Finalmente gostaria de saber se esse fenómeno tem análogos na história de outras nações.<sup>48</sup>

Em resposta à Fernando Pessoa, Sampaio Bruno indica-lhe seu livro **O Encoberto** para que o poeta possa aprofundar seus estudos sobre o Sebastianismo e assim possuir uma visão mais ampla sobre o tema que se debruça. Ao ler o livro, o poeta emprega algumas diretrizes para mapear o seu estudo. Em primeiro momento pensa-o como modo de vida individual e de Portugal: "Ver por dentro do homem e sentir o palpitar das entranhas portuguesas" 49.

Dentro deste parâmetro, o Sebastianismo constitui o pensamento individual do homem e, ao mesmo tempo, carregado de simbologia rege a crença e a fé de uma coletividade, da qual fornece sua origem e etnicidade, ou seja, "a alma religiosa da nação" <sup>50</sup>.

Aborda a construção da nação a partir da construção de sua religião, sendo uma indissociável da outra. Neste caso, a religião é fruto das individualidades da sociedade que unidas concentram o estado de existência de um povo, de sua cultura e do modo de ser diante dos outros. Ao decorrer do livro de Sampaio Bruno, Pessoa destaca alguns pontos como a ideia do Desejado, do Encoberto, do Mito e o pensamento da sociedade do futuro dentro da Realidade.

Os portugueses veneram a imagem do rei D. Sebastião, o Desejado, e desdobram essa imagem na fé de seu destino. Para tanto, criam uma simbologia em relação a sua figura que serve de guia para o povo: "é o rei cuja missão está unisonamente intimada em dilatar a fé e em estripar os escalrachos da incredulidade"<sup>51</sup>.

A opinião construída entorno de D. Sebastião é a mesma partilhada ao longo da história portuguesa e que Fernando Pessoa utilizará para construir o destino de vida de Portugal: "popular, nacional e patriótica"<sup>52</sup>.

Carta a José Pereira de Sampaio (Sampaio Bruno). In: Pessoa, Fernando. *Sebastianismo e Quinto Império*. São Paulo: Ática, 2011, p. 53

<sup>&</sup>lt;sup>49</sup> Bruno, Sampaio. *O Encoberto*. Porto: Livraria Moreira, 1904, p. V

<sup>&</sup>lt;sup>50</sup> Bruno, Sampaio. *O Encoberto*. Porto: Livraria Moreira, 1904, p. VII

<sup>&</sup>lt;sup>51</sup> Idem, p. 91

<sup>&</sup>lt;sup>52</sup> Idem, p. 94

Este lema pensado pelo poeta referencia Portugal na época de D. Sebastião, constitui o que era o país antes da perda de independência infligida pela Espanha com a sua morte. Assim, busca-se a retomada da nação como na época de D. Sebastião através de sua simbologia. Ao propor o retorno do rei, o poeta está a pensar o retorno de Portugal, que possui uma cultura e local, ocupados por um povo que a ele pertence, enquanto o constrói e o mantém. Recuperar o nacional, o popular e o patriótico por meio da representação deste rei, figura símbolo de um período cultural anterior ao jugo estrangeiro, é o delineamento da cultura portuguesa própria, o desejável e desejado para fortalecer sua nação. Dentro disso, temos que o popular é a moda e atinge um grande número de pessoas; o nacional pertence a uma cultura e o patriótico a uma cultura de um determinado lugar. Estes três elementos devem ser retomados pelo povo para reconstituir Portugal em sua essência. Além disso, esta figura nos mostra o auge e a decadência do povo e de sua nação onde sistemas políticos e sociais estão representados: a monarquia, a colonização, o descobrimento, a sociedade dividida em classes, o poder da Igreja Católica, um povo mais campesino que citadino. Dentro deste contexto, Fernando Pessoa se mostra favorável a visão traçada por Sampaio Bruno da mitificação de D. Sebastião e do estabelecimento deste mito e do que ele carrega para a população como uma fonte de mudança estrutural e moral.

Sampaio Bruno reconhece D. Sebastião como símbolo da esperança na liberdade: "Não morrera, porque o seu símbolo vivo não morrera também"<sup>53</sup>. Estabelece uma vitalidade da nação através da retomada do rei agora como mito que carrega consigo a vitalidade de Cristo como condutor simbólico da fé das pessoas sobre si mesma e sobre o mundo: "Na coroaçam do Imperador D. Sebastião Nosso Senhor, o coroará com a coroa de espinhos, por ele mesmo não querer que seja com a douro, senão com a tal, por reverencia e memória do Cristo"<sup>54</sup>

Deste modo, faculta a todos o ensinamento através da forma simbólica do Sebastianismo como construtor da personalidade portuguesa. Compreende que os portugueses de agora devem se pautar pelos portugueses de outrora estabelecendo sua vida dentro desta simbologia que qualifica-os, desde a construção de pensamento do homem até a cristalização na formação social.

O poeta mapeia esta simbologia interpretando os valores, as formas e as ações para trazer o que lhe é importante e em que contexto pensa Portugal.

por uma natural aptidão para os requintes das cousas simples, como, no caso presente, o patriotismo, e também por uma indefinida veia messiânica – já expressa em artigos em A Águia, onde o menos que se vaticina é o, agora muito próximo, aparecimento de um super-Camões, sinto que me atrai o misterioso, e porventura importantíssimo, fenómeno nacional chamado o Sebastianismo<sup>55</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>53</sup> Idem, p. 137

<sup>&</sup>lt;sup>54</sup> Idem, p. 159-160

Carta a José Pereira de Sampaio (Sampaio Bruno). In: Pessoa, Fernando. Sebastianismo e Quinto Império. São Paulo: Ática, 2011, p. 53

A partir de seu resgate histórico compreende seu país em três pontos, o literário (supra-Camões), o oculto e o nacional, que se interligam produzindo não somente um modo de pensar e agir consciente sobre o que é Portugal, mas também cria um caminho de desenvolvimento do Sebastianismo como meio receptivo da cultura portuguesa.

Dentro deste entendimento, o poeta trata o que é de mais simples como essencial a existência – "requintes das cousas simples" –, para isso vê no "patriotismo" e no "messianismo" o caminho para encontrar seu destino. Conduz nosso olhar na direção da via religiosa e da via sociopolítica que ao se mesclarem fornecem as características do homem e do seu país.

O termo "requinte das cousas simples" possibilita, também, a interação com o estético se pensarmos no que é ideal, natural, espontâneo e momentâneo, ou seja, o simples, sendo elaborado em sua mais alta complexidade de entendimento e de abstração como essenciais a realidade da vida. Além disso, o uso do "supra-Camões" leva-nos à literatura como produtora de uma linguagem que circula em todos os âmbitos culturais e que cria estilos e formas de representação da realidade, de um povo ou de uma ideologia ou filosofia, por ser uma manifestação absoluta do espírito que abstrai o todo.

Esses aspectos estão introjetados em sua realidade, fruto da expressão de sua razão que olha para Portugal como organismo ativo no mundo e o Sebastianismo como conduta de vida. Fernando Pessoa considera que o campo religioso deve definir o Sebastianismo pois pertencente à razão e todos os elementos que a compõe estão estabelecidos dentro da consciência de si (da razão do indivíduo ou aqui, da razão do poeta) e que esclarece a civilização em seu agir autônomo e pertencente a realidade ativa dentro da concepção do que a vida é (elencada dentro do seu aspecto metafísico). Assim, "o espírito humano é apenas superficialmente intelectual, porque apenas superficialmente é individual, sendo social de sua mais íntima natureza"<sup>56</sup>.

O poeta, desta forma, cria uma obra literária de caráter representativo do povo que tem em si o sentimento religioso, isto é, uma forma racional e messiânica, um aspecto místico (como o cristão) e um aspecto pagão (divinização do homem).

O mito é o modo de expressão do mundo humano. As crenças que os mitos veiculam, enquanto acarretam a adesão, não possuem caráter de força ou de obrigação. O mito comporta em sua origem um tom fictício que denota o que chamamos de religião e também o que é para nós a literatura (em oposição o que é as ordem do real por um lado, e da demonstração argumentada por outro, o que é do domínio da ficção pura)<sup>57</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>56</sup> Pessoa, Fernando. *Obras em Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, p. 208

Vernant, J.P. Entre Mito e Política. São Paulo: Edusp, 2009, pp. 229-230

O poeta pensa o mito como construção da civilização, que carrega na sua existência um fundo religioso, isto é, deriva a moralidade, a ética e um estilo de vida onde um sistema cultural e de crença está representado. Expressa a consciência do homem enquanto indivíduo que contém sua natureza social por se construir e manter diante da coletividade. Para ele, "religião é uma manifestação de uma unidade de pensamento. É a fixação externa daquele fundo em que todos concordam que estão submetidos a condições civilizacionais idênticas"<sup>58</sup>.

Procura ver por dentro do homem e sentir o palpitar das entranhas portuguesas. Trabalha a religião dentro da ideia de fundi-la com a realidade, tornando-se um elemento etnicamente dominante. Pois, "a religião como fenômeno social mais representativo. (...)Não importa como a religião nasce. Importa apenas o que é."59

Ao analisarmos este vínculo entre religião e sociedade entendemos que Fernando Pessoa esquematiza seu raciocínio para: determinar a unidade nacional em si como sentimento puro e imediato; determinar conteúdos múltiplos puramente nacionais sem sínteses de conteúdos estrangeiros, assim, busca abarcar os costumes, hábitos e crenças; e, permitir mediar-se temporalmente entre culturas e sociedades.

Uma religião é socialmente util quando se aproxima de preencher trez condições: (1) ser nacional, isto é, differente das religiões dos outros paizes, porque assim apoia-se no patriotismo, o mais radical dos sentimentos sociais, e ao mesmo tempo intensifica-o; (2) ser popular, isto é, quanto possível sahida não se sabe d'onde, formada não se sabe bem como; (3) ser quanto possível suscetivel de evolução e adaptação<sup>60</sup>

Ao integrar o mito ao universo religioso dessacralizado, Fernando Pessoa nutre e forma a civilização portuguesa. Mostra-nos que a crença do povo escapa às grandes religiões e que busca constituí-lo através do mito pertencendo a cada indivíduo que compõe a sociedade. Desta maneira, conduz tematizar o mito como base da cultura de seu país e que esta, por sua vez, caracteriza a religião. Portanto, vê que por meio da religião mítica, neste caso de fundo sebastianista, encontra-se como único movimento realmente nacional, sendo mítico e social e que apresenta a força de um movimento religioso, pois une a sociedade complexa e constrói um sentido cultural.

O poeta nos faz pensar dentro da ideia de nacionalidade e de traduzir seu país como organismo dotado de consciência. Assim, possibilita criar tudo dentro do contexto de um pensamento plenamente estipulado por uma realidade interna que se exterioriza como espelho da sua própria imagem. Sua mensagem implica ultrapassar os limites instituídos socialmente ao religioso, não se submetendo a organizações ou instituições religiosas.

<sup>&</sup>lt;sup>58</sup> Idem, p. 167

<sup>&</sup>lt;sup>59</sup> Pessoa, Fernando. *Obras em Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, p. 167

Pessoa, Fernando. Sebastianismo e Quinto Império. São Paulo: Ática, 2011, p. 55

Em Portugal haverá qualquer phenomeno religioso sobre o qual possamos assentar as bases de uma vida nova? (...)

Ha Iº o Catholicismo. Mas o catholicismo principia por ser estrangeiro. (...)

Além d'isso o catholicismo tem fortes elementos anti-populares; (...)

O catholicismo, mais, é difficilmente susceptivel de evolução.

 $(\ldots)$ 

Temos o phenomeno protestante. Mas esse se bem que menos estrangeiro, é estrangeiro tambem. Não nos põe sob o dominio e a acção de um potentado temporal europeu, mas o facto é que não nasce da nossa alma nacional, nem tem a força de acção que se identifique com as forças do nosso temperamento, popular sobretudo.

Resta um phenomeno: o sebastianismo.

Esse é nacional – mais nacional é impossível exigir – é popular: porque ninguém sabe como elle nasceu nem de quem. É mysterioso, porque no mysterio está envolto o desapparecimento de D. Sebastião<sup>61</sup>

Esses sistemas religiosos, o catolicismo e o protestantismo, apenas exploram uma ínfima parte do que é a expressão portuguesa. Por serem criações de outros povos apenas estimulam a crença em algo e uma fé devedora do que não é próprio de sua cultura e vida. Nesse sentido, Fernando Pessoa busca caracterizar a religiosidade portuguesa na sua totalidade e propriedade autônoma, pois vê nessa liberdade e individualidade o elemento-chave para tornar Portugal referência de outros povos. Assim, traz o imaginário religioso como norteador para criar a cultura portuguesa junto do mito de D. Sebastião, pois o vê como "um movimento religioso, feito em volta d'uma figura nacional, no sentido d'um/mytho antiquissimo/."62

Ao tratar o sebastianismo como campo religioso, o poeta remete D. Sebastião a Cristo por conta de seu desaparecimento no areal, assim como Cristo que desapareceu após o terceiro dia na gruta em que seu corpo morto foi sepultado. Ao divinizar o rei, pensa-o como alma que compõe o homem português independente da classe social. Essa comparação com Cristo significa que sua presença está dentro da alma de qualquer homem e a ideia de seu retorno apresenta-se como possibilidade salvífica para trazer a independência e glória de seu povo e de sua nação. Ao delinear D. Sebastião como esse mito antiquíssimo, Fernando Pessoa trata-o dentro da característica de tê-lo nos corações e no pensamento de cada português para gerar, por sua fé, a liberdade e o crescimento do povo. Ao colocar o povo português como o escolhido, o poeta designa valor a Portugal e compõe uma forma de ver este povo e organizá-lo culturalmente retomando sua característica popular, nacional e patriótica: "No sentido symbolico D. Sebastião é Portugal: Portugal que perdeu a sua grandeza com D. Sebastião, e que só voltará a te-la com o regresso d'elle, regresso symbolico" 63.

O poeta cria uma magnífica visão sobre o sebastianismo, tratando-o como alimento do homem. D. Sebastião mostra-se como o modelo a ser seguido pelo povo português, com isso, ele ganha a dimensão de verdade. Assim, podemos ler D. Sebastião dentro da relação que Pessoa faz

Pessoa, Fernando. Sebastianismo e Quinto Império. São Paulo: Ática, 2011, p. 56

<sup>62</sup> Idem, p. 58

<sup>63</sup> Idem, p. 59

com determinados símbolos e referências históricas que se articulam. São elas: manhã de névoa; ilha; cavalo branco e sagitário. Como percebido neste trecho:

D. Sebastião voltará, diz a lenda, por uma manhã de névoa, no seu cavallo branco, vindo da ilha longinqua onde esteve esperando a hora da volta. A manhã de névoa indica, evidentemente, um renascimento annuviado por elementos de decadencia, por restos da Noite onde viveu a nacionalidade. O cavallo branco tem mais difficil interpretação. Pode ser Sagittario, signo do zodiaco, e conviria, em tal caso, perceber o que a referencia indica, perguntando, por exemplo, se ha referencia á Hespanha (de quem, segundo os astrologos, Sagittario é signo regente), ou se ha referencia a qualquer transito de planeta no signo de Sagittario. O Apocalypse, porém, fornece outra hypothese sobre este assumpto.

De difficil interpretação, tambem, é a Ilha<sup>64</sup>

Esse trecho que o poeta traz para esclarecer o sentido do sebastianismo está imbuído de três eixos: o mito de D. Sebastião como Encoberto, a Reforma e o País. Para entender esses eixos, temos que ver que eles são transcritos no tempo ("manhã de névoa"), no modo ("cavalo branco") e no espaço ("ilha").

Fernando Pessoa procura introduzir na alma do povo o pensamento da retomada do seu destino através da confiança em si mesmo e na sua existência antes do jugo estrangeiro. O poeta não quer só o retorno deste passado, mas a evolução da consciência dos portugueses por meio da mescla das formas antigas com novas formas para não corromper a existência desta nação ("manhã de névoa"). Essa evolução de acordo com o poeta se dará de modo mental onde se criará um valor que ainda deve ser contemplado diante do nascimento de um novo pensar e agir sobre a alma portuguesa ("cavalo branco"). Assim, a transformação do povo deve-se realizar no campo espiritual para ser abstraído e conduzido a manifestação da cultura e da nação ("ilha").

O poeta nos mostra este pensamento com a vinda mágica de D. Sebastião (mito) para retirar das trevas Portugal. Neste movimento, constrói a libertação do país por meio do conhecimento (Reformas) que através da iluminação do espírito trará a independência da nação. Para tanto, mostra que Portugal deve ser estruturado dentro de uma unidade que sintetize o humano e o divino, a matéria e o espírito para construir sua cultura e seu lugar de pertencimento.

Nesse sentido, a profecia de D. Sebastião deve ganhar um corpo, mesmo que seu regresso seja simbólico. Para tanto, Fernando Pessoa discute e pensa este mito definindo sua forma através do meio artístico, caminho pelo qual além de representar imageticamente o que deseja garante a construção cultural do povo, pois manifesta tanto o pensamento e sensibilidade individual quanto a coletiva ao contemplá-la como substância do homem que constrói e mantém valores e, assim, trabalha a forma da nação como seu fim. Esta forma artística aspira a moral e a sensibilidade que regem a vida. Ela por si realiza o pensamento e todos os sonhos de uma vida ideal e de sua

<sup>64</sup> Ibidem

plenitude. Coloca-se como realização imediata para a representação intelectual acompanhada de sentimentos que dominam a vida individual e a relação com o outro.

A sensibilidade é a fonte de toda a criação civilizada. Mas essa criação só pode dar-se completamente quando essa sensibilidade esteja adaptada ao meio em que funciona; na proporção da adaptação da sensibilidade ao meio está a grandeza e a força da obra resultante<sup>65</sup>

Para Pessoa, o mito quando transmutado em religião constrói a lusitanidade que parte da esperança da salvação unificadora sebastianista, traduzida como a única capaz de suportar a multiplicidade cultural do país. Pensa que diante da fragmentariedade que o país apresenta deve-se reafirmar a razão da existência lusitana e do indivíduo que pertence a esta terra por meio da fé, da religiosidade que deve ser extraída do patriotismo, ou seja, do sebastianismo, único movimento realmente nacional, sendo mítico e social e que tem a força de um movimento religioso.

Desta maneira, pode-se pensar o mito dentro do arcabouço da religiosidade, pois estes dois termos se fundem como fenômeno social que desenvolve diante da segurança emocional proporcionada pela comunidade. A religião, coloca-se como um sistema de crenças (DURKHEIM, 2003) que tem como determinante para sua formação o mito, pois a religião, segundo Müller, é entendida como codificação humana de valores e uma consciência do inconsciente cultural. Portanto, "a religião é um fato social; daí o incutir-se no espírito de um povo"66.

Assim, a religião entendida como forma de crença, como uma consciência do mundo que manifesta na realidade os comportamentos da sociedade, é, em si, um produto da sociedade, ou seja, existe como sujeito que garante autonomia e consciência as pessoas, as quais a colocam como fundante dos costumes e hábitos, mas sua estrutura apenas se realiza como objeto da realidade desta mesma sociedade que a tem como imagem e fruto da tradição. Portanto, a religião postula-se ao olhar da sociedade como "o espírito de um mundo sem espírito"<sup>67</sup>.

Uma sociedade não pode ser entendida se não se trabalhar 'não só com as instituições religiosas oficiais, como também com todos os grupos divergentes, sectários, marginais e com as reações entre estas aspirações religiosas dos grupos marginais e o que constitui o centro da vida social e o cerne da experiência religiosa<sup>68</sup>

Segundo Max Müller, a religião se coloca unida com a ideia de cultura e de um ideário imperial. Por meio disso, ela é entendida como codificação humana de valores e de entendimento do homem. Além disso, a religião pode ser entendida como fenômeno social, produto da sociedade

Pessoa, Fernando. Ultimatum. In: *Obras em Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, p. 515

<sup>66</sup> Pessoa, F. Textos Filosóficos. Vol II, 1914

<sup>&</sup>lt;sup>67</sup> Idem, pp. 56

<sup>&</sup>lt;sup>68</sup> Vernant, J.P. *Entre Mito e Política*. São Paulo: Edusp, 2009, pp. 17.

e que a mesma exprime realidades coletivas e se destinam a promover, manter ou refazer certos estados mentais de grupos sociais (DURKHEIM, 2003).

Assim, "encontra-se uma religiosidade pensada como dimensão humana, histórica e culturalmente determinada, que se abre à transcendência, mobiliza energias e se materializa em formas cognitivas e emocionais na construção de sentido para a totalidade da existência"<sup>69</sup>.

No caso da religiosidade em Pessoa, o "religioso não se define unicamente através dos objetos sociais (as 'religiões') nas quais se manifesta de modo compacto e concentrado. O religioso é uma dimensão transversal do fenômeno humano, que trabalha de modo ativo ou latente, explícito ou implícito, em toda a espessura da realidade social, cultural e psicológica, segundo modalidades próprias a cada uma das civilizações" (HERVIEU-LÉGER).

Para Pessoa a manutenção da religião tradicional apresenta o elemento de estagnação, de resistência ao desenvolvimento social. Nesse sentido, buscar uma nova religião traria uma perturbação social e uma mudança na estrutura cultural e sócio-histórica do país. Ao pensar a religião sendo a base dos princípios da sociedade, determina-se que ela não apenas é a expressão exata do estado psíquico da nação que a sustenta, mas também, é uma atitude do espírito humano e, portanto, a sociedade que apresenta o espírito religioso representa para ela a predominância do espírito popular e é por meio dessa religiosidade popular que se constrói os parâmetros sociais e culturais. Aqui, "religião é o cerne, a essência, o espírito das civilizações. (...) Os fatos religiosos são fenômenos sociais, sendo que estes se realizam pelo rito, pelo mito e pela figuração".<sup>70</sup>

Por conseguinte, o poeta vê na alma portuguesa essa transmutação. Além disso, recria através dessa tendência a sua literatura dentro das camadas de religiosidade. Aqui, o poeta mostra a seu povo a sua existência individual e autenticidade. Ao tratar a literatura como religiosidade, Pessoa trabalha com o sentido da beleza enquanto ritual religioso, onde cada instante de escrita mostra-se como um estado mental e transborda à coletividade. O que se mostra como individualidade passa a ser relacionado como representação coletiva de hábitos e costumes. Ao lançar-se como representação simbólica a literatura ganha ares dogmáticos — a literatura narra a sociedade, por sua vez, ela está transplantada na construção do universo simbólico religioso.

Portanto, compreende-se que a estrutura do pensamento pessoano figura-se dentro do campo da existência de um personalismo religioso. Em vez de se deter em uma única vertente religiosa, opta-se pela escolha de elementos do misticismo, que garante o entendimento da existência portuguesa e de suas características distintas diante da natureza e do mundo abstrato e real.

<sup>69</sup> Baumann, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

Vernant, J.P. Entre Mito e Política. São Paulo: Edusp, 2009, pp., pp. 88-89

Essa visão está diante do paradigma moderno, em que tenta fugir da compartimentalização religiosa existente. Para transformar as relações sociais e as percepções do visível, propicia a exploração do homem em seu contexto interno e externo. Permite que este transforme e modifique sua forma de pensar, agir e ver o mundo. Assim, cria as possibilidades de autoconhecimento e de conceber um homem crítico a seu tempo e as suas formas de comportamento, de postura com o outro e de como analisa e vê a sociedade, a cultura, as pessoas e as relações que elas trazem. Neste contexto, modifica os questionamentos e os princípios colocando em alerta a natureza própria do homem, o qual reflete o mundo e a história, através de sua escrita individualizada.

Neste ínterim, Pessoa nos mostra que o fenômeno religioso é expresso no que é supremamente real em um povo, pois determina a formação dos grupos civilizacionais, isto é, um fenômeno que distingue as civilizações e o único que reúne as qualidades de ser ao mesmo tempo individual e coletivo. Portanto, podemos relacionar esta visão do religioso com o que o poeta nos coloca sobre o mito e, por conseguinte, sobre a literatura que ele busca criar, como uma questão educativa para entender a vida e mostrar à sociedade a forma da sua existência. Considera como cada povo apresenta-se diante do mundo, com seus conceitos, hábitos, costumes e tradições que determinam a maneira de ser e agir.

Assim, sua literatura produz uma religião própria à Portugal firmada no porvir da unidade gloriosa. Desta forma, cria uma identidade nacional em constante construção, ao mesmo tempo permeável e tradicional. Desta maneira, baseia a construção da cultura lusitana dentro da estrutura da tradição como busca de transmissão do valor da herança portuguesa — mito sebastianista. Portanto, reforça o pensamento de que a cultura portuguesa encontra-se estabelecida dentro dos valores de fé, herói, força, regresso, busca da esperança que levará a glória e a constituição de um império. Assim, transmitirá conhecimento ao mundo e retirará a si próprio e os outros da decadência e alienação do mundo moderno paradoxal e com esvaziamento de sentido.

A literatura e a religião em Fernando Pessoa caracterizam-se por anular as fronteiras religiosas traçando novas estruturas de espiritualidade. Para ele, literatura e religião mantém vínculos estreitos pois fornecem espaços de mediação das determinações sociais.

Não sei se sinto demais ou de menos, não sei se me falta escrúpulo espiritual, ponto-de-apoio na inteligência, consanguinidade com o mistério das coisas, choque aos contatos, sangue sob os golpes, estremeção aos ruídos, ou se há outra significação para isso mais cômoda e feliz. Seja o que for, era melhor não ter nascido, porque, de tão interessante que é a todos os momentos, a Vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger, a dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no chão, de sair para fora de todas as casas, de todas as lógicas e de todas as sacadas, e ir ser selvagem para a morte entre árvores e esquecimentos, entre tombos, e perigos e ausência de amanhãs, e tudo isso devia ser qualquer coisa de mais parecida com o que penso ou sinto, que eu nem sei qual é, ó vida (PESSOA, 1985, pp.342)

Neste sentido, é que o pensamento e a literatura de Fernando Pessoa se consolidam e se caracterizam, pois apresentam-se em acordo com a ideia de que "ao postular a humanidade na dimensão religiosa revela-se a propriedade de se recriar permanentemente ao longo da história, seja nas manifestações culturais e/ou nas ações interindividuais"<sup>71</sup>.

Ao partir da visão religiosa, Fernando Pessoa mostra que a sua civilização apresenta autonomia, a qual determina a formação e exprime o que é supremamente real em um povo. Aborda que a religião é uma forma rudimentar do sentido da beleza<sup>72</sup>, pois é ela que oferece a parte social da arte, sendo esta última insocial, pois projeta-se como construção individual e que apenas se significa na imagem da realidade. Como o poeta diria: toda a arte não passa de um ritual religioso. A religião, por sua vez, manifesta-se na subjetividade como a arte mas cria a manifestação objetiva.

Conclui-se que Pessoa pensa a arte e a religião como sendo a mesma face de uma moeda, ou seja, uma é a elucidação da outra diante da sociedade. Assim, pensa a religião como a base indiferenciada da arte, da ciência e da moral<sup>73</sup>.

O poeta faz uso em sua escrita da linguagem simbólica dos mais distintos universos religiosos para compor sua própria forma de religiosidade. Para tanto, utiliza da ideia de triplicidade como intermediária dessa criação e como exteriorização do seu pensamento cultural.

Sua religiosidade manifesta-se de modo pluriforme, isto é, dialoga entre o uno e o múltiplo. Expressa individualmente um conteúdo plural através do simbolismo místico de sua literatura. Por meio disso, contraria os limites sociais estabelecidos para o exercício da fé, trazendo um caráter transgressivo em sua literatura. Assim, permite pensar no caráter transgressivo da vida "para o indivíduo existir num determinado mundo religioso significa existir no contexto social particular no seio do qual aquele mundo pode manter a sua plausabilidade" (BERGUER, 1985)

Sua mensagem religiosa implica ultrapassar os limites instituídos socialmente para o religioso. Por trazer consigo um pensamento ancorado nos paradigmas modernos, foge da compartimentalização religiosa e pensa-a como um signo da arte e como fenômeno de comunicação. Por ser um espaço de mediação das determinações sociais como a literatura, a construção de Fernando Pessoa sobre a cultura portuguesa se baseia na crença, nas estruturas de espiritualidades e na fé multiforme. Percebe-se esta assimilação através dos vínculos entre literatura e religião que são galgados pelo poeta através do signo do mistério e do místico.

Este entendimento baseia-se na cultura grega que foi a única a submeter o mito a uma longa e penetrante análise da qual saiu transmutado em estruturas formais do ser humano social. Neste caso, percebe-se que o mito inspirou a poesia, a tragédia e outras artes. Neste sentido, pode-se dizer

<sup>&</sup>lt;sup>71</sup> Baumann, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

Pessoa, F. Religião, forma social da arte, 1917

Pessoa, F. Religião, forma social da arte, 1917

que o mito colocou a literatura e outras artes em ritmos temporais outros além daquele que somos obrigados a viver.

Ao tratar a religião como símbolo, o poeta a personifica como meio de identidade e que se estrutura na literatura. Ao fazer isso, mostra a religião como o captar de raciocínio que perturba socialmente e não como elemento de estagnação e resistência ao desenvolvimento social. Dessa maneira, a literatura é tida como foco emissor abstrato que trabalha o sensível a ser sentido. Expõe sua literatura como mecanismo de manifestação mítica e de representação semiótica da cultura lusitana.

Fernando Pessoa busca garantir que o significado deva ser circulante através dos falantes e dos leitores. A representação simbólica da sociedade torna-se uma construção do universo simbólico da religião. Dessa forma, compreender as representações religiosas na obra de Fernando Pessoa é, por conseguinte, compreender suas representações sociais. Portanto, o mito sebastianista coloca-se como "um criticismo e um contracriticismo"<sup>74</sup>.

Fernando Pessoa ao representar o mito através da forma artística estabelece alguns aspectos que o explicam:

- 1) Forma apresenta alma cada forma é um acontecimento e este é o próprio homem;
- 2) A alma é imortal e se desaparece retorna a aparecer ao evocar sua forma contém a ideia do real e do pensamento ou sua forma impessoal;
- 3) Profecia é a visão dos acontecimentos em sua forma corpórea. Contém uma forma humana;
- 4) Um só ente sob várias formas. Exprime o essencial que atravessa todas as formas;
- 5) A Pátria deve ser grande para retornar D. Sebastião, não só simbolicamente, mas realmente.

O poeta ao trabalhar a forma do mito compõe e delimita como a nação deve ser estruturada e representada. A linguagem abstrata (arte) utilizada vincula o mundo pensado pelo indivíduo como forma de captação da realidade impessoal e da alma humana como acontecimento. Mostra-nos que "um acontecimento é um homem, ou um espírito sob forma impessoal"<sup>75</sup>

Enquanto organismo o mito de D. Sebastião mostra a forma psíquica do povo para recriar a nação objetivamente. Sua linguagem artística manifesta a cultura como o meio de evocar o popular, o nacional e o patriótico. Ao aflorar esses sentimentos por meio da corporificação do mito, em um homem ou na alma de todos os homens, Fernando Pessoa trabalha com o juízo do homem como critério para identificar o que é Portugal e partilhar sua essência com o mundo. Por referi-lo como a base da cultura portuguesa, este mito fomenta a construção não só do homem individualmente, mas sua capacidade de ser social, isto é, constrói a base da civilização nacional, pois compete a ele os

Pessoa, F. Religião, forma social da arte, 1917

Pessoa, Fernando. Sebastianismo e Quinto Império. São Paulo: Ática, 2011, p. 58

aspectos intelectuais, religiosos, os comportamentos e a aparência dos portugueses. Assim, esse organismo ganha dimensão não só individual ou espiritual, mas chega ao seu fim como produto de um povo, isto é, como nação dotada de aparência e alma, trabalha com a expressão dos sentidos e emoções que a coletividade carrega.

Neste caso, podemos traduzir a nação como o ponto prático da vida, por representar formas de julgar, realizar pré-conceitos, dominar e exterminar pensamentos ou modos de manifestar para com a vida e de agir sobre ela dentro da coletividade do mundo. Aqui, "a vida consiste no equilíbrio de duas forças, a de integração e a de desintegração"<sup>76</sup>.

As forças de integração são elencadas em três aspectos e têm caráter positivo e o resultado da interação dessa tríade é a própria tradução do sentido de pertença nacional:

- 1) Saber nacionalizar o maior número de fenômenos importados do estrangeiro garantindo a vitalidade da nação: "A vitalidade d'uma nação a verdadeira e real vitalidade mede-se pela facilidade, promptidão e efficacia com que nacionaliza o importado"<sup>77</sup>
- 2) Atentar para diferenças na luta de classes as forças de dominação e de extermínio: "se cada classe ou opinião procura dominar a outra ou as outras, ha nos espiritos, agindo, a força integrativa da coordenação; se procura exterminar a outra ou as outras, o que ha nos espiritos é um predomínio manifesto da força de desintegração" Este tipo de força procura abolir o dogma da personalidade, da individualidade e da objetividade pessoal. A necessidade de adaptação é explicita, mas uma adaptação artificial na qual a sociedade permanece com seus grupos classicistas. Contudo, transforma a sensibilidade de modo a tornar o espírito gregário e identificado como unidade capaz de articular ações e valores comuns a todos os elementos componentes de sua realidade civilizacional.
- 3) Definir o papel do homem de gênio a obra por ele produzida desempenha necessariamente um impacto social:

É assim que um homem de genio, que cria uma obra literaria, pratica um ato altamente individual – o mais individual de todos os actos humanos –; mas, tanto pela acção que tem sobre a sociedade o idealismo da sua obra, como pelo caracter representativo (do seu povo) da sua arte, como pelo orgulho que advém ao povo de elle lhe pertencer, faz obra altamente social. A unica arte anti-social é a arte fraca e debil <sup>79</sup>

Fernando Pessoa seguiu de modo dialético contrapondo às forças integradoras, forças desintegradoras.

.

Pessoa, Fernando. *Obras em Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, p. 535

Pessoa, Fernando. Sebastianismo e Quinto Império. São Paulo: Ática, 2011, p. 61

<sup>&</sup>lt;sup>78</sup> Idem, p. 62

<sup>79</sup> Ibidem

1) Forças de destruição ou de Morte – a sociedade vive em relação ao outro, ao que está no exterior de sua própria ordem: "na vida das sociedades, o *meio*, o exterior, de que ellas vivem, é o Estrangeiro, são elaborações geraes da civilização a que essas nações pertencem"<sup>80</sup>. Contudo, se não se nacionalizar os elementos estrangeiros que a sociedade traz para seu organismo e para viver, esta mesma nação tem uma vitalidade baixa, e entrará em decadência. Mas "se as sociedades conseguem nacionalisar os elementos que recebem do estrangeiro teem uma vitalidade grande; e o não conseguem, teem uma baixa vitalidade"<sup>81</sup>

A sociedade vive em relação com o outro e articula sua existência a realidade que esse outro, o estrangeiro, partilha com ela. Por meio do estrangeiro que a sociedade manifesta quem ela é, capta e produz o seu modo de agir através do que lhe é próprio. Um país é nacional quando une o que o distingue, é o que fornece sua vitalidade e sua existência perante o outro.

As literaturas d'uma época decadente, como seja, entre nós, a de D. Maria I, vivem da admiração do passado, e só adoptam do estrangeiro o que está de accôrdo com o passado nacional. Bocage não adota dos estrangeiros senão o que Camões poderia adotar também. Isso é um pequeno exemplo, que dispensa outros...<sup>82</sup>

Para a nação se tornar um organismo dotado de nacionalidade, deve-se criar uma cultura que absorva, degluta e remodele elementos externos a sua existência interna. Essa antropofagia garante a síntese do que é um organismo, dotado de alma e corpo, isto é, a nação se faz na presença da individualidade como construtor da realidade do homem, mas este homem apenas está presente na realidade enquanto componente exterior da razão de outro homem. Deste modo, a nação existe por conservar em si as divergências individuais em uma unidade coletiva que mostra a igualdade de pensamento, uma unidade cultural dentro da diversidade de sujeitos.

2) Forças de descoordenação ou as que produzem a doença:

perturbações organicas d'onde resulta, não já – pelo menos diretamente – uma desadaptação ao Meio (...); isto produz um mau funcionamento de todos os outros órgãos, especialmente os que mais ligados estão a esse. – Nas sociedades, dá-se isto quando determinadas forças sociaes usurpam indevida quantidade de energia social. As forças sociaes são (a) forças de conservação social – etc etc etc<sup>83</sup>

Fernando Pessoa neste ponto nos diz o modo da sociedade funcionar, colocando-a, como vem relatando desde o começo de seu mapeamento, como um organismo que apresenta vitalidade e consciência. Este organismo assim pensado é portador de alguns males que de certo modo podem se

<sup>80</sup> Idem, p. 63

<sup>81</sup> Ibidem

<sup>82</sup> Idem, p. 64

<sup>83</sup> Ibidem

apresentar para fortalecer o organismo proporcionando anticorpos para ele ou a sua morte. Se estes males resultarem no entendimento e reintegração de funções e modos de agir possibilita a sua conservação, do contrário seu extermínio. Não importa de onde comece a doença deste organismo, de sua cabeça (governo) ou de outros órgãos (classes sociais), o que importa é como será tratada – desenvolvendo uma vacina, ou seja, uma transformação do modo de pensar político e social, ou deixando o organismo combater este mal sozinho, o que pode trazer consequências graves como uma sociedade subjugada por uma estrutura ideológica que não possibilite a liberdade.

3) Forças de desintegração – são forças da atividade independente que produzem a ideia de liberdade para a decadência: "produzem a actividade independente dos elementos organicos, as que tendem, por exemplo, a libertar a actividade das cellulas da actividade de conjuncto. Estas tendem para a Decadencia."84.

Concluímos que Fernando Pessoa ao mapear culturalmente seu país trabalhou com a ideia de realizar um projeto sobre o que é Portugal e, assim, construir e estruturar sua nação e o homem da qual faz parte.

Em seu projeto, vimos que o poeta procura traçar modos de criar e recriar o mito de D. Sebastião. Para isso, retoma Sampaio Bruno através de sua análise do texto do **Encoberto** que nos mostra a presença de Cristo na realidade do povo como elemento mítico de uma cultura e, além disso, traz D. Sebastião, símbolo de Portugal, remetendo-se a Cristo, assim, elabora a mítica de construção e estruturação da nação e cultura portuguesa. O poeta assim, retoma o destino escolhido de liberdade de um povo subjugado e descrente de si mesmo. Mostra-nos que a figura de um homem, portador de uma realidade nacional, patriótica e cultural, pode se tornar um símbolo para seu povo crer em si mesmo e, baseado na sua fé, buscar seu destino de liberdade consciente. Além disso, Fernando Pessoa com o mito constrói a consciência e a formação do indivíduo que garante suas qualidades e, assim, gera a estrutura da nação. A representatividade do mito ganha corpo através da forma artística, é por ela que a cultura portuguesa e a nação irão se construir. Por fim, a nação somente irá se estabelecer se houver a união das forças de integração e desintegração, forças estas que estruturam uma sociedade. São essas forças que constituem a nação enquanto organismo vivo detido de consciência e expressão.

Pessoa, Fernando. Sebastianismo e Quinto Império. São Paulo: Ática, 2011, p. 64

## PARTE II

"VER O SOL COMO APOLO É POESIA" – SEBASTIANISMO COMO ENCOBERTO

Fernando Pessoa ao partir do mito como base de construção da civilização portuguesa analisa os pontos sociais, políticos e culturais que a fazem ser uma estrutura fonte de conhecimento e de vínculo entre um povo e seu território e cultura. Desta maneira, mapeia historicamente este misticismo, desde sua introdução no campo imaginário dos portugueses com o ingresso do mito de D. Afonso Henriques que se mostra como o construtor da sociedade lusitana e sua extensão para D. Sebastião como o símbolo que retornaria a dignidade à sua nação. Além disso percebe pelo mito a força de seu povo e que este garante sua permanência soberana no mundo moderno. Através dessa base mística que elucida as características culturais e, junto a ela, a história portuguesa, o poeta por meio de sua literatura busca mostrar a sociedade e a política. Vincula assim, uma visão dos costumes portugueses em que o seu povo está presente na tradição do passado mítico e é por meio dele que se realiza no mundo presente. Este passado mítico apresenta aos portugueses dentro da ideia de retorno para trazer a soberania do país de volta. Este retorno identifica-se como o Encoberto.

Ao pensar simbolicamente a história portuguesa e sua construção civilizacional, o poeta permite analisar a fonte deste discurso dentro das bases de formação do homem, de seus sentimentos, emoções e abstrações. Ao conduzir para este caminho seu mapeamento, encontramos um fundo poético filosófico de natureza mística na história portuguesa. Desta maneira, o poeta permite transpor uma visão restritiva da história de seu país e da nacionalidade portuguesa e abre para uma outra percepção da realidade portuguesa que deixa de pertencer somente ao plano concreto e passa para a ligação entre o que está na realidade e o que vem do sentimento, da abstração e do pensamento como elementos primordiais para construir uma nacionalidade.

Fernando Pessoa constata que a construção da civilização portuguesa deve ser explorada pela sua própria história e, por sua constituição territorial pequena, para se firmar como civilização mestiça. Para afirmar esta visão, utiliza-se, do mito sebastianista como condição de desenvolvimento de uma civilização forte, mesmo que pequena e, de sua identidade, firmada na variabilidade ou no hibridismo que garantem a sua unidade.

O poeta pensa uma sociedade que incorpore a mais antiga tradição presente na alma portuguesa. Para tanto, mostra que essa alma está banhada por múltiplas estruturas e construções de pensamento que geram uma cultura híbrida e que, por assimilação, torna-se uma construção civilizacional mista.

Por meio disso, o poeta busca construir sua nação identificando qual é o seu valor no mundo e quais os elementos que fundamentam e exteriorizam a essência do povo, como este povo pensa e permanece presente no mundo. Assim, como o poeta – "os únicos dois factos religiosos que são

realmente nacionaes — *Sebastianismo* e *Saudosismo*"85—, partimos do elemento que fundamenta toda a estrutura da civilização portuguesa o sentimento religioso saudosista e sua evolução para o Sebastianismo.

Fernando Pessoa ao propor o Saudosismo como o sentimento religioso manifesta a crença no indivíduo e na sua essência como os pontos norteadores da construção da civilidade portuguesa e da nacionalidade. Esse pensamento indica a composição da alma e da força lusitana na abstração e no pensamento do indivíduo como o foco de ligação do mundo espiritual com a realidade. Assim, temos que o sentido da saudade elucida e é o guia para entender o que o poeta busca em sua civilização para criar seu projeto: a cultura e nacionalidade portuguesas vem de dentro e não de fora.

Há uma complexidade em Pessoa ao pensar Portugal de um outro ângulo de forças e sentidos desligados do catolicismo presente no país. Ao pensar miticamente e procurar difundir esta visão de que o povo deve se construir pelo que é próprio de sua cultura, ou seja, construir sua nação através de seu elemento mítico, pois é este que mostra a estrutura da civilização, o poeta está se desconectando da Igreja católica e de qualquer outro dogmatismo de fé estrangeira ao seu misticismo sebastianista. Por isso "o monotheismo é inferior ao polytheismo, porque o Abstracto é inimaginavel excepto genericamente (em comparação com o Abstracto mesmo)."86

Ao criticar as religiões cristãs europeias, o poeta coloca-as como não ofertando a essência do que Cristo quer dizer, isto é, não se mostram como sendo um pensamento oriundo do homem e, assim, são fracas para criarem as qualidades do indivíduo. Ao apresentarem um sentimento e sentido fragmentário da vida, Fernando Pessoa mostra-nos que nenhuma dessas formas é capaz de abarcar em absoluto a alma da raça lusitana, toda a sua fé e toda a sua cultura. Desta maneira, a presença do monoteísmo ou de um politeísmo não consegue abarcar e absorver todo o querer e a própria alusão à união direta com o divino, não mostra a permanência de Deus incorporado no homem e nem o significado que lhe é ofertado, pois não constrói a civilização e sua cultura de dentro. Para ele, a alma de sua raça está absorta pelos elementos que construíram esta civilização, isto é, pelo mito que percebemos a existência portuguesa, pois é algo próprio da nação.

Assim, explora o mito cultural herdado do passado, o Sebastianismo como meio de manifestação da raiz racial portuguesa que constitui a fé do povo que gera a identidade através de sua capacidade de criar de dentro de sua sociedade e de dentro de si mesmo e não esperar que elementos estrangeiros sejam os que nortearão a vitalidade de seu povo e de sua nacionalidade.

Percebemos que o Sebastianismo é um mecanismo imaginativo para desenvolver a ideia de

Pessoa, Fernando. Sebastianismo e Quinto Império. São Paulo: Ática, 2011, p. 70

<sup>86</sup> Idem, p.70-71

Nação. Ao compor a nação como D. Sebastião, o poeta a trata através de uma forma que faz parte da criação da consciência do indivíduo. O Sebastianismo aqui evoca sua qualidade de ser um sistema espiritual que contém o domínio intelectual, social e político. Ao tratar a relação de indivíduo e nação, o Sebastianismo torna-se um meio de investigação da cultura e sociedade que pensa a nação como linguagem que desconstrói a noção do "eu". Ele representa não só a imagem de um indivíduo, mas o todo que o indivíduo é e representa como construção de diálogo da existência no mundo. O "conceito de D. Sebastião evolue; o antigo era o das epochas da fé mystica, esperando 

Neste sentido, em Pessoa, a ideia de civilização envolve a premissa da transformação e que "o que seremos terá de sair do que somos". Traz em perspectiva, que como Portugal consolidou-se como território fundamentalmente construído por múltiplas culturas, que se manteve sólido e forte enquanto nação dominante da Europa, política e economicamente, deve-se, portanto, retornar a estes princípios como criação da civilização portuguesa.

A construção civilizacional portuguesa em Fernando Pessoa, formula-se dentro do princípio ultramarino e expansionista que expande as fronteiras lusitanas, proporcionando a difusão da cultura portuguesa e a mestiçagem com outras culturas.

Fernando Pessoa traz para sua interpretação da civilização portuguesa o princípio da negação de uma separação entre sujeito e objeto. Busca a direção de uma identidade com o conteúdo. Mescla as características sociais e culturais, o qual elenca a abordagem socioestética como meio de experimentação e de esclarecimento e transformação da civilização portuguesa. Sua forma poética rompe com a linguagem para a superação das palavras a fim de revelar um mais-além do real. Está envolto pela criação das formas híbridas que prepara uma consciência, as quais dialoga com a liberdade, a diversidade de formas e linguagens para construção da identidade de um povo.

Ao pensar a representação simbólica do Sebastianismo, Fernando Pessoa incorpora o valor do divino-humano que contém um homem como organizador social e que responde a soberania e o poder da nação portuguesa, pois "só em república pode vir El-Rei D. Sebastião" 88.

O pensamento do poeta une a imagem da soberania e do poder individual como elementos que corroboram na manutenção e na afirmação da força nacional com o sistema político republicano que proporciona a vivência do povo em comunidade e reflete este mesmo povo como não sendo animal. Assim, condiciona o pensamento da nação representada por um indivíduo que absorve todos as formas para a existência da civilização portuguesa dentro da premissa de representação mística da nacionalidade.

Idem, p. 76

Idem, p. 75

Este pensamento apropria-se da base da tradição, da nacionalidade e do popular. Através de sua linguagem simbólica manifesta o pensamento que o homem deve conduzir seu destino. Mostra uma feição religiosa e mística que o pensamento traz em si para converter abstração em objetividade real. D. Sebastião representa: a) Independência; b) Portugal; c) Império; d) Lirismo – manifesta a Poesia. Este herói seria o emissário das forças espirituais que criariam a civilização. Neste caso, D. Sebastião simboliza este herói. Como Rei e como Regresso simboliza Portugal e a sua independência, força, grandiosidade e a constituição enquanto Império. O seu destino está ligado a independência perdida, a força e majestade apagadas e o Império desaparecido. Enquanto Regresso, mostra-se em tripla interpretação: tripla ida compreensível e o misterioso regresso como Rei encoberto e desejado.

Como Rei, representava D. Sebastião, Portugal e a sua independencia; como Rei da dynastia de Aviz, representou/D. Sebastião/ a força e a majestade de Portugal; como Rei-Imperador representava/ D. Sebastião/ o mesmo Imperio. As 3 cousas que representava, sua morte, sua ida, a todos as levou: a independencia, perdemo-la; a força e a majestade apagaram-se-nos. Da tripla vida é triplo o regresso. E assim a tripla interpretação de toda prophecia agrega-se depois, por uma razão que tem que ser-nos velada, como Tripla ida comprehensivel, e o mysterioso Triplo regresso, do Rei encoberto e desejado<sup>89</sup>

Desenvolve a autoimagem da nação como compreensão da máxima do indivíduo dentro do seu componente espiritual, em que constrói o homem em seu todo e expressa esta imagem através de valores e construções de sentido que se manifestam na representação de um símbolo. Assim, "a Nação imaginada como D. Sebastião; e D. Sebastião imaginado como transcendente. É esse o segredo do Sebastianismo"<sup>90</sup>.

Ao pensar na transformação do indivíduo ao longo do tempo, Fernando Pessoa coloca que o homem se autorevoluciona, cria dentro de si a concepção de mundo e como deve ser concebida a sua cultura e civilização. Por meio disso, mostra-nos que a construção da nação adquire um corpo que capta elementos de fora, incorpora-os e os transforma, tornando-os seus. Ao munir-se desses elementos e transformá-los, o poeta pensa a nacionalidade como fruto do indivíduo, pois "a Nação é o ultraindivíduo, existindo, como indivíduo, por contraste com outros indivíduos".

A nação mostra-se como ultraindivíduo por conter em si as características da alma do homem pertencente a civilização e que dinamiza a cultura. Por ser indivíduo, a nação vive e deixa de pertencer ao campo do irreal. Fenando Pessoa ao compor o indivíduo e este como preceptor da nação traz para o contexto de sua criação a importância da consciência como fonte do destino e da essência de um povo. Ao trabalhar essa ideia, o poeta vislumbra a condição de mudança do homem

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> Idem, p. 74

<sup>&</sup>lt;sup>90</sup> Idem, p. 72

<sup>&</sup>lt;sup>91</sup> Idem, p. 70

como condição da mudança de uma civilização. Para tanto, utiliza da transformação do sentido que o indivíduo carrega consigo como elemento para articular e construir o lugar de Portugal no mundo. Nesse sentido, o uso do mito sebastianista alicerça seu pensamento, pois ressalta a presença do indivíduo como fonte e destino da presença de uma cultura, de uma civilização.

O indivíduo ao procurar seu destino constrói seus limites dentro de si mesmo, tudo pertence a sua realidade, sendo que nada é exterior a ele. Desta maneira, ao conceber o Sebastianismo como consciência do homem, Fernando Pessoa trata da capacidade do homem se autoconstruir e ser "o nada que é tudo", isto é, o poeta une o sentido do espírito consciente de si, Deus, que apresenta em essência a totalidade de tudo, o que é comum e diverso, como elemento de afirmação de um povo, de uma pessoa. Além disso, introduz a mudança de sentido do mundo pela razão ou pela linguagem da palavra, que nos mostra a existência em sua plenitude. Nesse sentido, canaliza no indivíduo o ser em-si e o ser para-todos onde a forma absoluta do espírito se coloca no mundo – "Deus" – e generaliza suas especificidades garantindo a forma da civilização.

Ao ser pensada a nação dentro da máxima do indivíduo, o poeta trabalha sua formação através da construção criativa do homem, pois é por meio dele que se manifestará em completude, isto é, a criatividade construtora do sujeito oferta a alma da raça com sua emoção, sentimento, pensamento absoluto de identidade, além de caracterizar o sentido crítico, moral e o valor de seu destino: "é dentro de nós, em nós e por nosso exforço, que tem de vir, e virá, D. Sebastião".

Utiliza-se da ideia de força para criar sua cultura mítica. Defende que há uma força que vem de dentro e que esta é uma força de criação e, assim, pode ser entendida poeticamente. Diante disso, mostra que o homem de gênio apresenta a capacidade de criar pois tem em si as qualidades na palavra para expor as características de seu povo e, ao mesmo tempo, constrói um pensamento que une as características sociais e política dentro de uma única linguagem que define e expõe sua civilização: a "Nação se exprime através dos indivíduos e mormente através dos homens de génio, que são a concentração individual das forças íntimas da Nação. Ora os homens de génio não impõem diretrizes: são-as"<sup>92</sup>.

O poeta não interpreta literalmente a presença do sebastianismo, mas sim capta o valor que dele apresenta em contexto: independência, força, império. Introduz um caráter pedagógico para desenvolver o espírito de precisão e certeza. Percebemos que o Sebastianismo apresenta a mediação e interação culturais, a mensagem messiânica, a ressonância e leitura sociais, o foco político e a construção civilizacional portuguesa. Manifesta em suas dimensões o pensar o indivíduo e a sua

Pessoa, Fernando. Sobre o fascismo, a ditadura militar e Salazar. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2018, p. 295

realidade para criar sua identidade e cultura. Alimenta-se de uma superação criadora do agir humano motivada pelo movimento de transcender o real.

Ao utilizar desta simbologia para revelar a seus pares a ressurreição do espírito português, o poeta justifica o Sebastianismo como pensamento cultural e político. Por conseguinte, o poeta olha o Sebastianismo através de fundo histórico, muito além do significado popular lusitano, parte de algo mais antigo e secular, seu desdobramento revive o símbolo sacro da antiguidade, detentora da sabedoria e da criação civilizacional.

Nesse sentido, "D. Sebastião no seu triplo caracter de Rei (isto é, Rei Nacional), de Desejado e de Encoberto"<sup>93</sup> encontra seu lugar nas escrituras do tempo. Garante sua ordem social por ser rei nacional e mostra-se como figura humanizada da nacionalidade portuguesa, pois é nela que Portugal se manteve como civilização independente, incorpora a tradição. Além disso, colocase como Desejado, manifesta a essência popular de crença e devoção por um símbolo que traria liberdade e segurança. Por fim, de Encoberto, revela a verdade sobre Portugal e o potencial de renascimento civilizacional contido na essência do espírito consciente dos homens portugueses. Agrega às imagens os valores humanos da razão e da nação como estruturas da civilização e, mais fortemente, como cultura nacional edificada pelo mito.

Fernando Pessoa traz para sua explicação as ideias de Gonçalo Annes, o Bandarra, o qual revela a concepção do Encoberto como meio esclarecedor do homem sobre sua condição enquanto indivíduo detentor do livre pensamento e que pode promover a mudança de perspectiva sobre seu destino.

As *Trovas de Bandarra*, escritas em meados do século XVI durante o reinado de D. João III, contém um testemunho sobre as transformações políticas e sociais que abarcaram todas as referências culturais da sociedade portuguesa<sup>94</sup>. Ao trazer como base de leitura das condições sociais, políticas e culturais a interpretação do Antigo Testamento, constrói a realidade a partir de imagens contidas dentro da fé, esperança de salvação e destino do povo, além de proporcionar uma mediação com o fundo religioso onde Deus se manifestaria dentro do próprio homem. Vivendo na época da Inquisição portuguesa que perseguia os judeus e as minorias excluídas, Bandarra surge como o intérprete das escrituras sagradas. Desta maneira, fornece alento e constrói um pensamento místico de esperança ao povo subjugado.

<sup>93</sup> Idem, p. 90

Hermann, Jacqueline. *No reino do Desejado – A construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 63

Ao inspirar-se na Bíblia para produzir suas *Trovas*, o sapateiro de Trancoso formou duas perspectivas: a primeira ligada a mensagem messiânica e a segunda um conteúdo profético baseado no sonho de Daniel que garantiria o futuro do reino soberano. Este sonho apresenta a formação de um império universal da cristandade moderna que abarcaria o estrangeirismo e seria por Deus protegido e não passaria jamais a outro país. Estes pontos encontram a legitimidade dentro do pensamento do indivíduo que governa e constrói sua cultura e, assim, sua nacionalidade através da sua capacidade de criar e de sua força e de seu poder contra elementos estrangeiros e discordantes de seu pensamento e modo de vida.

O sapateiro de Trancoso representou a nacionalização do pensamento de Fernando Pessoa. Desta maneira, a visão do Encoberto trabalhada pelo poeta para elucidar os portugueses é de que o indivíduo deve acreditar e pensar por si próprio, assim, agir para conseguir suas reivindicações e seu desenvolvimento.

O Encoberto, "porém, é um conceito nosso; para que venha, é preciso que o façamos apparecer, que o creemos em nós atravez de nós."95, representa a imaginação e a vontade de mudança através do destino dos portugueses em olhar para o futuro e desejar que a figura de glória e de poder soberano do país esteja presente na representação de um homem e que este governe o povo com respeito e dignidade. Pode-se pensar este símbolo como um conceito desdobrado de profecia, pois na realidade o que o poeta busca é que o homem português tem que criar a partir de si mesmo a ânsia de reerguer e projetar a força civilizacional portuguesa. Assim, como Cristo lança aos homens o poder de construção através de si mesmos, Fernando Pessoa provoca os portugueses a fazerem o mesmo.

Não há homens salvadores. Não há Messias. O máximo que um grande homem pode ser é um stimulador de almas, um dispertador de energias alheias. Salvar um homem a um povo inteiro – como o poderá fazer, se esse povo inteiro não fizer por salvar-se – isto é, se esse povo inteiro não quiser ser salvo? 'Obra tu a tua salvação' diz São Paulo; e o grande homem é aquelle que mais profundamente compellir cada alma a, de facto, operar a sua propria salvação<sup>96</sup>

Para criar essa civilização, Fernando Pessoa realiza uma mudança de destino da história portuguesa, segundo o que também foi pensado por Sampaio Bruno e Bandarra. Para tanto, mesmo apresentando traços contraditórios em seu pensamento e que por muitos leitores eleva o poeta a uma tendência ideológica mais de direita. Apresenta nesta análise formas políticas e conceitos

Pessoa, Fernando. Sebastianismo e Quinto Império. São Paulo: Ática, 2011, p. 72

<sup>&</sup>lt;sup>96</sup> Idem, p. 73

ideológicos que podem ajudar a retirar Portugal da decadência. Assim, o poeta português ao mesmo tempo que é favorável a monarquia, também é favorável a república e seu descontentamento a estes dois sistemas políticos se faz presente em seus escritos. Percebemos que Fernando Pessoa procura realizar uma quebra de paradigma e mostrar que nenhum sistema político é definitivo para estruturar uma civilização quiçá a portuguesa. Nesse sentido, encontramos um pensamento avesso a estes dois sistemas, a anarquia, que é utilizada pelo poeta para reformular a consciência do povo português e retirar do exílio seu país através da retomada da força e do poder pessoal e que ofertará suporte a reconstrução nacional e, também, apresenta-se dentro da característica mística portuguesa de individualidade, liberdade e soberania de seu pensamento.

Por meio disso, perguntamos: "Como, pois, se reforma uma sociedade? É simples: por um movimento não coletivo, isto é, por um impulso puramente individual" Como resposta, Fernando Pessoa pensa na revolução.

A revolução não é um momento de ruptura, é em si o início de um processo lógico e decorrente de transição de dentro para fora. Coloca-se como a explosão de uma nova percepção de conhecer a si mesmo em detrimento do outro e da natureza como modelo atitudinal de bem-estar e de clareza sobre o mundo como construído de dentro de si mesmo e não por estrangeirismos. Diante disso, o poeta traz a anarquia, que "é melhor que o despotismo, pois dos despotas ou sahe a estagnação, que é a morte, ou sahe a anarchia, que assim é um passo além do despotismo e pois mais vale porque é um passo além"<sup>98</sup>, como condicionante da transformação do indivíduo português para retomar sua liberdade e sua força criativa para construir sua existência nacional.

O anarquismo é um mal terrível, mas o despotismo é pior segundo Paul Eltzbacher em **Doutrinas Anarquistas**<sup>99</sup> escrito em 1908 e Fernando Pessoa concorda com isso. Para ele o despotismo perpetua a ignorância, o vício e a miséria que estão engendradas na máquina grosseira que é o Estado. Em oposição, apresenta-se o anarquismo como mau efêmero provoca o livre trânsito das emoções e paixões no povo. Este processo mesmo violento torna-se eficaz por trazer forças novas à razão.

No despotismo o poder exerce uma pressão uniforme sobre o espírito, já a anarquia promove o bem-estar universal que proclama a lei suprema do homem. Em essência depende da nossa alma imutável. Para produzir o bem-estar universal, chegamos a um outro ponto que engloba a desarticulação do Estado para implementar a vida comum baseada unicamente no bem-estar de todos através da vida social.

<sup>&</sup>lt;sup>97</sup> Idem, p. 78

<sup>&</sup>lt;sup>98</sup> Idem, p. 77-78

<sup>&</sup>lt;sup>99</sup> Livro que faz parte da biblioteca particular de Fernando Pessoa e que contém anotações do poeta neste livro

O pensamento anarquista questiona os alicerces da vida humana até o momento expostos na história portuguesa e cria condições para a mudança a partir da revolução dos hábitos e da própria sociedade se ver como civilização que não minimiza as diferenças nacionais. Ao mesmo tempo age como perversor e pervertido na compreensão da mudança da estrutura da própria civilização — "contra a anarchia reage-se creando, contudo, ao passo que contra o despotismo se não se reage senão anarchizando, para dissolver, ao mesmo tempo o espirito Catholico e o espirito do estupido registo-civil" 100.

Luta-se para consolidar a individualidade e criar a singularidade de uma nação. Deste modo preserva e cumpre a sua virtualidade como imagem à realidade do mundo. Em si é a tradução da consciência desperta e certa de si mesma que traz consigo a essência do curso do mundo e seu oposto a individualidade. Representa a oscilação entre conservar e sacrificar para gerar algo maior que seria o universal. A anarquia assim, estabelece-se como a mediação do próprio povo enquanto conhecedor de seu conteúdo para com o mundo. Fernando Pessoa ao compartilhar da necessidade da anarquia exprime-a dentro do entendimento da liberdade absoluta do homem e do cidadão.

A estrutura ideológica de Fernando Pessoa forma-se através da expressão de sua literatura como receptáculo da alma da raça portuguesa e como difusor do mito da grandeza futura de Portugal. Além disso, estabelece os parâmetros políticos e sociais através do símbolo mítico de D. Sebastião, o qual formula a característica da nacionalidade do povo português e de seu valor na cultura europeia: "O que é *desejado*, em Hiram Abiff, não é ele mas a Palavra que ele possuía; em Jesus Cristo não é ele mas a Palavra que ele é; em D. Sebastião, não é ele mas o Cristo (A Palavra que é ele)."<sup>101</sup>

Ao transformar o Sebastianismo em linguagem, o poeta reafirma o poder da palavra e fornece a autoidentificação da verdade dentro do componente humano e representativo da fé e da crença particular e primordial do povo português, ou seja, do seu sentimento religioso saudosista que traz a força interna do homem como meio estruturador e construtor dos valores e forças absolutas e independentes que geram a nacionalidade e a cultura de uma civilização.

Seu pensamento caminha em conjunção com as transformações da arte que traça sua identidade dentro da ideia revolucionária, em que o artista<sup>102</sup> nega, desconstrói os princípios

Pessoa, Fernando. Sebastianismo e Quinto Império. São Paulo: Ática, 2011, p. 78

<sup>&</sup>lt;sup>101</sup> Idem, p. 92

O termo artista deve ser entendido como não somente pintores e escultores, mas mais importante, pensar o artista como também escritores.

normativos e traz à luz o realismo e a releitura da história. Fernando Pessoa trabalha seu pensamento e sua literatura através da fragmentação do eu e do entendimento da Alma<sup>103</sup> como mecanismo de afirmação de sentidos e símbolo de construção dos caracteres culturais e sociais de um povo.

Trabalha com questões de construção, destino e existência como corpo de um país. Interpela sua crença de transformação da identidade cultural por meio do único mecanismo proveniente para se fazer, ou seja, a arte da escrita. Encaixa-se na "ideia condutora da poética do século XX: a história literária como conjunto em permanente mutação, cada obra realmente nova forçando a um remanejamento da ordem anterior"<sup>104</sup>.

Corrobora na nova perspectiva que reforma a história e a arte de reconstrução do passado como construção discursiva do próprio presente, isto é, trata o mundo como ciclo de autorregeneração e criação de valores que se reorganizam no presente, sendo que passado (pode ter sido), presente e o futuro (vir a ser) se encontram como apenas Presente, que é atualidade, ou seja, uma atualização constante — está em constante mudança, se fazendo em formação. Nessa atualização constante que se coloca como mudança encontra-se o todo variável, o aspecto comum, um conceito ou ideia que garante a concretude da existência de um povo: o mito.

Alma tratada não como ente individual somente, mas como a coletividade do Todo português.

Perrone-Moisés, Leyla. *Altas literaturas. Escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 31

# PARTE III

"UM SALVADOR É O QUE PRECISO" – SEBASTIANISMO COMO INTERVENÇÃO

Para Fernando Pessoa, a civilização e a cultura portuguesa concebem uma continuidade da civilização e cultura grega com uma tendência a se orientalizar. Concebe o ocidente como "tudo o que talvez seja o futuro" e o oriente que "ocupa naturalmente o lugar da origem, que obedece ao paradigma do arcaico, enquanto a-histórico e primitivo, mas também como 'locus' da sabedoria primordial". Portanto, redimensiona a civilização portuguesa contendo em si as culturas ocidentais e orientais e, estabelecendo, desta forma, a consciência do que é Portugal.

Mostra que a civilização criou a limitação da racionalidade através do advento do Estado, considerado não nacional mas civilizacional, isto é, o Estado detido como compreensão do sujeito na existência, que apresenta um nível de crença de ordem ritual e apresenta função natural estruturada em ciclo e dualista.

Fernando Pessoa parte do pressuposto que o nacionalismo está alinhado ao homem e a seus valores internos. Estruturalmente, embasa a sua ideia na própria vida para naturalizar os valores, o qual gera uma moral e ordena o organicismo social e o vitalismo. Seu pensamento constrói a especificidade portuguesa através da formulação de um psiquismo nacional, o qual produz uma maneira de existência por meio do trabalho próprio. Empregando essa estratégia, o poeta conduz seu discurso através de duas etapas: 1) o idealismo que confere diretrizes orgânicas – isto é, raça – para a identidade a partir do mito; 2) a nacionalidade política baseada no conhecimento. Estas duas etapas, raça e conhecimento, formam a nação política que ele almeja retratar enquanto transfigurada como alma. Encontramos sobretudo na estrutura que o poeta equaciona sobre seu ideal nacional, certos critérios chaves: a pátria que se manifesta através do indivíduo; a libertação do homem; o estado antes civilizacional que nacional; e a sensação como realidade.

O poeta realiza uma intervenção tanto sociopolítica quanto ideológica por meio do elemento artístico. Essa intervenção, enquanto forma de criação de um ideal nacional português, não somente corresponde a uma mudança do modo como se deve perceber e conceder a imagem e o pensamento de Portugal, mas, sobretudo, a uma apropriação de ideias filosóficas — quando o poeta não as modifica ao seu gosto — para justificar ações e decisões voltadas a um determinado período. O poeta realiza uma leitura interpretativa do período, se aproveita de componentes históricos e ideológicos de seu meio para ser construída.

O poeta elabora, nesse discurso, um abalo nas estruturas sociais e políticas anteriores, entendidas como inertes, alienantes e massificadoras, para gerar degraus históricos que precisam ser percorridos por sua pátria para que ela alcance o domínio cultural dentro de uma Europa abalada.

a) o sebastianismo: resume o caracter da raça, a tradição imperialista, e contem em si os caracteristicos precisos para subsistir o mysticismo religioso pelo mysticismo de raça. Ao mesmo

tempo aproveita os únicos casos bons que a decadencia traz – o aumento de aspirações, de espirito mystico

b) Escolha das influencias estrangeiras: ir buscar ao estrangeiro aquella influencia *larga* mais parecida com a nossa. Essa nos despertará melhor. É a influencia germanica <sup>105</sup>

Para entendermos essas duas etapas de seu discurso, precisamos do mito que o poeta resgata para criar uma força interna que garanta o sentimento de pátria. Com o fim de apoiar esse pensamento, Fernando Pessoa utiliza a analogia cultural com a Alemanha no campo tanto mítico quanto sociopolítico como justificativa. Para tanto, usufrui da ideia de um Manifesto – voltado para as artes – como forma capaz de criar a civilização.

As artes são:

- (i) de divertimento canto, dança, representação.
- (ii) de ornamento pintura, escultura, architectura.
- (iii) de/expressão/ musica, literatura, philosophia. 106

O poeta, dessa maneira, demonstra o que o povo é através da linguagem artística. A essência do povo é criada por meio da forma – elemento que define o modo de transmissão do conhecimento – a qual o modo como se mostra define a civilização da qual faz parte. Assim, "a orientação moderna deve tender a abolir as artes de diversão e de ornamento, substituindo-lhes as artes de expressão – únicas verdadeiramente creadoras de civilização" 107

Fernando Pessoa utiliza da simbologia da literatura, a arte de expressão, como ferramenta para estabelecer sua representação nacional. Dentro dessa construção, o poeta coloca-se de modo crítico e construtivo. Contudo, a visão estética lança-se no século XX, período de vivência do poeta, abrangendo o campo político. Busca traduzir o mundo, projetando-o e entendendo-o como "formula ideativa da literatura (...) obriga a *sentir conscientemente*, a pensar, a comprehender, a sentir *intelligentemente*..."<sup>108</sup>.

Quando o poeta pensa no ato de criar, está pensando como um meio produtor da verdade resultante da inteligência do organismo que nasce e se desenvolve. Reflexivamente, sua linguagem comunica um ato, como uma forma do espírito humano que desenvolve por meio da abstração, a autoconsciência da qual elabora a reconstrução e integração dos elementos da realidade. Dentro de si, atribui a representatividade da alma individual como percepção do mundo. Sua consciência reflete a força e o poder sobre sua realidade e sobre os outros.

A forma da literatura deve seguir a mesma tendência da tradição cultural. Por isso, deve combater o estrangeirismo e defender as características pessoais do povo. A tradição cultural é

Pessoa, Fernando. Sebastianismo e Quinto Império. Rio de Janeiro: Ática, 2011, p. 97

<sup>106</sup> Ibidem

<sup>&</sup>lt;sup>107</sup> Idem, p. 98

<sup>108</sup> Ibidem

manifestada pelos intelectuais através de suas literaturas que caracterizam social e politicamente sua pátria, definindo-a para o mundo, daí a adesão pela Alemanha, pois ela mostra a sua construção e força social através de sua analogia com a literatura.

O Estado allemão, porisso, tinha forçosamente que ser um estado 'reaccionario'. De resto, os outros aspectos da sua vida a isso o obrigavam. O seu caracter de estado hegemonico e guerreiro (a Prussia, Kriegsstaat, como diz Treitschke), as suas tradições imperialistas, a tendencia universalista da sua cultura (goethiana ou outra) que, para ser cosmopolita sem ser anti-nacional, risco que corria, dado o caracter disperso dos estados allemães, — tinha de dar á sua própria universalidade um caracter de dureza, de se apoiar á tendencia militarista do estado-regente: tudo isto creou o estado allemão, tal qual nós o conhecemos, e tudo isso é, como estamos vendo, fortemente e conscientemente, e altamente civilizacional<sup>109</sup>

Entendemos que, ao utilizar da visão alemã, o poeta português tem um princípio definidor de sua postura para a ascensão nacional: a aliança espiritual e revolução intelectual. Este princípio parte da máxima que a alma da nação capta todo um sentido da substância do homem e de sua essência. Para tanto, deve-se, primeiro, criar um idealismo através da razão que possibilitará a inserção das diretrizes orgânicas da identidade e segundo, de entender a nacionalidade como um indivíduo político dotado de conhecimento.

Fernando Pessoa traz a mudança no pensamento que até então vigorava, isto é, o pensamento baseado no romantismo e no renascimento, e no modo de se viver – permeado pelo capitalismo latente, industrialização e modernização desenfreada onde os entes se tornavam cada vez mais individualistas e a coletividade que arrenda a constituição de uma cultura não mais se firmava.

A funcionalização do ato de criar, ou da arte como doutrinadora, apresenta um efeito estético, político e ideológico nos indivíduos. Fernando Pessoa revela a mudança de se pensar a forma como meio de reprodução da representação da perspectiva nacional.

A literatura transmuta os valores no plano histórico-civilizacional, pois o poeta quer que ela represente o fundamento ontológico do Estado, uma república de gênios segundo Nietzsche, onde a razão é substituída pelo instinto e o "telos" democrático pelo estético para libertar da alienação. Assim, temos que essa ideia introduz o sentimento e o predomínio da sensibilidade como suas bases e funciona no ser humano como intermediário entre a moral e o espiritual.

Para que haja nacionalidade deve-se criar o mito que organize a sociedade e o homem. Este, como demonstrada anteriormente pelo poeta, deve ser elaborada dentro da construção da força. Esta força, que vem de dentro da nação e que se desdobra na realidade do povo incluso a sua capacidade de criar. O ímpeto criador é uma esfera particular de experiência que procura reconfigurar a partilha

<sup>109</sup> Idem, p. 107

do sensível para definir o comum de um povo, tornar visível o encoberto esquecido, e fazer ouvir os que antes eram percebidos apenas como ignorantes.

O organismo biológico individual que possui força criadora constrói a si mesmo e seu mundo circundante. No entanto, só existe e se realiza biológica e psicologicamente enquanto social, coletivo. As forças criativas individuais somadas formam o organismo social, vitalista, criado e elucidado culturalmente pela arte, ferramenta de desvelamento e comunicação. Dentro deste contexto, Pessoa mostra-nos a construção da cultura e nacionalidade através da cristalização e de seu componente sustentador: a raça (a união biológica e cultural, a identidade cultural e biológica de grupo).

Assim, a influência germânica estaria presente na constituição do pensamento pessoano como elaborador da consciência portuguesa de formação e consolidação do seu povo enquanto civilização. Desta maneira, ao pensar na criação como sustentáculo do ideal nacional, Fernando Pessoa está induzindo nosso pensamento para o paralelismo da arte com a política e, assim, deduzimos a nação como fundamentalmente identificada com o indivíduo politizado e capaz de discernimento, pois apresenta em si conhecimento e interação de conceitos inatos e dados sensoriais que formam o mundo e a experiência que o homem produz sobre e a partir deste mundo.

Fernando Pessoa postula uma teoria de pensamento que interliga a sociedade com a cultura pelo entendimento e esclarecimento da Arte, isto é, "a arte é uma forma da nossa vida" (PESSOA, 1914) e que "tem duas feições: a feição puramente artística e a feição social" (PESSOA, 1914). A produção intelectual de Pessoa em relação a questão estética trata-a envolvendo a linguagem, que constrói a relação de integração com o sistema social, político e econômico. É uma arte pensada e que comunica mais que do que trata da questão da forma estética. Postula a arte como atividade do homem que está ligada a vida. Neste sentido, a arte é a forma de absorção do mundo em modo de representação por imagens, sejam estas imagens literárias ou não. Proporciona uma nova forma de pensar e de expor este pensamento e sensações, sentimentos e observações do mundo. O mundo é transcrito pela arte.

O nosso conceito de mundo compreende o que fazemos de nós mesmos, e por outra parte, no conceito que de nós formamos, se contêm o que formamos das sensações, pelas quais o mundo nos é dado; sucede que em seus fundamentos subjetivos, e portanto na sua maior conformidade com esses mesmos fundamentos –, a arte se mistura com a ciência, a ciência se confunde com a arte. <sup>110</sup>

A arte retira-se de seu campo estético e encontra-se permeada pelo que é comum com as outras faculdades do espírito que trabalha a ciência, o ser humano através da emoção e de sua constituição na alma.

PESSOA, Fernando. Athena – Presença da cultura grega, s/d

Evidencia a busca de uma consciência do mundo aos homens em meio aos caos e a decadência. Para tanto, deve-se ir na direção de sentido da clareza, da sabedoria e liberdade. Esta por sua vez somente será obtida através da linguagem, referida pelo homem de gênio, mecanismo que procura desvencilhar dos saberes comuns e mundanos. Por apresentar-se como o meio de entender a sociedade e a cultura, mostra que esta é simbólica e estruturada e que por meio da linguagem, do desprendimento das ataduras do século XIX busca-se o equilíbrio na vida, que se deflagra através da arte.

Portanto, a arte compreende-se como parte integrante do homem, trazendo as formas estéticas expressivas ao mundo, produzindo opinião, diálogo e crítica. Apreende o significado da alma e da linguagem do mundo, como representação da cultura, onde há a construção e desconstrução da realidade do ser humano, por meio da linguagem. Esta fornece uma narrativa cultural, ou seja, a cultura e a história imprimem na língua suas concepções.

Desta maneira, vincula a criação do homem a uma ideia política que o liberta da sua alienação, permitindo construir o sentido de existência dentro da estrutura de formação da sociedade, da força, do poder e do conhecimento. Logo, coloca-o como meio histórico-biológico para pôr fim à decadência. Pessoa defende uma arte interventiva ligada à práxis da vida para promover a união entre sociedade e arte. Já que a relação do homem com o mundo é estética e criadora, a arte se assemelha a uma estrutura de poder que se iguala a própria sociedade, pois é sua manifestação viva. Assim, a arte torna-se um instrumento de dominação.

Ao unir-se intelectualmente com a Alemanha, notamos que o poeta encontra meios para refutar as diretrizes políticas e sociais de democracia da época, por ele consideradas alienantes. Tais diretrizes são oriundas da França, Inglaterra e Itália, ou como podem ser compreendidas no período do início do século XX, os Aliados.

Sejamos nós proprios! Affastemos a influencia romana, atirando para longe com o catholicismo, tratando de o rebaixar, de o (...). Corrâmos com a democracia, que é franceza, que é anti-portugueza, repudiando toda solidariedade portugueza (...) com todos os envenenadores de Portugal com o virus democratico, com a toxina franceza da Liberdade, Egualdade, Fraternidade. Trabalhemos para nos abstrahirmos á/canga/britannica<sup>111</sup>

Dentro destas características, Fernando Pessoa analisa o fim da Europa romantizada e a deflagração de pensamentos raciais, eugênicos e colonizadores como o problema da modernidade e da constituição da civilização. Desconstrói a imagem de Portugal enquanto país que apresenta uma cultura e civilização moldadas pelas premissas europeias das décadas de 1910 e 1920, que via na eugenicidade e no ultranacionalismo sua força e sua característica de não separação territorial.

<sup>&</sup>lt;sup>111</sup> Idem, p. 103

Contudo, percebe que estes valores de dilaceramento cultural híbrido conduzem a formulação de ações políticas que levam a crise dos valores morais e éticos, os quais desencadearam a construção de Estados-nações totalitários.

A nossa alma oceanica e

Paris, Londres, Roma - sempre esses trez nomes representaram os nossos inimigos. Londres subjungando-nos politicamente; Roma, subjugando-nos a alma, pela inferior obra do catholicismo; Paris envenenando-nos das suas vistas, das suas attitudes, das suas maneiras, dos seus democratismos como dos seus trajes<sup>112</sup>

A analogia sociopolítica e intelectual com a Alemanha é utilizada para entender a construção da nacionalidade a partir da tradição, da ideia de unidade, da individualidade como personalidade que sustenta seu povo, e do conhecimento do homem para realizar a manutenção e a criação nacionais. Através dessa analogia, percebemos o desenvolvimento que o poeta realiza como forma de intervenção: criar-se de acordo com sua raiz, isto é, ser nacional através dos elementos próprios que fizeram seu povo estar presente no mundo. Isso inclui, por sua vez, não depender de estrangeirismos para realizar seu destino de pertencimento ao mundo moderno, tais como as influências dos Aliados.

Com as amarras do tradicionalismo ainda reinante em Portugal e com a continuidade do pensamento francês constituindo a mentalidade portuguesa, Fernando Pessoa coloca-se como crítico de Portugal, por aproximar a nacionalização de sua pátria não como uma via unilateral e de formação eugênica, mas enquanto resgate da autenticidade dentro de seus valores tradicionais, isto é, dentro da compreensão de construção da nação portuguesa que apresenta uma origem cultural ultramarina e mística.

Neste sentido, problematiza a permanência da cultura e pensamento francês dentro de Portugal, pois formula a ideia que a França envenena a cultura portuguesa. Além deste, constata que a política inglesa coloca-se como espinho do país. Compreende-os como inimigos que não são combatidos. Para isso, traz à cena a força nacional alemã como formulação da união e desenvolvimento do equilíbrio e organização cultural que se realizou através da subestimação de culturas centrais (França e Inglaterra) que também colocaram povos periféricos europeus - como Portugal – como fracos e incapazes de se sustentar individualmente, criando desta forma, uma colonização europeia e, também, uma barbárie entre seus semelhantes.

O poeta utiliza da força de organização alemã para mostrar como Portugal deve se organizar, sendo que está somente é possível via a tirania.

<sup>&</sup>lt;sup>112</sup> Idem, p. 103

Necessidade de organisar, em Portugal, o que desde já se possa organisar. Começar por destruir os maus elementos, de modo que os bons, que já existam, possam assomar á superfície.

*(...)* 

O grande problema do Estado futuro consiste na organisação com a minima compressão possível da liberdade. No estado em que as almas estão hoje, não é possível organisar sem opprimir; e não é possível portanto um estado allemão sem uma tyrania allemã. 113

O poeta elucida que a civilização é construída com o que se tem, pois é dela que a mudança se fará. A tradição portuguesa, que Fernando Pessoa quer requerer para a construção de sua civilização, não se reporta ao período clássico camoniano e monárquico. Para ele, a tradição portuguesa remete a sua fundação mítica presente em D. Afonso Henriques e D. Sebastião como análogos à Alemanha.

Em Pessoa, o conceito de igualdade não passa de uma lassidão moral, para tanto, o humanitarismo apenas se colocaria como máscara que impediria de revelar a própria crueza da desigualdade que sempre esteve presente e que moldou as sociedades. Recusa, por conseguinte, qualquer saída redentora da humanidade, propõe, assim, algo radical que interviesse no sistema social e colocasse via o resgate do mito e de um homem que saiba criar esse mito a civilização a pensar por si própria e a intervir no modelo utilizado.

Realisemos em nossa alma a vinda de D. Sebastião. Realisemol-a como ella deve ser realisada, seguindo as pisadas da Allemanha, e levando a obra mais além – obra pagã, obra anti-humanitaria, obra de transcendencia e de elevação, feita atravez d'aquella crueldade para com nós próprios que o espirito de Nietzsche, num momento lucido, viu ser a base de todo o sentimento do imperio 114

Por estes pressupostos, Fernando Pessoa racionaliza a imagem da civilização dentro da ideia alemã que a pátria está acima da civilização e que uma nacionalidade deve, para os seus elementos componentes, valer mais que o movimento civilizacional geral a que ela pertence e em que se integra. A pátria deve manifestar-se dentro do indivíduo. Este por sua vez, reformaria o interior da República portuguesa, trazendo a alma árabe, que civilizou a península, novamente para remodelar a República.

O indivíduo, enquanto ser politizado e capaz de discernir, aplica todas as ferramentas de manifestação dos sentidos para criar sua obra, seu mundo, no qual pode se desenvolver plenamente:

Grande e difícil é a obra! Grande e difficil o varrer dos ideaez democraticos, humanitarios e utilitarios. Mas a grande obra anti-christã (anti-christã em tudo, [a]nti-democr[atica,] anti-catholica, anti-monarchica) deve ser feita. Tristes de nós se faltarmos á missão divina que Aquelle que nos poz ao Occidente da Europa, e taes nos fez quaes somos, nos impoz quando nos deu este nosso accesso e transcendido espirito aventureiro. Depois da conquista dos mares deve vir a conquista das almas. 115

<sup>&</sup>lt;sup>113</sup> Idem, p. 105-106

<sup>&</sup>lt;sup>114</sup> Idem, p. 109

<sup>&</sup>lt;sup>115</sup> Idem, p. 110

A dificuldade dessa obra faz com que surja o homem forte e o conhecimento particular que tangencia o espírito absoluto. Mas, no cenário social mais amplo, a paz precisa surgir para a sua apreciação plena da vida. No entanto, para que haja paz deve-se romper com o ambiente caótico e culturalmente massificador que aniquila as individualidades pátrias.

O poeta inverte o sentido: para haver igualdade social deve-se partir da força e da capacidade interventiva e, por sua vez, da tirania para trazer o valor da sociedade e seu poder nacional. É assim que conseguimos verificar que cada ideia política, social ou filosófica usada pelo autor, inclusive o uso da força ou a influência germânica, têm propósitos claros: serem momentos de passagem que abalam estruturas sociais e políticas anteriores, entendidas como inertes, alienantes e massificadoras, para gerar degraus históricos que precisam ser percorridos por sua pátria para que ela alcance o domínio cultural dentro de uma Europa abalada. Nesse propósito, o mito de D. Sebastião ganha importância para Fernando Pessoa, porque é português – portanto próprio de seu povo – e cristaliza o pensamento relevante para seu projeto: idealiza e reunifica os mais íntimos desejos de grandeza e sentimentos de nostalgia existentes no povo português, cujo ideal nacional está presente desde D. Afonso Henriques. Ao escolher a Alemanha para sua defesa histórica de construção nacional, o poeta nos revela o valor histórico do uso da força como meio para romper com antigas crenças políticas e organizações sociais – situação que encontra analogias forçadas com a tirania e o niilismo, os quais logo se revelam apenas passagens úteis para rupturas com as condições sociopolíticas e filosóficas descreditadas pelo poeta.

Logo, o poeta quer fazer entender que a essência natural de um povo precisa ser condizente com o que o país é, e essa essência deve se apresentar para o mundo para firmar a cultura do próprio país.

A abordagem de Pessoa sobre a questão do mito como identidade fonte para Portugal cria uma noção de propriedade que corresponde entre nação e indivíduo. Por sua vez, constata que a construção da civilização portuguesa deve ser explorada pela sua própria história e, por sua constituição territorial pequena. Para afirmar esta visão, ele utiliza, do mito sebastianista como condição de desenvolvimento de uma civilização forte, justificada pela analogia com a lenda alemã de Frederico Barbarossa.

Para o Portugal presente, opprimido e esbatido, como a Allemanha humilhada do principio do seculo passado, o que existe que os levante é uma tradição de imperio, e, em ambos os casos, uma tradição inteiramente quebrada e envilecida. Em ambos os casos se dá um phenomeno curioso, evocador d'essa tradição atravez d'um curioso sentimento de mysticismo nacional. No caso da Allemanha é a lenda de Frederico Barbarossa, morto em viagem para o Oriente, e que espera o dia em que, voltando, ha-de restituir á sua Patria o imperio e a grandeza. Assim, entre nós, da nossa grandeza ida, do nosso imperio morto, ficou a lenda mystica e nacional, de D. Sebastião. 116

\_

<sup>&</sup>lt;sup>116</sup> Idem, p. 111

O poeta, ao trazer para nosso entendimento da construção civilizacional portuguesa a figura símbolo de D. Sebastião, promove o uso do mito como linha mestra da estrutura civilizacional. Ao mesmo tempo a figura do rei desejado – D. Sebastião – dialoga com a figura de Cristo, por sua aproximação com o desaparecimento do corpo do filho de Deus e o desejo do povo de seu retorno, e com as insígnias de uma cultura e de uma civilização – D. Afonso Henriques. Fernando Pessoa, estabelece que a inserção do mito sebastianista caminha em acordo com a integração cultural e social das diferentes etnias e religiões, mas não propôs o uso do catolicismo como meio de difusão deste império português firmado na diversidade.

Dentro dos fragmentos escritos pelo poeta e que estão reunidos nessa organização, há uma carta escrita por João de Barros<sup>117</sup> – poeta, pedagogo e publicista português – e publicada no jornal O Mundo em 10 de julho de 1915, ao qual este apela aos intelectuais portugueses para se manifestarem sobre a Grande Guerra. Ao contrário do poeta, Barros defendia a posição dos Aliados em dois pontos: 1) a favor dos Aliados pela união com a ideia cristã; 2) contra a Alemanha por esta apresentar a figura do Imperador Guilherme como símbolo de nacionalidade. Esta figura era considerada por João de Barros como o Anticristo, pois negava as ideias vindas de Roma e do cristianismo presente na Europa.

Fernando Pessoa, ao contrário do pensamento em voga na Europa e no seu país, responde ao apelo de João de Barros, para desenvolver seu ponto de vista. Além disso, compreende que para obter uma nação sólida e sustentável diante da fragmentariedade dos valores e do retrocesso político e social que vigora em Portugal, deve-se percorrer contradições. Assim, mostra-se contra a religião de Cristo e contra Roma. Busca uma harmonia universal e uma concepção de mundo detida como uma via puramente racional. Por conta disso, "Christo é o representante da Intuição, ou do Sentimento, como guia e norte da Vida, o Antichristo deve ser o representante da Intelligencia, que [é] o inimigo do Sentimento". 118

O poeta utiliza a ideia de Anticristo nietzschiana para desconstruir os pilares da sociedade e, assim, opor as doutrinas e suas tradições para reerguer a construção histórica de sua pátria. A intervenção anticristã visa extrair da sensibilidade o "cristismo" que atinge os dogmas da personalidade, da individualidade e do objetivismo pessoal. Ao partir da ideia do filósofo alemão, o poeta está em comum acordo com as ideias sobre a sabedoria divina como absoluta utilidade do conhecimento, presente na alma humana. Para eles, a verdade é a forma do conhecimento, sendo

<sup>117</sup> Aderiu ao Partido Republicano Português, depois dito Partido Democrático. Foi Ministro dos Negócios Estrangeiros na Primeira República portuguesa. Em 1920 se tornou Grande-Oficial da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada.

<sup>&</sup>lt;sup>118</sup> Idem, p. 113-114

produto da força que é o poder conservador da vida. Como condição para a vida, o conhecimento se manifesta como princípio do um e do todo, tornando-se o impessoal, universal e imutável como Deus.

Aquelle paiz que lançou os Navegadores pelo mar fora, e começou o seu direito á existencia na civilização pela obra, essencialmente de Intelligencia, das descobertas — esse paiz o ha de lançar ao mundo. Tal é o verdadeiro sentido, aqui pela primeira vez revelado (porque a Hora se approxima) do 'Regresso do Rei Sebastião', que a mystica popular até agora se enganou em tomar apenas (porque tambem o é) como symbolo do renascimento da Patria.<sup>119</sup>

Desta maneira, o pensamento do poeta consiste em recuperar D. Sebastião como essa figura do Anticristo que rompe com os dogmas e retrata a natureza portuguesa em sua personalidade. Assim, o sebastianismo encontra-se não somente com feição religiosa, por colocar-se como não-cristão mas, principalmente, como princípio transnacional, que se enquadra como mito congregador dos portugueses. Para o poeta, o mito apenas simboliza a união do material com o espiritual e da independência da nação, além de constituir a figura que opera a consciência da Alma da Pátria.

Não só rei novo, como tambem monarchia nova.

 $(\ldots)$ 

Como tudo quanto é alma portugueza anseia pelo Rei, esse Rei é o Desejado. Como não sabemos quem ha de ser o Rei, elle é, para nós, o Encoberto. Assim se cria em nós o velho anseio sebastianista, único religiosismo verdadeiramente portuguez<sup>120</sup>

Por meio da analogia com a Alemanha, o poeta estabelece o uso da tradição mítica como caminho que provoca a ruptura com a inércia portuguesa através de uma guerra não de corpos, mas de espírito. O ponto de vista pessoano, assim, desdobra-se em um segundo aspecto crítico em relação a Igreja de inércia eclesiástica, criadora de totens e tabus estéticos que engessam a atividade da alma. Como essa atuação eclesiástica apoia-se no uso da imagem de Cristo, encontramos o uso do Anticristo, resgatando a João de Barros, a ideia que Pessoa utiliza. Essa ideia trabalha com a força do conhecimento e com o poder da tradição enquanto elementos estruturantes do homem. O Anticristo não é contrário à crença, mas segundo o poeta, mostra-se como a pureza e a natureza própria do povo português, cristalizado no símbolo do salvador, encarnado no próprio mito sebastianista, isto é, a representação idealizada de um herói e, enquanto retrato de uma cena, da própria alma nostálgica e dos desejos de grandeza portugueses.

Dentro deste raciocínio, luta contra a Igreja Católica para renascer sua nação. Mostra que a fé é um fenômeno cultural e não dogmático. De acordo com esta lógica, Pessoa considera úteis todos os sistemas religiosos sob a condição de serem nacionais, populares e suscetíveis de evolução

<sup>&</sup>lt;sup>119</sup> Idem, p. 114-115

<sup>&</sup>lt;sup>120</sup> Idem, p. 117

e adaptação. Por conta disso, "a fé catholica do tempo do Infante D. Henrique é cousa differente da fé catholica do tempo de D. João IV e D. Sebastião. A primeira é um phenomeno cultural, substancia commum de toda a civilização europea, nesse tempo ser catholico era apenas ser europeu". 121

O poeta realiza uma ruptura com o estado presente da existência humana portuguesa através do poder do conhecimento. Através dessa influência, a difusão do patrimônio de ideias e de sentimentos comuns a toda a nação, cria o espírito português emancipado da religião tradicional e, se coloca, diante de uma religião moderna, fruto do pensamento e, que concilia razão e fé.

A importância do mito como ideia reunificadora para o seu país tem raízes no percurso de desenvolvimento da prosa de Fernando Pessoa, o qual reflete, de modo mais interpretativo que cronológico, um percurso histórico da pátria. O poeta entende que as descobertas e o imperialismo ultramarino foram a criação do mundo moderno, no qual sua pátria teve papel predominante. Assim, usa a história para trazer o império cultural português, que não se camufla na sujeição da decadência bélica do ocidente da Primeira Guerra Mundial. Portugal possui força criadora, pois criou o mundo moderno com a expansão ultramarina e, por isso, é o oposto da decadência europeia. Usando dessa estratégia se funda a imagem de Portugal deixando para trás a Europa e olhando com outros olhos para o ultramar. Com a abertura ultramarina, no entanto, o poeta revela-nos outro conflito de opostos: o nacional é exposto e entremeado com novas culturas. Logo, o olhar para o Atlântico, espaço ultramar Português, reafirma-se como universalizante de culturas. Por isso, descobre que dentro do caráter civilizacional português, encontra-se embutido um nacionalismo que apresenta em si o regionalismo e o internacionalismo.

Visando resolver essa dualidade entre regionalismo e nacionalismo existente em sua pátria, Pessoa nos apresenta uma solução que reúne unidade e multiplicidade, caminha por contradições e ações dramáticas, e culmina na síntese pelo mito. No entanto, o percurso que o poeta nos oferece até a reunificação pelo mito é longo. Esse caminho, no entanto, é a própria intervenção.

<sup>&</sup>lt;sup>121</sup> Idem, p. 118

# PARTE IV

"TODO PORTUGUÊS QUE NÃO É SEBASTIANISTA É UM TRAIDOR" – SEBASTIANISMO COMO PÁTRIA A estrutura presente nos textos de "Pátria" mantém o discurso da nacionalidade fundamentada no mito de D. Sebastião. Mito e tradição se confundem e se tornam unos, permeando os três aspectos abstraídos do texto de "Pátria": ideal político; a relação do indivíduo com a pátria; a alma tripla portuguesa, ou as três espécies de Portugal. Quando esses três aspectos são reunidos e unificados, abrimos caminho para a interpretação das heranças de liberdade nacional e do desenvolvimento da verdade íntima da alma portuguesa. Aqui, tal verdade é a própria fundamentação de existência do português, direcionada pelo sentido da razão existente no mito Sebastianista.

Partindo do mito que permeia todos os tópicos abstraídos de "Pátria", logo nos deparamos com a sinalização de que a interpretação dada ao Sebastianismo é mais importante que ele mesmo: "Todo o portuguez que não é sebastianista é um traidor"<sup>122</sup>.

Essa frase que abre a quarta parte da recolha de textos mostra-se como justificativa do desenvolvimento do pensamento pátrio do poeta. O mito caracteriza o que é ser português. Sem ele não há como pertencer nacionalmente a terra pátria. Desse modo, o poeta envolve todos os elementos que compõem sua pátria entorno do mito sebastianista, chave de aproximação e entendimento de como é ser português.

Interpretar o mito é mais importante que o mito. Interpretar lhe dá vida, sobrevida, continuidade, manutenção na história. Se o mito caracteriza o indivíduo tanto psicologicamente – pois é a abstração e a idealização dos seus sentidos – quanto sua herança e fundamento culturais, não possuir tal mito é não pertencer àquele povo, cuja unidade é sua história mitificada; logo, contém tradição, e se manifesta quando interpretado.

Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje – um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras. Se o mundo *existe*, se o homem *existe*, é porque Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no 'princípio'. Mas, após a cosmogonia e a criação do homem, ocorreram outros eventos, e o homem, *tal qual é hoje*, é o resultado direto daqueles eventos míticos, *é constituído por aqueles eventos*<sup>123</sup>

Tradição, aqui, é entendida como história, e toda história possui sua interpretação. Se a fundamentação dessa tradição está idealizada no mito de D. Sebastião, a sua interpretação é mais importante que o próprio mito.

Esse nacionalismo místico, messiânico e cosmopolita segundo o próprio poeta, fundamenta a cultura, unificando-a. Aqui, percebemos que tradição e mito produzem um ao outro e se mostram

Pessoa, Fernando. Sebastianismo e Quinto Império. Rio de Janeiro: Ática, 2011, p. 123

Eliade, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2017, p. 16

como individualismo, ou seja, são de uma única cultura. Para o poeta, tradição e mito, como fundamento, derrubam o niilismo, pois aceitam os valores intelectuais e morais comuns a um grupo social e assumem a existência de um ideal coletivo para o povo, baseado na crença. Assim, o autor busca em figuras singulares como D. Sebastião, Sidónio Pais e o profeta Bandarra o caráter português e a feição do Estado e de sua política.

#### Ideal Político

O poeta vincula mito a ideal político. Para tanto, revela o governante como uma expressão personalizada de uma entidade administrativa secularizada e difundida dentro do conceito de Estado Absolutista<sup>124</sup>. Desta maneira, desenvolve seu pensamento dentro de uma ideia de ordem social usando a imagem de Sidónio Pais: "*A Phase Mystica de Sidonio Paes*"<sup>125</sup>.

Nesse primeiro ponto, o poeta explora uma ordem social encontrada na forma de uma autoridade de soberania que realizará a racionalização do Estado para levar ao Estado-nação desejado. Para tanto, Fernando Pessoa parte de três pontos para explicar sua estrutura, por meio da representação de Sidónio Pais:

1) Homem Republicano: "... vae da victoria do movimento de 8 de Dezembro ao estabelecimento da idéa presidencialista, determinada pelas manifestações impulsionantes que o paiz inteiro fez ao Chefe, Sidonio Paes não foi mais que um grande homem republicano"<sup>126</sup>.

Fernando Pessoa utiliza da data de 8 de dezembro de 1917 para realizar a integração entre povo e governo. Essa data estabelece uma insurreição popular e de força militar que derrubou o regime democrático e decadente de Afonso Costa. Esta foi uma resposta direta aos problemas que Portugal enfrentava em decorrência da I Guerra Mundial. Além disso, a crise econômica, social e política provocada pelo Partido Democrático em manter-se no poder a qualquer custo, agravada por problemas de escassez de gêneros de primeira necessidade, faziam o país a clamar por estabilidade e ordem.

O golpe de estado, conhecido como Revolução de Dezembro de 1917, foi um golpe militar contra o governo ineficaz da República portuguesa. O líder do movimento foi Sidónio Pais, um major de artilharia, professor e político. A revolta triunfou rapidamente, levando à formação de uma

Discurso de soberania do Estado onde o governante atua distante da realidade, mas apresenta códigos abstratos de leis, um princípio de governo e, sobretudo, uma ideia de cidadania afirmada na comunidade política do Estado como um todo)

Pessoa, Fernando. Sebastianismo e Quinto Império. Rio de Janeiro: Ática, 2011, p. 124

<sup>126</sup> Ibidem

junta revolucionária militar presidida por Sidónio Pais, que assume o poder, impõe a dissolução do parlamento e a destituição e exílio do presidente da república Bernardino Machado.

A 11 de Dezembro foi constituído um novo Governo chefiado por Sidónio Pais, o 15.º governo do regime republicano. Para além dos elementos da Junta Revolucionária, o novo governo integrou três unionistas, dois centristas e um independente. O novo regime começou a ser apelidado pelos seus apoiantes como a República Nova. No dia 27 de Dezembro de 1917, a República Nova de Sidónio Pais decretou alterações à Constituição Portuguesa de 1911, introduzindo um regime presidencialista, no qual o Presidente do Ministério assumia as funções de Presidente da República enquanto não fosse eleito pelo futuro Congresso o Presidente da República. Em 28 de Abril de 1918 foi eleito Presidente da República por sufrágio direto e universal, sendo que o candidato único, Sidónio Pais, obteve 468 275 votos. Ficava consolidado o Sidonismo, regime que vigoraria até seu assassinato, em dezembro desse mesmo ano.

O novo poder iniciava uma limpeza do aparelho do Estado e pretendia uma viragem no país como a revolução do dia 5 de outubro de 1910 – eliminou o exclusivismo republicano e abriu as portas do regime a todos os portugueses, sem olhar credos políticos ou religiosos.

O poeta assim nos mostra que o governo deve governar para todos, sem distinção. Além disso, deve o governante ser o representante, em qualidades, do que o povo é. Sidónio Pais caracteriza-se como esse representante que retoma às origens portuguesas de tradição, unidade e valorização da nacionalidade sem o estrangeirismo que degenera a consciência do indivíduo e de mentalidade social portuguesa – baseada na mescla entre república e monarquia.

Tenhamos fé, porque elle foi Deus não quer mal a quem o deu. Não passa como o vento o heroe Sob o ermo céo. (...)

Mas a ansia nossa que incarnara, A alma de nós de que foi braço, Tornará, nova forma clara, Ao tempo e ao espaço. (...)

Tornará feito qualquer outro, Qualquer cousa de nós com elle; Porque o nome do heroe morto Inda compelle; 127

O poeta procura construir social e simbolicamente a cidadania, isto é, a condição de pertencer a um determinado local, cultura e nação. Assim, Fernando Pessoa insere a ideia do

Pessoa, Fernando. À Memória do Presidente-Rei Sidonio Paes. In: *Editorial Império*. Lisboa -1940 (Biblioteca Nacional – BND I-79533-v) – excerto.

homem republicano. Diante desta ideia do homem republicano, encontramos a representação da nacionalização do povo, pois mostra-nos a liberdade, a moralidade, a força e a independência do povo.

Aqui, Fernando Pessoa corrobora no aparecimento de uma individualidade e de um pensamento diferente inspirado pelo símbolo de Sidónio Pais, explorando a força mítica e consequentemente a crença.

2) Presidente-Rei: "nascendo nessas manifestações, se extingue indefinidamente pelo anno fóra, quando o espirito publico começou a opor a pessoa do presidente á nullidade do parlamento, quando se restabeleceu a ligação com o Vaticano, Sidonio Paes é simplesmente, ainda, o Presidente, embora já, de certo modo, o Presidente-Rei."<sup>128</sup>.

Sidónio Pais foi aclamado como o novo "messias". Seu governo correspondeu com medidas que visavam a pacificação religiosa, culminando com a revisão da lei de separação da Igreja do Estado, a retirada de Afonso Costa e a viabilização e reatamento das relações diplomáticas com o Vaticano. O poder político voltava a reconhecer a força e importância da Igreja na sociedade portuguesa. Ao resgatar a ligação com a Igreja, Sidónio Pais construiu uma identidade portuguesa ligada ao sagrado e à cristandade de pensamento. Esse governo determinou-se por sua aproximação com a tradição portuguesa, onde fé e crença constroem a pátria – referenciada pela ligação mítica de construção do território com D. Afonso Henriques.

Desta maneira, entendemos que Fernando Pessoa defende o Estado Absolutista como iniciador de uma política estatal perfeita. Apresenta um sistema de poder e confiança regidos pela individualidade e por sua capacidade de sublimar a relação com o divino. A ideia de Soberania detém-se em uma comunidade política, onde um governante soberano aplica seu poder de acordo com o que a coletividade deseja. Assim, temos que o poeta busca construir um país que se define por uma centralização de força e poder, mas que estimula uma consciência generalizada de que o poder político depende de capacidades coletivas. Por meio disso, encontramos a tendência política figurada pelo símbolo de Sidónio Pais, o presidente-rei.

Fernando Pessoa regressa ao passado, protagonizado pelo presidente-rei. Sua ideia estabelece uma harmonia entre o protagonismo do povo e uma representação deste povo de modo divino. A força do povo está em sua representatividade sacral, pois é pela crença e fé que estabelece a conservação dos direitos e do equilíbrio das diferenças. A união entre monarquia e república esclarece a razão social portuguesa: a soberania e individualidade de um povo permite o equilíbrio

Pessoa, Fernando. Sebastianismo e Quinto Império. Rio de Janeiro: Ática, 2011, p. 124

de seu fundo individual de construção histórica e política com a premissa que a nacionalidade e, assim, a pátria somente são preservadas se a coletividade imperar.

## 3) Encoberto

Ao pensar criticamente, o poeta articula a estrutura da sua política com a historicidade portuguesa. E essa história ao ser pensada dentro da razão e da percepção individual do conhecimento e da criação, coloca-se diante de um valor de regeneração e de sensibilidade. Através dessa ideia, constatamos que o poeta lança uma visão sobre a formação de Portugal. Essa visão busca uma sociedade dentro do conhecimento do homem, com o fim de manifestar os sentidos da sua nacionalidade e de sua cultura. Tal pensamento apropria-se de um símbolo já existente: o mito, a tradição. A partir disso, a criar seu futuro pelo Encoberto: "No terceiro periodo, que vae d'esse ponto vago à sua morte, elle não é já o Presidente-Rei: é já, em esboço e adivinhamento, o preludio de qualquer outra cousa. Cahiu já sobre elle a antemanhã do Encoberto." 129.

A ordem encarnada e protagonizada por Sidónio Pais esvaiu-se com o a morte do líder e pairou como espectro durante a guerra civil. O sidonismo foi uma consequência da I Guerra Mundial, a qual aprofundou as deficiências dos regimes políticos liberais sustentados por partidos políticos oligárquicos, os quais foram eleitos por sufrágio restrito. As profundas rupturas sociais decorrentes do conflito reforçaram as contradições da sociedade portuguesa, tornando o país ingovernável para a estrutura política nacional, transplantada da França republicana. É a isso que Sidónio Pais procurou responder, institucionalizando um presidencialismo autoritário, plebiscitário e conservador dentro de uma república liberal e com traços inovadores, política essa que anteciparia algumas características das modernas ditaduras do pós-guerra: propaganda de governo; limpeza cultural; equilíbrio social. Sidónio Pais não teve a arte de equilibrar todas as correntes e tendências que convergiam em seu governo. Por essa razão, a contestação social aumentou ao ponto de uma situação de sublevação. Essa situação causou o fim do estado de graça e a morte de Sidónio Pais.

O assassinato de Sidónio Pais foi um momento traumático para Portugal, marcando o seu destino. A partir desse momento, qualquer simulacro de igualdade e estabilidade desapareceu, instalando-se uma crise permanente que apenas terminou depois da Revolução Nacional de 1926, a qual pôs fim a esse regime. Em decorrência da falência republicana e da continuidade da decadência social e moral, instaurou-se a ditadura militar chancelada pelo presidente do conselho de ministros António de Oliveira Salazar a partir de 1926.

A imagem de mártir levou ao surgimento de um culto popular semelhante ao que existe em torno da figura de D. Sebastião, que fez de Sidónio Pais um santo. O pensamento que Fernando

<sup>&</sup>lt;sup>129</sup> Idem, p. 124

Pessoa nos mostra sobre esse governante, trazendo-o como o Encoberto, resgata a memória da alma portuguesa e de sua religiosidade como vocação, onde "heróis e santos" 30 são a base da sua nacionalidade. Aqui, os heróis que preenchem a memória oficial do Estado são os homens de ação, sejam eles pertencentes ao campo militar, político ou religioso. Esses homens se tornam símbolos, perdem sua historicidade e passam a ser compreendidos como meio de transmissão da cultura e do valor da sociedade. Desta forma, há uma hipervalorização do herói individual: mesmo dentro do pressuposto da coletividade, atribui-se a ele as soluções ideais, a derrota dos inimigos, o crescimento econômico e a ascensão da pátria diante do mundo moderno europeu, tudo isso inspirado pela providência divina.

Ao propor a imaginação da identidade portuguesa dentro da ideia do Encoberto, o poeta estabelece a estrutura dessa identidade através dos elementos tradicionais oriundos do mito. Além disso, trabalha o pensamento político e social dentro da ideia de desenvolvimento do conhecimento do homem e de como este cria a sua realidade.

Observa-se que Fernando Pessoa ao mesmo tempo que busca olhar para o futuro, não se detendo nos moldes políticos e culturais do passado que levaram Portugal a se firmar em decadência, remete à tradição, pois através do passado o povo irá se reerguer, ou seja, a tradição que fez unir esta civilização tornando-a próspera e estimulante para a época dos descobrimentos e do auge econômico, pode se reconstruir. Esta percepção pode ser exemplificada por meio do termo "sopro" que remete a algo que já foi, que não está mais presente, apenas persiste a imagem pertencente ao ideal do povo.

O que se mostra é que se deve trazer à luz a memória do povo, esta é a principal ferramenta, vista por Pessoa, para mostrar aos portugueses o que é ser português, não se prendendo a presença de um indivíduo, mas, sim, buscar nesta imagem individual a essência portuguesa, a grandiosidade da sociedade que pode figurar como uma liderança diante da Europa moderna.

A isso, o poeta nos revela que deve-se construir a essência portuguesa junto com o amor para o povo, pois por meio do amor a consciência deste mesmo povo se fará presente, permitindo acreditar em si mesmos. Este amor apresenta-se por meio da fé, esta encontra-se detida na esperança do retorno da imagem de uma pessoa, neste caso, a imagem mística do cavaleiro de Deus, escolhido como mensageiro de Deus que mostrará o caminho que os portugueses devem traçar para reconstruir os valores morais e os direitos da pátria.

Fernando Pessoa retoma a figura de Antonio Conselheiro para elucidar essa visão. Este "herói e santo" estabelece um vínculo entre povo e governo, onde se buscava uma igualdade de valores e a coletividade como mantenedora da política nacional. Segundo a visão de Pessoa, Antonio Conselheiro põem fim a problemática de um governo autoritário e não popular. É curioso que o poeta destaca a data de 5 de outubro de 1897, referencia a Guerra de Canudos, mas que ele utiliza a datação como ironia da formação da República em 5 de outubro de 1910 – um novo regime político manifesta-se com a interação e criação de um herói-santo.

Portanto, a incorporação das tradições míticas portuguesas ao cerne de conhecimento da civilização a qual pertence estas tradições garante o fortalecimento e a sua unidade. Há isso encontra-se os marcadores "vida" e "herói" como fundantes da manutenção portuguesa na modernidade e a mudança do destino dos lusitanos, permitindo pensar no futuro cultural, político e econômico que anula-se a formação monárquica até agora em vigor e as características republicanas que nada haviam realizado para trazer o poder e a glória a nação. Assim, pensa-se Portugal por meio de um modelo que seguiria as condições inglesas, onde mantivesse o símbolo político e econômico por meio da figura do rei, que pode ser exemplificado com o verso "a morte fez ele ser rei", sagrando-o o indivíduo líder governamental, mas com traços econômicos e manifestações republicanas, onde se legitimaria as qualidades da nação diante da economia liberal e de uma sociedade que traria em seu pensamento a liberdade do povo, mas sendo este legitimado por um indivíduo e tendo neste a imagem de unidade da sua pátria.

Diante disso, há também o aparecimento do fundo de mistério garantido pela fé e pela imagem redentora que trará esperança. Esta ideia ocultista lança o olhar para fora da realidade mundana, pensa-se o destino português traçado pela cultura e sociedade múltipla e diversa que vê nesta diversidade sua diferença e unicidade, além da garantia que diante do misticismo se mostra as possibilidades de redenção e de unificação e dignidade do povo e que através dela é que este se faz em presença na realidade e que lhe garante as estruturas primeiras de formação da civilização portuguesa. Este viés mítico surge como meio de educação para a existência da vida e também como meio de criação da religiosidade portuguesa, sendo esta vista como canal de recordação, de proteção e construção da raça e da nação.

Além disso, a aproximação da imagem da morte de Sidónio Pais intercalando-se com a presença de Deus revela que a religiosidade portuguesa sempre está presente, garantindo a consolidação das atitudes e a constituição do pensamento português, pois é a religiosidade e a fé produzida por ela que fomenta o destino nacional.

## Relação indivíduo com a pátria

Aqui, encontramos o segundo ponto: relação do mito com o indivíduo. O poeta tenta mostrar a possibilidade de trazer Portugal à vida através da utilização do mito sebastianista como pano de fundo da construção do pensamento da figura do homem que Sidónio Pais se coloca como referência a imagem da pátria. Para tanto, busca regressar o pensamento em todos os portugueses de pensar Portugal como um Império. A isso, coloca em referência a ideia de "jogral" que seria o povo que busca no "servo" de Deus o poder de se realizar.

Fernando Pessoa embasa seu pensamento dentro da ideia de tradição como busca de transmissão do valor da herança portuguesa enquanto transformadora de alma. Em decorrência disso, compreende que esta tradição está vinculada ao pensamento mítico como percepção e ressonância dos anseios do mundo e, por meio dele, propaga a ambição de trazer este pensamento através do modo de apreender o mundo e de resgatar as identidades isoladas para transformá-las em coletividade dentro dos valores da fé, da esperança e da glória. Consequentemente, esse misticismo expressa tanto valores metafísicos quanto valores sobre a realidade. Assim, reverbera a experiência e ressoa uma memória que forma uma cultura que não dissocia razão e espiritualidade para construir a identidade portuguesa manifestada na realidade.

A compreensão da língua como mecanismo identitário revela a condição de união entre pensamento e espírito como uma maneira de agir, de sentir, de pensar, de viver e de morrer. Vigora assim, o pensamento da linguagem como a representação imagética do ser humano. Constata que esta linguagem deve ser plural e crítica sobre as manifestações subjetivas e identitárias que cada ser humano fornece dentro do espaço de diálogo com o outro (RANCIÈRE, 2012), neste sentido, combate a estética portuguesa até agora presentificada.

Fernando Pessoa utiliza de sua criação e análise mítica-ficcional para projetar Portugal enquanto país e sociedade. Ao remontar constantemente ao passado português como base da vida e que neste passado encontra-se o que é próprio do ser humano vincula sua poética ao campo do misticismo sebastianista e toda a identidade do povo lusitano. Ao voltar os olhos para o que é próprio de Portugal, ou seja, ao que é primitivo e popular, o mito, mostra ao mundo as próprias definições de Portugal.

Insere dentro do contexto de sua poética e de seu pensamento a diversidade cultural que permite introduzir a flexibilidade religiosa e deter dentro do contexto social uma cultura multifacetada e com uma religiosidade fluída de fundo mítico, o qual caracteriza toda a identidade traçada pelo autor. Desta maneira, sua obra artística parte como uma religião, que traz na sensibilidade a imagem do mundo.

Desta maneira, Fernando Pessoa, traz ao consciente a literatura como produtora de informação e o único canal em Portugal que rege a cultura e expressa suas características. Portanto, a literatura deve, assim, possuir um caráter nacional para efetivar seu valor civilizacional. O que se deve perceber é a metáfora de fundo mimético que Fernando Pessoa proporciona ao trazer a pluralidade da visão religiosa (ALMEIDA, 2005/2006). Essa pluralidade fornece as características da identidade da sociedade lusitana e de sua cultura. Por isso, a poesia representa a alma do indivíduo, idealizado a ponto de se transformar na alma de toda uma pátria. Portanto, o indivíduo

pode ser entendido como pátria. Logo, a poesia é o mecanismo para esse entendimento, pois "toda poesia (...) reflete o que a alma não tem."<sup>131</sup>.

A poesia, em si, mostra o que a pátria é de verdade. Ela reflete o que é um povo, pois é capaz de criar e alinhar objetividade e subjetividade em uma mesma imagem. No caso português, o poeta nos mostra que Portugal é um hiato, pois "o fado, porêm, não é alegre e nem triste. É um episodio de intervalo. Formou-o a alma portuguêsa, quando não existia e desejava tudo sem ter fôrça para o desejar"<sup>132</sup>.

Segundo Pessoa, o país deseja ser tudo sem possuir uma força para desejar. O fado representa esse desejo de incredulidade e, ao mesmo tempo, de força. O poeta entende a pátria portuguesa dentro da alma de seu povo – tradição –, mostrando sua qualidade emotiva sem paixão; mítica no pensamento e no modo comportamental e atitudinal. Assim, "o fado é o cansaço de uma alma forte, o olhar de desprezo de Portugal ao Deus em que creu e tambem o abandonou. No fado os Deuses regressam, legitimos e longinquos. É êsse o segundo sentido da figura de El-Rei D. Sebastião". 133

O fado mostra-se como a evocação de Deus, que criou o povo português mas deixou-o entregue a seu destino. Ao trazer a figura divina da cristandade, o poeta retoma a ideia do passado grego pagão para novamente legitimar Portugal em sua tradição. Por meio disso, representa o destino português ratificado por sua natureza que enaltece a união entre racionalidade e divindade, mostrando sua consciência e força por meio da sua qualidade pessoal e, portanto, nacional. Assim, a exterioridade de Deus apenas indica o caminho a ser traçado pelo povo, mas é o povo que deve produzir sua consciência e sua qualidade formativa, anulando a interferência externa e assinalando a permanência da sua tradição e da sua força pela eternidade. Ao atingir essa ideia, o poeta manifesta a imagem do indivíduo capaz de criar e unir objetividade e subjetividade como condição comunal de sua existência. Essa apresenta-se na mistificação criadora que traz a verdadeira alma portuguesa.

Desta maneira, encontramos a elaboração de uma mentalidade portuguesa através de uma nova espécie de povo e de alma, todas desenvolvidas pelo poeta. A mentalidade portuguesa baseiase na verdade íntima da alma com a conversão dos símbolos e modos de pensamento que lhes são próprios. Compreendemos essa mentalidade como a autoimagem e a representação da verdade detida no mito. Assim, entendemos que o mito torna-se o elemento fundacional de toda a racionalidade e eixo condutor da vida para Fernando Pessoa.

<sup>&</sup>lt;sup>131</sup> Idem, p. 125

<sup>132</sup> Ibidem

<sup>&</sup>lt;sup>133</sup> Idem, p. 126

Mas ainda que faça esse discurso justificando a crença no "mito", Fernando Pessoa critica o povo português, intensificando a necessidade de resgatar e criar um novo mito, o Encoberto, o Desejado. Essas duas ideias podem ser verificadas em **Mensagem**<sup>134</sup>:

O Encoberto Que symbolo fecundo A Vida, que é a Rosa. Vem na aurora ansiosa? Na Cruz morta do Mundo

Que symbolo divino Traz o dia já visto? Na Cruz, que é o Destino, A Rosa, que é o Christo.

Que symbolo final Mostra o sol já disperto? Na Cruz morta e fatal A Rosa do Encoberto. O Desejado Onde quer que, entre sombras e dizeres, Jazas, remoto, sente-te sonhado, E ergue-te do fundo de não-seres Para o teu novo fado!

Vem, Galaaz com patria, erguer de novo, Mas já no auge da suprema prova, A alma penitente do teu povo A Eucharistia Nova.

Mestre da Paz, ergue teu gladio ungido, Excalibur do Fim, em jeito tal Que sua Luz ao mundo dividido Revele o Santo Gral!

O poeta trata das questões sobre identidade dentro do ínterim da linguagem, visto como veículo de manifestação e consciência cultural.

Não se deve ver a linguagem como produto morto e sim como uma produção. Deve-se abstrair a linguagem da ideia de tudo que ela efetiva como designação de objetos e transmissão de entendimentos e reconduzi-la com todo cuidado para a sua origem intrínseca e intimamente relacionada com a atividade interior do espírito e a sua mútua influência (*Humboldt*. In: Heidegger, Caminho da Linguagem, pp. 197)

A identidade cultural proposta por Pessoa traz a lusofonia, isto é, o pluriverso de pátrias, como estrutura principal da sociedade que garante a mediação entre as nações e apresenta uma interculturalidade dentro de sua constituição. Neste sentido, pode-se pensar na construção da identidade cultural pessoana através do choque de culturas. Propõem-se pensar nesta construção através da ideia do lusotropicalismo<sup>135</sup>, que contém a democracia cultural do ultramar, a mestiçagem ou união dos povos e de suas culturas. Cria-se, assim, um mundo próprio português, feito por eles e para eles.

Desta maneira, Pessoa trouxe à cultura portuguesa a coletividade que sentia na terra lusitana. Através dos heterônimos formulou criticamente as diretrizes culturais de Portugal. Seu imaginário coletivo e híbrido personificava o entendimento cultural e social que se voltava para a reformulação cultural e a liberdade e criação de novas formas de comportamento e de agir, que constroem um

Pessoa, Fernando. *Mensagem* (BN Esp. E3/146)

Luso: mito fundador. Remete a mística imperial e a usa manutenção através da nacionalidade; Trópico: outros; integrar outros povos. Mostra-se como um novo mundo criado pelos portugueses que traz uma conotação geográfica e cultural. Presença de outros povos e culturas na construção da civilização portuguesa.

novo processo de entendimento do sujeito e, de como este, se manifesta para o equilíbrio cultural e social.

Procura delinear a unidade dentro da construção do múltiplo em paralelo com a estrutura psíquica e crítica do mundo. Isto alicerça seu temperamento em relação ao povo, que deve ser crítico de si mesmo e que conceba o que é propriamente seu, isto é, que tenha consciência do passado que carrega as tradições, mas que não viva buscando este passado, que este apenas seja o ponto de fortalecimento do que é Portugal e tenha de forma crítica sua história e a ideia da mudança. Busca alcançar e demostrar que Portugal pertence ao mar, ou seja, Portugal e seu povo é fluído como a água e que carrega em si a tristeza e isto define e constrói a cultura portuguesa.

Postula uma teoria de construção de autonomia da identidade e sentido do ser português por meio da literatura portuguesa que se vê desconstruída e subjugada ao estado de letargia cultural, ética e moral. Compreende esta literatura como formação do indivíduo e da coletividade.

## *Três espécies de Portugal*

O poeta estabelece a existência de três espécies de portugueses ou de Portugal, pois o país mostra-se com uma alma universal e gregária, onde há a prevalência do misticismo. Esta espécie de mentalidade que o poeta cria influi diretamente nas qualidades interiores e exteriores do indivíduo e da sociedade portuguesa. Por meio de uma carta escrita em 1930 para Herman Alexander Graf Keyserling, denominado de O Conde, o poeta informa e adverte sobre a alma portuguesa, pois vê neste homem francês uma visão deturpada das qualidades do povo português e de como este constrói sua pátria. Fernando Pessoa escreve essa carta em francês e sua tradução encontra-se na edição do **Sebastianismo e Quinto Império** realizada por Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda.

Desta maneira, o poeta define-as:

#### 1) Português normal e típico

Um começou com a nacionalidade: é o portuguez typico que se encontra formando o fundo da nação e o da sua expansão ethnica, trabalhando obscura e modestamente em Portugal e de todas as partes do mundo. Esse portuguez encontra-se desde 1580 divorciado de todos os governos — divorciado tanto positiva quanto negativamente. Nem tem voz nos governos, nem tem cohesão para se oppôr aos governos, visto que a não tem para ter voz. 136

Neste primeiro português, Fernando Pessoa chama a atenção para o povo que originou a pátria, e traz à análise o português que teve consciência de sua formação e legitimidade por meio da Igreja, da terra e do Império. Mas este português foi submetido a se esconder durante o alvorecer da

<sup>&</sup>lt;sup>136</sup> Idem, p. 127

dependência estrangeira no campo econômico e político – com o fim do expansionismo feudal e com as invasões inglesas, francesas e, sobretudo, espanhola. Forma o fundo da nação e da expansão étnica, caracterizando sua nacionalidade – fé, absoluta, imperial e orgânica. Apresenta um psiquismo onde a imaginação do passado predomina sobre a inteligência do presente.

Ao estabelecer a data de 1580 como o divórcio dos portugueses com sua pátria, o poeta busca informar sobre o controle da sociedade durante as seis décadas de domínio espanhol que, por conseguinte, desestabilizou e gerou a decadência política e econômica de Portugal, com o fim da glória, força e poder dos monarcas. Desta maneira, realiza uma crítica a alta burguesia e à aristocracia portuguesa.

## 2) Português oficial

Outro é o portuguez que começou com a invasão mental estrangeira – que data, com verdade possível, do tempo do Marquez de Pombal; que se aggravou com o constitucionalismo; que se tornou estrangeiramente completo com a Republica. Esse portuguez, que forma uma parte das classes medias, centro do povo, e quasi todas as classes altas, é o que governa o paiz. Está completamente divorciado do paiz que governa. 137

Este segundo português, aludido por Fernando Pessoa, nasce no espaço e tempo da modernidade via Marquês de Pombal e República estrangeira. Neste período, há o processo de crescimento e complexidade do Estado português e a ação de uma burocracia que fornece os caminhos para a reforma. As condições sociais, políticas e culturais encontram-se distintas de uma autenticidade. Assim, o governante age em benefício próprio e retira a nobreza e a burguesia de posições de comando governativo. Além disso, é um período de mercantilização em que Portugal interliga-se ao mundo capitalista europeu como parte do subsistema formado pelos países de força e expressão política e econômica, tais como a França e a Inglaterra.

A realidade portuguesa vive na alienação das pessoas e no forte materialismo do meio. O estrangeiro torna-se a identidade do povo português. Este português é o que governa o país – a burguesia – firmando com a República e o Constitucionalismo que destituiu a força monárquica. Contudo, para Fernando Pessoa, a presença do estrangeirismo não deve ser aniquilada, mas deve ser utilizado como ferramenta para equilibrar a autenticidade portuguesa com a expansão do território e da soberania de Portugal. O poeta é contrário ao uso do estrangeirismo sem uma antropofagia do mesmo – como mostrado anteriormente em "Ver o sol como Apolo é poesia – Sebastianismo como Encoberto". Fernando Pessoa explica-nos sua posição ao nos mostrar que ele vê, na utilização do antropofagismo aleatório e sem fundo psíquico português, a perda da autenticidade. Aqui, o

<sup>&</sup>lt;sup>137</sup> Idem, p. 128

português não apresenta força para predominar, pois sua adaptabilidade é superficial. Esse estrangeirismo anula a tradição portuguesa ao destacar o progresso da civilização no mundo moderno.

# 3) Português imperial

ha um terceiro portuguez, que começou a existir quando Portugal, por alturas d'El Rei D. Diniz, começou, de Nação, a esboçar-se Império. Esse português [...] fez as Descobertas, creou a Civilização Transoceanica moderna, e depois foi-se embora. Foi-se embora em Alcacer-Kibir, mas deixou alguns parentes, que teem estado sempre, e continuam estando, á espera d'elle. Como o ultimo verdadeiro Rei de Portugal foi aquelle D. Sebastião que cahiu em Alcacer-Kibir, e presumivelmente alli morreu, é no symbolo do Regresso de EL-Rei D. Sebastião que os portuguezes da saudade imperial preojectam a sua fé de que a família se não extinguisse 138

Este português surge quando a nação se esboça como império. Sua força estava nas descobertas marítimas, na criação da civilização transoceânica moderna e na adaptabilidade instintiva. O terceiro português que o poeta nos revela é do tipo imperial, cujo domínio e força retomam a figura de D. Diniz enquanto governante que estabeleceu a soberania portuguesa e sua ascensão a um império hegemônico e expansionista. No entanto, esse terceiro português partiu com a figura de D. Sebastião, em Alcácer-Quibir. Esse último monarca também tinha o imperialismo e a expansão como suas marcas. Aqui, a figura de D. Sebastião nos é apresentada como símbolo mítico da memória do povo português que tinha no mito fundacional de D. Afonso Henriques o alicerce simbólico de sobrevivência e de desenvolvimento econômico, político, social e de ocupação territorial e expansão nacional.

A obra pessoana indaga que todos somos múltiplos em nós mesmos, em que o eu puro desaparece. Assim, o poeta modela a sociedade e a cultura, contendo em si, o sujeito individual, pois é nele que habita o pensamento crítico, a liberdade e a manutenção e formação crítica da sociedade e cultura, mas este deve pertencer ao coletivo e deste, sim, é que se vale a cultura e sociedade. O coletivo, para Fernando Pessoa, é heterogêneo/diverso, o qual apresenta múltiplas personalidades em si mesmo e, estas, definem a sociedade. Este coletivo, de acordo com o poeta, detém o estrangeiro, o imigrante que formulou a cultura e sociedade em que vive, pois é ele que fornece as características peculiares da cultura e sociedade que habita.

Fernando Pessoa promove o redirecionamento dos sentidos para a reconstrução de sua tradição múltipla. Desta forma, permite a manutenção da identidade e não eleva a fragmentação do mundo e a construção de racionalizações bélicas e eugênicas, que elaboram a colonização de seus pares.

-

<sup>138</sup> Ibidem

Pensa Portugal com uma história para o futuro, de remissão de seu povo e cultura, lançando no tempo, um novo destino português através da autoafirmação e autoconscientização de uma nova mentalidade portuguesa, por meio, do mais intrínseco Portugal e de sua mais antiga tradição e descendência: multiculturalismo e mestiçagem cultural e civilizacional.

Ao resgatar a cultura portuguesa por meio da literatura, altera o estado natural das coisas. Transfere para a arte a compreensão do mundo e a possibilidade de modificá-lo continuamente. Mostra através da heteronímia a construção de seu pensamento transnacional, universalista e que apresenta no misticismo sua gênese. Para tanto, mostra-nos que o

> "povo português é, essencialmente, cosmopolita. Nunca um verdadeiro português foi português: foi sempre tudo. Ora ser tudo em um indivíduo é ser tudo; ser tudo em uma coletividade é cada um dos indivíduos não ser nada. Quando a atmosfera da civilização é cosmopolita, como na Renascença, o português pode ser português, pode portanto ser indivíduo (...). Quando a atmosfera da civilização não é cosmopolita - como no tempo entre o fim da Renascença e o princípio, em que estamos, de uma Renascença nova – o português deixa de poder respirar individualmente. Passa a ser só portugueses" (PESSOA, 2011: 260).

Fernando Pessoa, ao estabelecer as três espécies de portugueses, elabora simultaneamente a alma portuguesa baseada nessa tripla representação: "a alma portuguesa - independentemente da alma humana em geral – é tripla e não poderá compreendê-la se não for compreendendo-as" 139

O poeta concebe a primazia da aceitação da vida e do destino traçado para cada indivíduo. A emoção é seu pensamento, ao entendê-la, define-a através da sua espontaneidade como o ritmo que traduz o mundo em argumento e dele cria frases que o transcreve. Por sua vez, consagra a ideia de buscar no que é próprio da identidade cultural do seu país a essência de sua vida e a possibilidade de recriar sua cultura e a religiosidade, fundamental à existência portuguesa. Esta por sua vez vive na mescla de conceitos e na harmonização com o pensamento e a Natureza. Postula-se diante dos valores do misticismo, ocultismo e da construção pagã do mundo antigo.

#### Alma portuguesa

# 1) Alma da terra

A alma da terra "nasceu com o próprio país: é essa alma da terra, emotiva sem paixão, clara sem lógica, enérgica sem sinergia que encontrará no fundo de cada português e que é verdadeiramente um reflexo resplandecente desse céu azul e verde cujo infinito é maior em direcção ao Atlântico". 140

Idem, p. 135

Idem, p. 136

Fernando Pessoa estabelece que essa alma nasce com o país e, por isso, a construção da identidade está relacionada com o homem e a terra. A ocupação do solo fornece a riqueza do povo. O sangue que nasce com a terra legitima o reino. Encontra na paisagem e na luz o que é o português, isto é, uma alma emotiva sem paixão, que não apresenta consciência de nacionalidade, mas que pela terra exerce seu domínio e sua força. Ao mostrar-se como verdadeira, a alma portuguesa apresenta a habilidade de ser tudo, pois não se define nem como "emotiva e nem enquanto paixão"; não é "clara e nem lógica"; nem "enérgica ou sinérgica". Em si, essa alma congrega a indefinição como sua verdade, mas apresenta nos detalhes do "céu azul e verde" – de grande importância – seu valor e o motivo de sua existência – ao olhar para dentro de si e do que lhe é próprio, a grandeza e poder se manifestam; a terra mostra-se como a raiz que garante a permanência do povo pertencer ao lugar de origem ao valorizar a natureza e a simplicidade.

## 2) Alma subterrânea

A alma subterrânea mostra-se como a "segunda alma portuguesa, nascida (isto não é mais que uma indicação cronológica) no começo da nossa segunda dinastia e retirada da superfície da acção com o fim – o fim trágico e divino – dessa dinastia". <sup>141</sup>

Esta segunda alma portuguesa representa a lembrança da dinastia de Avis. Neste período, não houve uma derrubada da monarquia, mas uma troca de mando com a Revolução de Avis de 1383 – revolução burguesa, mercantil, política e marítima. Há a instituição de um novo rei pela ordem de Avis, com a qual o país se fortalece, expande-se pelo mar e renova o mito fundacional com D. Sebastião – até seu desaparecimento em Alcácer-Quibir, onde Portugal decadente ficou anexado à Espanha pela dinastia dos Filipes por seis décadas. Por sua vez, essa alma pertence à tradição do passado, veio de antigos mistérios e sonhos. Fortificou-se na descoberta das terras e mares, criando tudo o que o mundo moderno possui. É uma alma que se mostra mais profunda que a anterior, pois nasce no interior do coração do povo.

Vale salientar que na definição desta alma, Fernando Pessoa chama atenção novamente à "força" do helenismo como meio de intensificar a tradição e o passado português. Esse helenismo faz com que essa alma portuguesa estabeleça um paralelo com a antiguidade clássica e com sua tendência de descobrir a terra e os mares, criando, como a alma helênica o mundo moderno.

<sup>&</sup>lt;sup>141</sup> Idem, p. 137

#### 3) Alma da aparência do mundo

O terceiro Portugal, que encontrará à superfície dos portugueses visíveis, é aquele que a partir do curto domínio espanhol e durante todo o curso inanimado da dinastia de Bragança, da sua decomposição liberal e da República, formou essa parte do espírito português moderno que está em contacto com a aparência do mundo. Essa terceira alma portuguesa não é mais que um reflexo do estrangeiro mal compreendido; segue a civilização como uma criança segue o estrangeiro que passa, por hipnose, não do homem mas apenas da sua marcha 142

Essa alma forma-se da decomposição e da decadência do poder e da força política, social e econômica de Portugal. Por essa razão, o poeta vincula o domínio espanhol e, depois, a dinastia de Bragança com a decomposição do espírito português. Mesmo no período moderno, o português prende-se ao estrangeiro e, por isso, mantém sua consciência focada nos elementos externos à sua construção nacional tal como uma hipnose. Ao guiar-se pelo que não é próprio de sua tradição, os portugueses apresentam-se como meras crianças, incapazes de distinguir o certo do errado, ou de simplesmente gerir suas decisões políticas, sociais, econômicas e culturais. Dessa forma, o povo português torna-se sugestionado a qualquer informação.

#### Reencontro com o mito

O profeta Bandarra mostra-se, segundo o poeta, como símbolo do que o povo português pensa: "O verdadeiro patrono do nosso Paiz é esse sapateiro Bandarra" Rejeita os elementos estranhos à constituição da civilização. Entrega à própria alma a seu destino – influenciado pelo símbolo da tradição do passado, o mito –, trilhando sua existência sagrada. Essa existência representa o sentido de Portugal estar presente no mundo, ser independente – ter nacionalidade própria – e apresentar um sentimento de pertencer a um lugar e tempo.

Que Portugal tome consciencia de si mesmo. Que rejeite os elementos estranhos. Ponha de parte Roma e a sua religião. Entregue-se à sua propria alma. Nella encontrará a tradição dos romances de cavallaria, onde passa, proxima ou remota, a Tradição Secreta do Christianismo, a Sucessão Super-Apostolica, a Demanda do Santo Graal. Todas essas coisas, necessariamente dadas em mysterio, representam a verdade intima da alma, a conversação com os symbolos. 144

Fernando Pessoa olha o rebaixamento de Portugal e busca retirar seu país desse lugar. Para isso, ele cria um mito para trazer os portugueses novamente à luz. Ao fazer isso, critica o

<sup>&</sup>lt;sup>142</sup> Idem, p. 136

<sup>&</sup>lt;sup>143</sup> Idem, p. 139

<sup>144</sup> Ibidem

cristianismo e a Igreja de Roma, colocando-as como veneno para Portugal. O cristianismo deixa de ser uma visão do sagrado e passa a ser um limitador do homem ao unir-se ao Império romano, pois sobrepõe-se ao seu fundo judaico e surge como uma figura dissolvente. Além disso, Roma mostrase como uma linha de força que utiliza do poder econômico, político e militar para expandir seu território e aniquilar forças estranhas a seu pensamento de monopólio.

O poeta, ao apresentar Portugal contendo uma existência sagrada, busca entregar ao seu país sua própria alma. O poeta conversa com o símbolo mítico do sebastianismo para explicitar os sentidos. Encontra na tradição a verdade íntima da alma portuguesa.

Nunca eu pensaria em ir desviar um negro do seu manipanso, ou um indio ignorante do seu idolo, porque, além de me não ter dado Deus a verdade, com que possa desmentil-os em seu culto, não sei se Deus não estará fallando com elles mais appropriadamente, por meio daquelles symbolos, do que eu lhes poderia fallar por meio de outros, que comprehendo mas elles porventura não comprehenderiam. Repudio, porisso, tudo quanto seja missões religiosas, ou tudo quanto tente fallar a um homem, como verdade, uma linguagem que elle não pode compheender. 145

O poeta apresenta uma ideia do imperialismo e do misticismo como característica portuguesa, mas não a une ao cristianismo de Roma. Repudia as missões religiosas ou tudo que fale ao homem como uma linguagem que ele não pode compreender. Seu pensamento estabelece que essa ideia romana manipula todas as almas ao aceitar que não pode haver diferença de personalidade nos indivíduos que compõe as sociedades e, por meio disso, fazem delas únicas. Para o poeta, todas as religiões são uma única religião.

Ao desarticular a relação da fé e crença com o dogma da Igreja Católica de Roma, Fernando Pessoa não pensa a existência portuguesa fora do cristianismo, mas cria uma separação entre Igreja e o dogma imposto pela fé que permanece como raiz da existência portuguesa. Além disso, o poeta, reforça a ideia da existência sagrada longe da influência romana ao atacar Roma ao longo do seu texto – esse ataque aparece quatro vezes<sup>146</sup>: "Quebremos com Roma. Deitemos fóra esse fardo de trevas e de desalento que ha seculos pesa, mais ou menos, sobre as nossas intelligencias e sobre as nossas decisões"<sup>147</sup>..

Partidário de um nacionalismo místico de onde é abolido toda a infiltração católica-romana, o poeta cria um sebastianismo novo que substitui espiritualmente a ignorância, o fanatismo e a tirania. A religião, assim, deve ser extraída do patriotismo, não devendo existir elemento estrangeiro. Pois o poeta afirma que "não queremos estrangeiros. No sentido patriótico não deve existir elemento que não seja nosso. Expulsemos pois o elemento romano. Se ha que haver religião

<sup>&</sup>lt;sup>145</sup> Idem, p. 141

<sup>&</sup>quot;Ponha de parte Roma e a sua religião" (p. 139); "Quebrar com Roma" (p.140); "Quebremos com Roma. Deitemos fóra esse fardo de trevas ..." (p. 140); "Não precisamos dos sete montes de Roma ..." (p. 140)

<sup>&</sup>lt;sup>147</sup> Idem, p. 140

em nosso patriotismo, extraimol-a desse mesmo patriotismo. Felizmente temol-a: o sebastianismo"<sup>148</sup>

Sua análise coloca-se como um exercício da liberdade que vislumbra a emancipação do indivíduo, o qual carrega os limites e as formas de compor ideologicamente e aparentemente a sociedade. Reflete não só o poder, os valores e crenças, mas questiona as contradições do que está instituído em seu país. Objetiva-se, ainda, demonstrar a prevalência da tradição portuguesa ancorada no mito e no seu destino imperial sagrado ao trazer o sebastianismo como único movimento realmente nacional, místico e sociológico e, por isso, detentor da força de um movimento religioso que mostra o sentido simbólico de ser português. A crítica de Fernando Pessoa é o modo de justificar a crença no novo sebastianismo.

<sup>148</sup> Idem, p. 141

# PARTE V

# "O QUE CALCULO QUE SEJA O FUTURO DA RAÇA PORTUGUESA" – SEBASTIANISMO COMO TEMPO

Nesta última seção, Fernando Pessoa utiliza de várias explicações que podem ser encontradas ao longo de seu discurso interrogativo e nas suas cartas para Thomas Crosse e David Davidson, com o fim de analisar o regresso do Sebastianismo. Utiliza de elementos culturais como a cabala, elementos judeu maçônicos e da astrologia para compor seu raciocínio ligado ao mito. Contudo, o poeta, nesse momento, deixa em segundo plano a política que foi apresentada ao longo desta recolha de textos. Para não dizer que o poeta não referencia a política e seu valor, ele apenas conota essa questão ao mostrar sua indignação ao Diretor do *Jornal do Commercio* sobre o erro de escrita de uma palavra relativa ao texto do **Interregno – Defesa e Justificativa da Ditadura Militar**<sup>149</sup>: "Não escrevi *liberaes*: escrevi *litteraes*"<sup>150</sup>.

A indignação do poeta referencia-se ao fato da mudança de sentido ao trecho sobre o Sebastianismo, ocasionada pelo erro de grafia. Esse trecho nos mostra que os sebastianistas literais não eram os verdadeiros sebastianistas que devolveriam a alma portuguesa: "... houve mais que a minguada e passiva estirpe dos Sebastianistas litteraes que em algum modo mantivesse viva e amada a memoria da alma de Portugal." <sup>151</sup>

Na sua concepção o **Interregno** apenas se apresentava como um período introdutório que não deveria perdurar. Dentro de sua justificativa a presença da ditadura romperia com o conservadorismo religioso e político vinculando a figura de Salazar ao misticismo e aos mitos fundamentais de Portugal, promovendo, desta maneira, a retomada do futuro glorioso e a construção do Império Português. Por conseguinte, retiraria o país da decadência e da dependência externa, presente desde Alcácer-Quibir, fomentando um ideal de nacionalidade que promulgasse uma fórmula política adequada a esta nação. Assim, o regime ditatorial seria transitório, mantendo o país em suspensão e em "ordem".

O pensamento contido no **Interregno** era de reformar uma sociedade por um movimento individual que traria à coletividade o entendimento de unidade, em que buscaria uma nova ordem para evolução do meio social. Compreendia que o governo ou a instituição deveriam estar adaptados ao meio social e conscientes da opinião pública, e esta opinião deveria não ser somente um desacordo com o estado existente, mas de uma hostilidade absoluta a ele. Assim, deveria mudar o meio social através de uma revolução, esta compreendida pela formação de uma ditadura, que incutiria nos revoltosos o amor pela instituição que criaram: um sentimento patriótico e uma alma coletiva.

O Interregno manifesta a justificativa da ditadura como ferramenta de manifestação das características portuguesas de nação, estado e sociedade. Através da extinção de todos os valores e da decrepitação dos sentidos e da mentalidade portuguesa é que o novo surgirá ou renascerá.

<sup>&</sup>lt;sup>150</sup> Idem, p. 156

<sup>151</sup> Ibidem

Uma ditadura, apesar de ilegal, pode ser todavia justificada pelas circunstâncias, quando num país é tal o estado de anarquia, governamental ou social, que se torna impossível a vida da legalidade. Entre um estado de guerra civil, real ou latente, e um governo de força, por ilegal que seja, que coíba essa anarquia, nenhum homem de recto critério, por liberal ou democrata que seja, hesitará em qual apoie. 152

O poeta pensa Portugal para o futuro onde via uma política e sociedade pensada pelos e por portugueses permitindo não serem mais escravos da mentalidade estrangeira e nem da falta de mentalidade própria. Neste sentido, a ditadura militar que o poeta justificava se faria necessária para definir Portugal sem as amarras estrangeiras.

Contudo, a visão do poeta sobre a ditadura salazarista e sua alçada a promulgação de um Portugal vitorioso modificou-se em 1933 com a promulgação da Constituição. A partir deste fator, Pessoa escreveu uma retratação onde o texto o **Interregno** deveria "ser considerado como inexistente"<sup>153</sup> acrescentado: "Há que rever tudo isso e talvez que repudiar muito"<sup>154</sup>. Desta forma, recusou o regime baseado na autoridade, produzindo, assim, um discurso que defendia a transitoriedade da ditadura e buscava o retorno a normalidade constitucional, mostrando que seu pensamento estava vinculado a crença da pluralidade da opinião e defesa da necessidade de um sistema em equilíbrio que somente seria possível através de um elemento unificador de um ideal de nacionalidade.

A nação projetada por Fernando Pessoa legitima-se diante da autoconsciência e da crença onde estrutura cultural se firma conscientemente através de comportamentos e costumes demonstrados por sua literatura. Além disso, pode-se compreender que a construção política pessoana de Portugal se mostra não somente como uma manifestação ideológica em exercício de poder, mas como uma religião que organiza e articula a sociedade e sua cultura.

Isso pode ser visto através da conscientização e questionamento que Pessoa fez em relação ao que Portugal se tornou, do problema da modernidade estabelecida pela inserção da guerra civil e, também, das questões relativas a literatura como expoente de sua nação:

É evidente que por "povo" entendo a massa geral da Nação — a que não está enquadrada num partido político, subservientemente. Desde que alguém entra para um partido político, deixa de ser povo para ser político. Quando dizemos, por exemplo, "o povo inglês", entendemos, não os indivíduos firmemente filiados nos partidos políticos (são muito poucos, em relação ao país, pois os partidos políticos ingleses são simples "directórios" e não partidos no nosso sentido), mas aquela massa não filiada que, oscilando em suas opiniões ou tendências, ora vota quase em peso nos laboristas, ora, quase em peso, passa a votar nos conservadores.

Pessoa, Fernando. *Pessoa Inédito*. (Orientação, coordenação e prefácio de Teresa Rita Lopes). Lisboa: Livros Horizonte, 1993, pp. 227

Pessoa, Fernando. *Nota Biográfica*. In: Zenith, Richard. Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal. Assírio & Alvim, 2003, pp. 203-206.

<sup>154</sup> Idem

Além disso, percebeu que Salazar era " um cadáver emotivo, artificialmente galvanizado por uma propaganda" e que somente haviam "duas qualidades que lhe faltava: a imaginação e o entusiasmo. Para ele o país não é a gente que nele vive, mas a estatística d'essa gente. Soma, e não segue." 155

Coloca-se em questão a ideia do poder se manter na sociedade portuguesa dentro da mentalidade romântica do arcaísmo absolutista ou do poder político vinculado ao destino do estado moderno ligado ao republicanismo. O que se vê na visão pessoana é que o poder absolutista degradava a moral sucumbindo, assim, a política, fazendo com que as teorias morais permanecessem exteriores ao Estado e o homem como homem sendo intencionalmente excluído, permitindo a separação entre moral e política que desencadeou a aceleração do processo de divisão entre homem e Estado e a desestabilização deste último.

Fernando Pessoa mostra uma mudança na percepção da função do líder político, que deveria adquirir uma racionalização de consciência da sociedade em relação aos instrumentos de controle estatal. A partir disso, o poeta nos fala que a política é perversa para o homem e que se mostra como a geradora da crise do Estado, onde se encontrava a burguesia fomentando-a junto aos ideais iluministas, que apenas iam contra a política absolutista. Assim, a partir do poder de um único indivíduo levar a consumação do poder da coletividade, da sociedade.

Desta maneira, percebemos que se constrói a percepção de um Estado abarcado, em princípio pelo sentido de um poder legitimado pela política em paralelo com a moral, advinda das experiências adquiridas pela guerra civil, onde encontra-se a não liberdade dos súditos, mas sim o bem-estar dos mesmos, com proteção dada pelo Estado (princípio moral) para remeter a não degradação do homem, além de constituir a imagem invisível da razão. A estabilidade adquirida a esta formação se tornaria possível quando a pluralidade de partidos e indivíduos reconhecesse uma moral que refletisse uma ordem estatal assegurada de cima para baixo, a qual protegeria os homens – divino-humano ou o presidente-rei.

Não é difícil perceber que essa concepção da contradição enquanto força motriz tanto do processo histórico quanto da existência individual está intimamente conjugada com a posição de relevo que o tema da mudança, da transformação possui na construção da modernidade e da própria cultura/arte e sociedade portuguesa.

Portanto, o poeta retrata que a identidade portuguesa é permeável e se constrói pela vivência e contradição. Esta sempre dialoga com as questões políticas e sociais de seu tempo. Mostra que a identidade se faz presente diante de como o homem se vê no mundo e como o outro o vê. Nesse

Pessoa, Fernando. *Pessoa Inédito*. (Orientação, coordenação e prefácio de Teresa Rita Lopes). Lisboa: Livros Horizonte, 1993, pp. 221

discurso, Pessoa coloca em questionamento a Pátria distinta, em que várias personalidades se interpenetram e que definem ou não a visão de nacionalidade. Desta forma, traz em pergunta se estas diferenças formam uma nacionalidade e se há semelhanças implícitas e explícitas.

Para o poeta, o que importa, de fato, é a questão do mito e como este reaparecerá em Portugal. Ao utilizar do mito de D. Sebastião como base da cultura portuguesa, condiciona o nosso pensamento a promover todo o desenvolvimento individual, intelectual, humanitário, político, social e metafísico dentro da ascendência sebastianista. Esta, por sua vez, elabora conceitualmente a autoimagem do homem e, através disso, a representação da consciência do indivíduo detentor de sua práxis e da fé em si próprio como fundador da realidade nacional. Portanto, Fernando Pessoa enaltece o uso do símbolo mítico de D. Sebastião para fornecer um alento à alma castigada e tratar da viragem pessoal dos portugueses.

Ao determinar a realidade do indivíduo dependente de sua consciência como fator de transformação e acesso à vida e a existência de Portugal, o poeta começa a trabalhar com a dinâmica psicológica e filosófica de existência. Seu pensamento parte da identidade pessoal que deve ser aflorada e representada como a nação, pois esta contém a essência do povo. Ao traduzirmos a maneira de comportamento, de fala e modo de agir do homem como a maneira da sociedade da qual ele faz parte, o indivíduo se mostra contendo tudo o que a nação é e pode representá-la em qualquer lugar e tempo.

Dessa maneira, o poeta usa de analogia com a astrologia, numerologia e cabala para depreender o surgimento de uma nova figura que simbolizaria o mito de D. Sebastião. Esta elabora conceitualmente a autoimagem do homem e, através disso, a representação da consciência do indivíduo e de sua cultura historiada.

Ao enfatizar que o símbolo é apenas a chave de ligação entre o indivíduo e a história de pertencimento de um lugar, o escritor oferta a ideia de que qualquer homem, ao ter o símbolo dentro de si, acaba se tornando este símbolo de modo ativo. Assim, qualquer criação realizada pelo pensamento é um acesso a este símbolo e, por meio disso, um acesso ao todo do que ele representa. Desta maneira, trabalha a natureza portuguesa dentro de seu autodestino enquanto poeta e indivíduo português detentor das habilidades e equilíbrios entre mundo real e abstrato. Ao trazer sua literatura com essa carga trata-a como um sistema que perdura pelo tempo e espaço de modo mais efetivo.

Algumas datações são para o poeta importantes: 1693 – interpretação tradicional de José Agostinho (Figura 1); 1909 a 1944 – onde as datas 1910, 1917, 1924, 1931 e 1938, pela astrologia cabalística, representam os períodos do sol, o rei. Baseado na profecia de Thamar Lamin, mouro negro (figura 2); 1878 e 1888 – datas da profecia de Bandarra para o regresso de D. Sebastião.

Essas datas se baseiam no princípio de uma profecia, que não apenas são números, como José Agostinho pensava, mas são representações de planetas.

Elas mostram a abordagem do poeta sobre a questão da identidade nacional vinculada com a astrologia ou a dinâmica do autoconhecimento que o sentido espiritual fornece. Para o escritor nada está desvinculado, o sentido dos astros influenciam na constituição do corpo e da alma dos indivíduos, pois observa-se que cada um apresenta uma personalidade e identidade interior própria. A constituição do ser é inata, como uma impressão digital, que apenas pode se repetir a cada 26.000 anos. Essa impressão trazida é o modo da linguagem metafísica e do próprio pensamento constituir na representação corpórea. O propósito é o indivíduo assumir o controle da própria vida.

Figura 1. Imagem do próprio livro **Sebastianismo e Quinto Império**. São Paulo: Ática, 2011, da página 150, representando a interpretação de José Agostinho sobre a numerologia do regresso

Elles faziam assim o calcul	0:
Depois de nove	900
Junta um	100
somma	1000
Trez a	300
quatro	400
somma	1700
Tira sete de barato	7
	1693

Figura 2. Imagem do próprio livro **Sebastianismo e Quinto Império**. São Paulo: Ática, 2011, da página 149, representando a interpretação de Thamar Lamin.

1574	1578
350	350
. 1924	1928
	1578
9.1.	1578
	35
	1893
	19286

Segundo a análise cabalística de Fernando Pessoa, encontramos a ideia de que a profecia do regresso se dará num período de Marte (o número nove representa o planeta Marte) e num subperíodo do Sol (número 1 representa o Sol). Esses dois números representam o número perfeito ou as dez esferas da árvore da criação da cabala, onde o 9 + 1 revela o recomeço do ciclo. Seguindo o pensamento do poeta, ele sempre busca unir a numerologia com a vinda de D. Sebastião, seu nascimento e morte.

A interpretação do poeta sobre o regresso do sebastianismo é baseada na astrologia cabalística, com o fim de compreender a criação através de princípios energéticos ligados aos astros que levam ao resultado final, ou seja, o conhecimento. Para ele nada está desvinculado, pois o sentido dos astros influencia na constituição do indivíduo e da nacionalidade. Essa ideia justifica-se segundo Max Haindel:

no momento do nascimento, quando o ar, carregado com as sutis influências astrais prevalecentes de um determinado dia, hora e local entra nos pulmões, passa para o sangue e circula pelo sensitivo corpo da criança, imprime em cada átomo a sua vibração. É o que se chama 'batismo estelar'. Esta primeira impressão prevalecerá durante toda a vida, à semelhança de uma cicatriz que persiste na carne, embora os átomos sejam substituídos repetidas vezes. Assim, as radiações estelares do instante do nascimento exercem poderosa influência durante a vida física inteira, como forças impelentes. É por meio desta informação que podemos saber as decisões, fragilidades, potencialidades que a pessoa carrega nesta vida. 156

O escritor lusitano, através dessa ideia, retoma o pensamento de que o anticristo é português, o qual anima a alma do povo e, ao mesmo tempo, adverte que este não pode ser entendido em sua literariedade. Ao contrário, devemos utilizá-lo como ferramente de compreensão de nós mesmos. Sua eficácia apenas será determinante se pensarmos como algo que está entranhado no sangue dos portugueses, que o ar que respiram envolve a mística sebastianista.

A primeira vinda, 1640, mostra isto bem: a data marca o principio de uma dynastia, e a vinda de D. Sebastião foi 'encoberta', foi atravez de nevoeiro, pois julgando todos — em virtude de sua symbologia primitiva — que o Encoberto era D. João IV., em verdade o Encoberto era o facto abstracto da Independencia, como aqui se viu. Na Segunda Vinda, em 1888, por pouco que possamos comprehender, comprehendemos comtudo que a prophecia tradicional se cumpre: sabemos que 1888 é 'manhã', porque é o principio do Reino do Sol — poronde se notará que melhor não pode haver para que se symbolize por 'manhã' —, e, estando nos já a 37 annos d'essa data, sem que ainda possamos comprehender o que nella se deu, não pode haver duvida do character encoberto, nevoento, da Vinda Segunda de D. Sebastião. 157

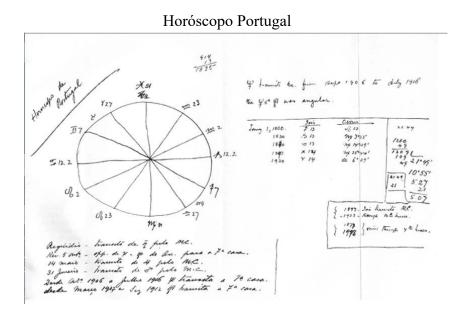
Max Heindel foi um ocultista, astrólogo e místico cristão dinamarquês, considerado o maior místico do século XX e iniciado no Rosacruz. Seu livro *The Message of the Stars*. California: The Rosicrucian Fellowship, 1973, nos mostra essa ideia que a posição dos astros influencia na constituição do indivíduo. Além disso, cada astro apresenta um significado religioso, como o Sol mostra-se como o doador da vida e Marte o planeta da ação. (<a href="http://www.rosicrucian.com/pdf">http://www.rosicrucian.com/pdf</a> plaza/index.html).

Pessoa, Fernando. Sebastianismo e Quinto Império. São Paulo: Ática, 2011, p. 155

O sentido dessa ideia encontra-se em suspensão: não foi em 1640 que o anticristo surgiu. Nesse período, o símbolo representou o pensamento da independência da intervenção espanhola em Portugal. Contudo, mantinha-se encoberta a verdade sobre sua vinda. Ao mesclar com previsões que não se concluíram, Fernando Pessoa retoma a profecia de Bandarra para dar corpo à manutenção do anticristo português. Mostra que a profecia do Encoberto se concretizará apenas na segunda vinda, trazendo consigo a nova figura do Rei. Com Bandarra, o poeta justifica essa segunda vinda, nevoenta, por não ter sido compreendida e, assim, revelada. Além disso, utiliza da profecia do sapateiro de Trancoso para interpretar a data de 1888 como a sendo essa revelação.

o Bandarra annuncia o Regresso de D. Sebastião (pouco importa agora o que elle entende por esse 'regresso') para um dos annos entre 1878 e 1888. Ora neste ultimo anno, (1888) deu-se em Portugal o acontecimento mais importante da sua vida nacional desde as Descobertas; comtudo *pela propria natureza do acontecimento*, elle passou e tinha de passar inteiramente despercebido 158

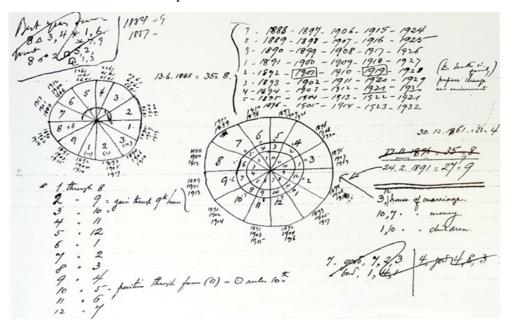
Fernando Pessoa cria uma noção de propriedade que corresponde entre nação e indivíduo. Apresenta uma curiosidade pela possibilidade de discernir um conteúdo místico presente na noção de nacionalidade portuguesa. Por meio disso, o poeta, retira-se do campo puramente abstrato e individual para a compreensão latente do sentido de civilização. Ao proclamar seu valor, estrutura seu pensamento na imagem de um símbolo histórico construído na época moderna de Portugal. Produto de mesma intensidade que o mito que figura a cultura portuguesa, este ator personifica a razão moldada pelo poeta. Nesse sentido, mostra-nos que não é alguém, mas a ideia, isto é, a consciência como substrato que caracteriza uma nação e estipula seu valor no mundo. Assim, traz seu pensamento ao momento moderno que vive.



<sup>158</sup> Idem, p. 169

1 4

Mapa Astral Fernando Pessoa



Nesse sentido, podemos utilizar de analogia para apoiar o discurso "encoberto" de Fernando Pessoa sobre a data de 1888. O poeta analisa essa data como sendo o reflexo da profecia do regresso de D. Sebastião. O mito retorna em períodos de decadência social. No entanto, não é D. Sebastião que retorna, mas a ideia de recuperação da nacionalidade que o mito traz. A figura idealizada no mito, símbolo da nacionalidade, será outra. Por isso, para Fernando Pessoa, essa data reinterpreta o mito nacional dentro de que a nação deve se firmar através de sua força criadora. O poeta consagra essa data como a vinda do Anticristo. Contudo, a importância de 1888 é maior, pois no seu interior, é o ano de nascimento do poeta lusitano.

De acordo com esta visão, encontramos que tanto Fernando Pessoa como Portugal se assemelham. O poeta, nascido em 1888, apresenta uma personalidade multifacetada e com grande interesse pela diversidade. Seu sentir é estrangeiro, isto é, é um sentir do outro o que indica uma característica de coletividade. Sua realidade é impessoal, mergulhada num mundo de integração e desintegração. Traduz uma profunda carga emocional a qual acentua seu temperamento sanguíneo fluído. A presença de quase todos os planetas liga-o a assuntos da sociedade. Por sua alma singular, mostra-se envolvido com a transformação mental e com o espírito coletivo. Neste sentido, temos que sua ligação com Portugal se desenvolve por este país apresentar um inconsciente individual, mas, também, coletivo. Uma personalidade múltipla que busca a unificação mesmo mantendo a diversidade. Envolve a ideia restritiva, de fechar em si mesma, e a abertura ao diálogo com o mundo. O equilíbrio que Portugal busca está representado na sua própria interioridade, emocional e racional, que dialoga com a tessitura do mundo.

Desta maneira, Fernando Pessoa enaltece a transformação social e política por meio do pensamento crítico. A maleabilidade de seu discurso, permite relacionar em uma mesma esfera o uso de uma intervenção cirúrgica nos gostos e hábitos sociais e o (re)surgimento da razão para criar e sintetizar as experiências e, assim, manifestar a identidade portuguesa. Essa visão leva a mensagem do Portugal Inteiro que o escritor permite (re)afirmar: o poder de construção do país e de sua manutenção apresenta-se ligado na partilha do sensível fornecida pela presença do pensamento do indivíduo identificado como coletividade. Sua força e presença na realidade é a vida da história de seu país.

CONCLUSÃO

## "AMOR FATI"

A reflexão realizada sobre o *Sebastianismo*, primeira parte de **Sebastianismo e Quinto Império**, de Fernando Pessoa, organizada por Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda, revela a relevância do pensamento de Fernando Pessoa sobre o mito como elemento particular que mostra a nacionalidade. Ao mostrar-nos essa visão, os organizadores e o poeta sustentam a visão da permanência de uma cultura pelo elemento natural e tradicional.

A recolha cronológica dos textos ressalta a constância de pensar o mito enquanto acesso a informação e a produção de identidade e de historicidade. Cada ideia política, social ou filosófica usada pelo poeta, inclusive a ditadura e o uso da força, têm propósitos claros: serem momentos de passagem que abalam estruturas sociais e políticas anteriores, entendidas como inertes, alienantes e massificadoras, para gerar degraus históricos que precisam ser percorridos por sua pátria para que ela alcance o domínio cultural dentro de uma Europa abalada. Nesse propósito, o mito de D. Afonso Henriques, de D. Sebastião e a figura revolucionária de Sidónio Pais ganham importância para Fernando Pessoa, porque são portugueses – portanto próprios de seu povo – e cristalizam pensamentos relevantes para seu projeto: o primeiro idealiza e reunifica os mais íntimos desejos de grandeza e sentimentos de nostalgia existentes no povo português, cuja unidade cultural e psicológica fora desmantelada pela alienação cultural francesa; e o segundo revela o valor histórico do uso da força como meio para romper com antigas crenças políticas e organizações sociais – situação que encontra analogias forçadas com a ditadura e o niilismo, os quais logo se revelam apenas passagens úteis para rupturas com as condições sociopolíticas e filosóficas descreditadas pelo poeta.

Essas mudanças de postura filosófica e política para cada período de transição, visando a recuperação da grandiosidade de sua pátria, é a principal característica da sua prosa e norteia todas as suas ações, em geral carentes de maiores explicações: sendo útil para o propósito, é válido. Logo, Fernando Pessoa mostra-se como um labirinto de ideias, com idas e vindas e contradições que só têm sentido quando avaliadas segundo o efeito que possuem naquele momento de construção. Por isso, os usos que podem ser extraídos a partir da interpretação de uma ideia são mais valiosos que a própria ideia. Mas destas, uma ainda possui seu caráter inviolado em sua obra: o sebastianismo, um mito com ares de crença que unifica o caráter psicológico do povo português. Ser português é compartilhar dos objetivos e sentimentos de sua pátria. É ser sebastianista.

Assim, Fernando Pessoa pensa o mito para entender Portugal, negando qualquer vínculo com estrangeirismos desalinhados de seu pensamento – neste caso a cultura dos Aliados. Por esse

pressuposto, o acesso à informação e a produção de identidade e de historicidade, alinha-se com a permanência da particularidade da consciência. Esta pode ser apresentada por meio do mito social.

A construção identitária não é pessoal, mas cultural. Logo, é uma ação que carrega a morfologia e a fisiologia da história através de sua concepção artística, a qual introduz o diálogo entre o homem e o mundo. Desta maneira, o poeta preocupa-se com a forma da literatura, pois esta é a ferramenta para interpretar e vivenciar a sociedade portuguesa da qual faz parte e é seu produto e produtor.

Ao aplicar essa ideia em seu país, o poeta cria a imagem do supra-Camões <sup>159</sup>, presente desde 1912 <sup>160</sup> em seu pensamento. Essa ideia não está presente de modo literal nos fragmentos dessa organização do **Sebastianismo e Quinto Império**, mas esses fragmentos permitem apontar juntamente com o texto de 1912 essa ideia, já que o poeta pensa seu projeto dentro da literatura como forma de mostrar seu país. Através da **A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada** entendemos que com uma grande literatura há um grande país, isto é, ao utilizar de comparações com França e Inglaterra, Fernando Pessoa entende a importância e o dever de formar uma literatura forte e duradoura, capaz de transmitir a tradição, a história e as características sociais e naturais do seu povo.

Ao usar de analogia da nação a literatura, o poeta trata da natureza desta arte como elemento representativo da sociedade. Compreende a necessidade social da obra literária enquanto caminho de descobrimento e investigação do meio social, político e cultural da vida humana. Por isso, a menção social não se leva para fora da literatura, mas sim pelo contrário, leva mais fundo, para dentro dela. Pois seu teor não é mera expressão de emoção ou de experiências individuais. Pelo contrário, estas só se tornam artísticas quando, em virtude de sua especificação que adquirem ao ganhar forma, conquistam sua participação no universal<sup>161</sup>.

Sua visão é nada mais que a habitação do homem genérico, que apresenta todos os indivíduos do mundo e por meio dele pode gerir uma cultura universalizante. Dentro de si, encontra-se a cultura de um grupo social, a civilização humana e o respeito as diferenças e aos valores que constroem e fazem o homem viver em comunidade de almas e de corpos. Como o poeta cogita ser a imagem espelhada de Portugal, encontramos, em verdade, a alma portuguesa transcrita em seus escritos. Portanto, Fernando Pessoa coloca-se como mito literário, alcançando o patamar de

Compõe a ideia de além-homem nietzschiano que coloca toda a sua vontade e ação a serviço da grandeza humana, em que traz a liberdade absoluta do indivíduo. Além disso integra a ideia que todos os homens em si contém todas as partes do mundo e são seu próprio universo e realidade

Supra-Camões está presente no texto A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada. In: Pessoa, Fernando. *Obras em Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986

Adorno, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In: *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; ed. 34, 2003. p. 66

supra-Camões, onde o antepassado mítico e herói civilizador – D. Sebastião, se encarna e se sacrifica pelo gênero humano – abre caminho para complementar o país, em sua psique rara e misteriosa.

O poeta alinha sua mente com a presença de Portugal para traçar o destino do seu povo e de sua terra como seu autodestino. Ao permitir-se como país e expressar-se enquanto arte literária, o poeta contempla sua realidade através de suas formas e a alma humana portuguesa enquanto representação da cultura e sociedade. Ao trazer sua literatura com essa carga trata-a como um sistema que perdura pelo tempo e espaço de modo mais efetivo. Escreve um diagnóstico de si mesmo, onde o indivíduo revelado é a nação. A nação, por sua vez, é o indivíduo e o que é a cultura, a política e a sociedade é o indivíduo. O poeta refere-se todos estes campos em um único sistema dinâmico representativo, a arte literária, que por um lado mostra a capacidade cognitiva e individual, que garante seu particularismo e, por outro, a contemplação dos elementos que formam o indivíduo. Como exemplo de seu sistema, o poeta se lança como o emulador da natureza portuguesa. Dessa maneira, encontramos o saldo final sobre o que é Portugal na expressão de Fernando Pessoa: uma diversidade oriunda da capacidade criativa de desenvolvimento e estabelecimento do homem e de sua consciência no mundo natural, onde parte de um elemento simbólico para compor seu destino transfigurado em realidade primordial eterna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985

ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In: *Notas de literatura I.* São Paulo: Duas Cidades; ed. 34, 2003

ALEXANDRE, M.V. Os sentidos do Império – questão nacional e questão colonial na crise do Antigo Regime Português. Porto: Afrontamento, 1993

AMIEL, Henri-Frédéric. *AMIEL'S JOURNAL. The Journal Intime of Henri-Frédéric Amiel.* Translated, With an Introduction and Notes by Mrs. Humphrey Ward.

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo

ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo. São Paulo: Cia das Letras, 2013

ARENDT, Hannah. A condição humana. São Paulo: Forense Universitária, 2016

ARENDT, Hannah. A vida do espírito. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2014

ARISTÓTELES. A Política. São Paulo: Martins Fontes, 2006

AZEVEDO, António. *Pessoa e Nietzsche. Subsídios para uma leitura intertextual de Pessoa e Nietzsche.* Lisboa: Instituto Piaget, 2005

AZEVEDO, C. M. *História religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de leitores, 2000

BAIÔA, Manuel; FERNANDES, Paulo Jorge; MENESES, Filipe Ribeiro. The Political History of Twentieth-Century Portugal. *Historia y Política: Ideas, procesos y movimientos sociales*, no. 7, Madrid, Universidad Complutense de Madrid e Editorial Biblioteca Nueva, 2002, pp. 11-54.

BANDARRA, Gonçalo Anes. *Trovas do Bandarra*. Project Gutenberg Ebook, 2007, ISO-8859-1

BARRETO, José. O fascismo e o salazarismo vistos por Fernando Pessoa. *Estudos Italianos em Portugal*, nº 8 (nova série), 2013, p. 99-123.

BARRETO, José. A publicação de O Interregno no contexto político de 1927-1928. *Pessoa Plural*: 2 (O./Fall 2012), p. 174-207

BARRETO, José. O Núcleo de Acção Nacional em dois escritos desconhecidos de Fernando Pessoa. *Pessoa Plural*: 3 (P./Spr. 2013), p. 97-112

BARRETO, José. A poesia política de Fernando Pessoa. *Abril. Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Vol. 7, n° 14, 1° sem., abril 2015, p. 189-209

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019

BENJAMIN, Walter. A modernidade e os modernos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000

BERARDINELLE, Cleonice; MATOS, Mauricio. (org). *Fernando Pessoa – Mensagem*. Rio de Janeiro: Ed. 7 letras, 2008

BERSTEIN, S., MILZA, P. *História do Século XX: 1900-1945, o fim do mundo europeu*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007

BESSELAAR, Joseph Jacobus. *O Sebastianismo: história sumária*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987

BESSELAAR, Joseph Jacobus. Antonio Vieira: profecia e polêmica. Rio de Janeiro: Uerj, 2002

BIRMINGHAM, David. A Conciese History of Portugal. Cambridge: University Press, 2003

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977

BESSELAAR, Joseph Jacobus. *O Sebastianismo: história sumária*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987

BRELICH, Angelo. Introduzione alla storia delle religioni. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1991

BROWNE, Robert T. The Mystery of Space. London: Kegan Paul, Trench, Trubner CO.

BRUNO, Sampaio. *O Encoberto*. Porto: Livraria Moreira, 1904

CABRAL, Manuel Villaverde. A Identidade Nacional Portuguesa: Conteúdo e Relevância. *DADOS*– Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 46, nº 3, 2003, p. 513 a 533.

CAMPBELL, J. *Mitos, sonhos e religião: nas artes, na filosofia e na vida contemporânea*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001

CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Edusp, 1996

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8ª ed., São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000

CARDOSO, Miguel Esteves. Misticismo e ideologia no contexto cultural português: a saudade, o sebastianismo e o integralismo lusitano. *Análise Social*, vol. xviii (72-73-74), 1982-3.°-4.°-5.°, p. 1399-1408

CASSIRER, Ernest. Linguagem e Mito. São Paulo: Perspectiva, 2013

CALLE, Juan David Arias. Pólitica y Religión em Fernando Pessoa. *FORUM. Revista Departamento Ciencia Política.* ISSN 2216-1775 / nº. 6 / Julio-diciembre de 2014, p. 129-147

CENTENO, Yvette (org.). *Portugal: mitos revisitados*. Lisboa: Salamandra, 1993

CIDADE, Hernani. *Ensaio sobre a crise mental do século XVIII*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929

CHARUBEL. The Degrees of the Zodiac Symbolised. London: Women's Printing Society, 1907

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018

CLODD, Edward. Occultism. London: Watts & CO., 1921

COIMBRA, Leonardo. A Morte. Porto: Renascença Portuguesa, 1913

CONYBEARE, Fred. Cornwallis. Myth, magic and morals. London: Watts & CO., 1909

CUNHA, Carlos M. F. *A história literária no século XX: o positivismo e depois*. Braga: Universidade do Minho

D'AZEVEDO, João Lúcio. A evolução do Sebastianismo. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918

DELGADO, Antonio Sáez. Pessoa e o totalitarismo. *Pessoa Plural:* 7 (P./Spring 2015)

DIÉGUEZ, Antonio. Conocimiento e identidad en Fernando Pessoa. *FRENIA*, Vol. VII-2007, p. 109-126

DIX, Steffen; PIZARRO, Jéronimo. *A Arca de Pessoa. Novos Ensaios.* Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007

DURKHEIM, E. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 2003

EAGLETON, Terry; JAMESON, Frederic; SAID, Edward W. *Naionalism, Colonialism, and literature.* Minneapolis: University of Minnesota Press, 1990

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990

ELIADE, Mircea. Mythes, rêves et mystères. França: Gallimard, 1957

ELIADE, Mircea. El mito del eterno retorno. Buenos Aires: Emecé, 2001

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: editora Perspectiva, 2017

ELTZBACHER, Paul. As Doutrinas Anarquistas. Lisboa: Editora Guimarães, 1908

FLUDD, Robert. Étude du Macrocosme. Traité d'Astrologie Générle. Paris: H. Daragon, 1907

FONTENELLE. Histoire des Oracles. Paris: Librairie de la Bibliothèque Nationele, 1892

FOUCAULT, Michel. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Forense Universitária

GARMES, Hélder. Para sempre Ibéria. *IPOTESI*. Juiz de Fora, v.15, n. 1, p.119-125, jan./jun. 2011

GEARY, P. O mito das Nações. A invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad, 2005

GIL, José. Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações. Lisboa: Relógio d'Água

GIDDENS, Anthony. *O Estado-Nação e a Violência*. São Paulo: Edusp, 2008

GODARD, John George. Racial Supremacy. London: Simpkin, Marshall & CO., 1905

GOMES, Álvaro Cardoso; CAMPOS, Alzira Lobo; TEIXEIRA, Eliane de Alcântara. O sebastianismo: uma reflexão histórica e literária do mito. *Revista Lumen et Virtus*. Vol. V, n.10, março/2014, p. 72-94

GUYAU, M. L'art au point de vue sociologique. Paris: Félix Alcan, 1909

GUY-GRAND, Georges. Le procès de la démocracie. Paris: Armand Colin, 1911

HAMBURGER, Michael. A verdade da poesia. São Paulo: CosacNaify,

HEIDEGGER, Martin. A Caminho da Linguagem. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003

HEGEL, Friedrich. Fenomenologia do Espírito. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007

HEGEL, Friedrich. Fé e Saber. São Paulo: Hedra, 2011

HERMANN, Jacqueline. *No reino do Desejado – A construção do sebastianismo em Portugal* (séculos XVI e XVII). São Paulo: Cia das Letras, 1998

HERVIEU-LÉGER, D. Le pèlerin et le Converti. Paris: Flammarion, 1999.

HOBBES, Thomas. Léciathan ou Lamatière, la forme et la puissance d'un état écclesiastique et civil. Paris: Marcel Giard, 1921

HOBSBAWM, E. A era dos impérios, 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra, 2015

HOURCADE, Pierre. *A mais incerta das certezas. Itinerário poético de Fernando Pessoa*. Lisboa: Tinta da China. 2016

JAKOBSON, R. *Linguística, Poética, Cinema*. Trad. de Haroldo de Campos et al. São Paulo: Perspectiva, 1970

JÚDICE, Nuno. A ideia nacional no período modernista português. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, nº 9, Lisboa, Edições Colibri, 1996, pp. 323-333

KANDINSKY, W. Do Espiritual na arte. São Paulo: Martins Fontes, 1996

KEESING, Felix Maxwell. Antropologia Cultural. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. Vol. 2

LAGO, Pedro Martín. Filosofia y Sociedad em Fernando Pessoa. *AGORA*, 8, Universidad de Santiago de Compostela, 1989, p. 137-144

LEO, Alan. Astrology for All. London: Women's Printing Society, 1910

LÉONARD, Yves. Salazarisme et lusotropicalisme, histoire d'une appropriation. *Lusotopie* 1997, p. 211-226

LEVI-STRAUSS, Claude. *O Cru e o cozido – Mitológicas 1*. São Paulo: CosacNaif, 2011

LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. Lisboa: Edições 70, 1978

LEVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003

LICHTENBERGER, Henri. L'Allemagne moderne son évolution. Paris: Flammarion, 1909

LIMA, Luís Felipe Silvério. *O império dos sonhos: narrativas proféticas, sebastianismo & messianismo brigantino* 

LOCKE, John. Segundo Tratado sobre o governo civil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

LOURENÇO, Eduardo. Mitologia da Saudade. São Paulo: Cia das Letras, 1999

LOURENÇO, Eduardo. De Pessoa como Pura Virtualidade. *Pessoa Plural:* 4 (O./Fall 2013), p. 196-201

LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Pessoa revisitado. Leitura estruturante do drama em gente*. Lisboa: Moraes, 1981

LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade. Psicanálise mítica do destino português.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978

LOURENÇO, Eduardo. O lugar do anjo. Ensaio pessoano. Gradiva

MARINETTI, Filippo Tommaso. I manifesti del futuriso. Firenzi: Edizioni di "Lacerba", 1914

MARINETTI, Filippo Tommaso. *Democrazia futurista*. Cooperativa Grafica degli Operai, 1919

MARINHO, José. *Nova interpretação do Sebastianismo: e outros textos*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003

MARTINON, J. P. Atualidade do Mito. São Paulo: Duas Cidades, 1977

MARTINS, J. P. Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1882

MATOS, S. C. Crise em Portugal nos séculos XIX e XX. Lisboa, 2002

MATTOSO, J. Portugal, a Identificação de um País. Lisboa, 1985

MATTOSO, J. História de Portugal. Lisboa, 1992-93

MERLEAU-PONTY, Maurice. O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva, 2014

MILL, John Stuart. Pour la liberté. Paris: Librairie Hatier, 1925

MILL, John Stuart. L'utilitarisme. Paris: Félix Alcan, 1889

MILL, John Stuart. Essais sur la religion. Paris: Librairie Germer Baillière, 1875

MOISÉS, Carlos Felipe. *Roteiro de Leitura: Mensagem de Fernando Pessoa*. São Paulo: Ed. Ática, 1996

MÜLLER, Max. The Science of relig. LONGMAN, GBEEN, AND CO, 1882

NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência. São Paulo: Cia das Letras, 2001

NIETZSCHE, Friedrich. Assim Falou Zaratrusta. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007

NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da Moral. São Paulo: Cia das Letras, 1998

NIETZSCHE, Friedrich. Ecce Homo. São Paulo: Cia das Letras, 2008

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre Verdade e Mentira. São Paulo: Hedra, 2011

NIETZSCHE, Friedrich. Aurora. São Paulo: Cia das Letras, 2016

NIETZSCHE, Friedrich. O Anticristo. São Paulo: Centauro, 2005

NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos Ídolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017

ORDOÑEZ, Andrés. Fernando Pessoa: um místico sem fé. São Paulo: Nova Fronteiras, 1998

OSAKABE, Haquira. Fernando Pessoa: entre almas e estrelas. Rio de Janeiro: Iluminuras, 2013

OSAKABE, Haquira. Fernando Pessoa: resposta à decadência. Rio de Janeiro: Iluminuras, 2013

PASCOAES, Teixeira. *O espírito lusitano ou o saudosismo*. Porto: Renascença Portuguesa, 1912

PASCOAES, Teixeira. Saudade e o saudosismo. Lisboa: Assírio e Alvim, 1988

PASCOAES, Teixeira. A Arte de Ser Português. Lisboa: Roger Delraux, 1978.

PAZ, Octavio. Os filhos do barro. São Paulo: CosacNaify, 2013

PAZ, Octavio. Signos em Rotação. São Paulo: Perspectiva,

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas. Escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa. Aquém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2001

PERRYCOSTE, Frank Hill. *On the influence of regligion upon truthfulness*. London: Watts & CO., 1913

PESSOA, Fernando. Mensagem. BN Esp. E3/146, 1934 (www.bnportugal.pt)

PESSOA, Fernando. Sebastianismo e Quinto Império. São Paulo: Ática, 2011

PESSOA, Fernando. *Da República (1910-1935)*. Introdução e organização Joel Serrão, recolha de textos: Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão. São Paulo: Ática, 1979

PESSOA, Fernando. Páginas de Doutrina Estética. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada, 1946

PESSOA, Fernando. Sobre Portugal — Introdução ao Problema Nacional. Lisboa: Ática, 1979

PESSOA, Fernando. Obras em Prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986

PESSOA, Fernando. *Sobre o fascismo, a ditadura militar e Salazar*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2018

PESSOA, Fernando. Ibéria. Introdução a um imperialismo futuro. Lisboa: Ática,

PESSOA, Fernando. *Athena – Revista de arte*. Vol. I, outubro de 1924 a fevereiro de 1925, Lisboa: Imprensa Libanio da Silva

PESSOA, Fernando. *Obra Poética de Fernando Pessoa*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016

PESSOA, Fernando. A Renovação da Arte - Antonio Mora, 1915

PESSOA, Fernando. Carta a Marinetti, 1917

PESSOA, Fernando. *Obra Poética de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. Vol.2

PESSÔA, Valdenir Araújo. *O misticismo, o saudosismo e o sebastianismo em "Mensagem" de Fernando Pessoa*. Santarém: Clube de Autores, 2015

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. São Paulo: Ed. 34, 2009

RAWLS, John. O Liberalismo Político. São Paulo: Ática, 2000

REAL, Miguel. Padre António Vieira: a arquitectónica do Quinto Império na carta Esperanças de Portugal (1659). *Revista Lusófona de Ciência das Religiões* – Ano VII, 2008, n. 13/14, p. 107-140

REAL, Miguel. O mito sebastianista revisitado. *Pessoa Plural*: 3 (P./Spr. 2013), p. 195-199

RENUCCI, A. L'influence de la Religion dans l'art. Paris: Librairie Bloud, 1908

RUTHVEN, K.K. O Mito. São Paulo: Perspectiva, 2010

SAID, Edward W. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Cia das Letras, 2017

SARTRE, Jean-Paul. *Que é literatura?*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015

SCAEFFER, Jean-Marie. La religion de l'art : un paradigme philosophique de la modernité. *Revue germanique internationale*, 1994, p. 195-207 / DOI : 10.4000/rgi.470

SERRÃO, Joel. *Do Sebastianismo ao Socialismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969

SERRÃO, Joel. *Liberalismo*, *socialismo*, *republicanismo*: *antologia do pensamento político português*. Lisboa: Livros Horizonte, 1979

SERRÃO, Joel. O caráter social da Revolução de 1383. Lisboa, 1946

SERRÃO, Joel(dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Lisboa, 1963-71

SERRÃO, Joel e OLIVEIRA MARQUES, A.H. (dirs.). *Nova História de Portugal*. Lisboa, 1996

SILVA, Anaxuell Fernando. Fernando Pessoa: religiosidade na poesia. *Interações – Cultura e Comunidade*, v.4 n.5, 2009, p. 201-226

SILVA, Anaxuell Fernando. As pessoas do Pessoa e a religiosidade "fingida". *Teoliterária* V. 1 - N. 1 - 1° Semestre de 2011, p. 45-78

SMITH, G. Elliot et al. *Early Man. His origin, development and culture*. London: Ernest Benn Limited, 1931

SOUSA, Rui Bragado. "Estetização da política e politização da arte": a estética do fascismo nas obras de Walter Benjamin. *Revista Espaço Acadêmico*. Nº 171 – Agosto/ 2015 – Mensal, Ano XIV, p. 44-60

SOUZA, Claudia. Fernando Pessoa: criador de mitos. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.18, n.2, jul./dez. 2014, p. 57-67

SOUSA SANTOS, Maria Irene Ramalho. "Poetas do Atlântico: as Descobertas como Metáfora e Ideologia em Whitman, Crane e Pessoa". In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*. N. 30, junho/1990

SOUSA SANTOS, Maria Irene Ramalho. Um Imperialismo de Poetas: Fernando Pessoa e o imaginário do Império. In: *Penélope: revista de história e ciências sociais*. Universidad de la Rioja, Año 1995, n. 15.

ŚWIDA, Monika. A reinterpretação do sebastianismo em Fernando Pessoa. *Studia Romanica Posnaniensia*. UAM, Vol. 40/1, Poznan, 2013

ŚWIDA, Monika. Ultrapassar a condição semiperiférica – a idea do império espiritual em Fernando Pessoa. *Romanica Cracoviensia*, 12 / 2012, p. 271-287

TABUCCHI, Antonio. Un baule pieno di gente. Scritti su Fernando Pessoa. Feltrinelli

TENGARRINHA, J. (org.). História de Portugal. Bauru, 2000

TORGAL, L. R./ROQUE, J. L. *Liberalismo (1807/1890): História de Portugal* (dirigida por José Mattoso), tomo V, Lisboa, Estampa, 1998

THOREAU, Henry David. Desobediência Civil. São Paulo: Edipro, 2016

TOCQUEVILLE, Alexis. De la démocratie em Amerique. Paris: Pagnerre, 1848

TOCQUEVILLE, Alexis. *L'Etat et ses limites: suivi d'essais politiques*. Paris: Imp. de P.-A. Bourdier et Cie, 1865

124

TREVISAN, Amarildo Luiz. Estetização da política vs. formação da opinião pública: uma aporia da

razão comunicacional?. Educação. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 2 (62), maio/ago. 2007, p. 299-

312

TRČKOVÁ, Barbora. ORIGEM E EVOLUÇÃO DO MITO SEBASTIANISTA. Univerzita

Palackého V Olomouci, Filozofická Fakulta. 2012

URIBE, Jorge; SEPÚLVEDA, Pedro. Sebastianismo e quinto império: o nacionalismo pessoano à

luz de um novo corpus. *Pessoa Plural*: 1 (P./Spr. 2012), p. 139-162

WHELLER, Douglas L. A primeira república portuguesa e a história. Conferência proferida por

Douglas L. Wheeler (do Departamento de História da Universidade de New Hampshire, Durham,

EUA), em 1 de Abril de 1978, no decurso do IX Encontro Anual da Sociedade de Estudos

Históricos Espanhóis e Portugueses. A maior parte do material deste trabalho, que é uma versão não

definitiva, resulta de uma versão revista e com alguns acréscimos do cap. xv do meu livro

Republican Portugal: a Political History, 1910-1926, Madison, University of Wisconsin Press, 1973.

*Análise Social*, vol. XIV (56), 1978-4.°, pp. 865-872

WHITMAN, Whalt. Leaves of Grass. New York: 1855

## **REVISTAS**

A Águia – Órgão da Renascença Portuguesa, 1910 a 1912

Athena – Revista de Arte, outubro de 1924 a fevereiro de 1925

Contemporânea – 1922 a 1926

**Orpheu** – 1915

Pela Grei – Revista para o ressurgimento nacional, 1918 a 1919

Diario de Lisboa – abril de 1933 a julho de 1933

MANIFESTO NACIONALISTA. Lisboa: Edições Lusitânia, 1919

**ANEXO** 

A Memoria do Presidente-Rei Sidonio Paes. In: **Editorial Imperio.** Lisboa, 1940 (Biblioteca Nacional – BND I-79533-v)



## Á MEMORIA DO PRESIDENTE-REI SIDONIO PAES

Longe da fama e das espadas, Alheio às turbas elle dorme. Em torno ha claustros ou arcadas? Só a noite enorme.

Porque para elle, já virado Para o lado onde está só Deus, São mais que Sombra e que Passado A terra e os céus.

Alli o gesto, a astucia, a lida, São já para elle, sem as ver, Vacuo de acção, sombra perdida, Sopro sem ser.

Só com sua alma e com a treva, A alma gentil que nos amou Inda esse amor e ardor conserva? Tudo acabou? No mysterio onde a Morte some Aquillo a que a alma chama a vida, Que resta d'elle a nós — só o nome E a fé perdida?

Se Deus o havia de levar,

Para que foi que nol-o trouxe —

Cavalleiro leal, do olhar

Altivo e doce?

Soldado-rei que occulta sorte Como em braços da Patria ergueu, E passou como o vento norte Sob o ermo céu.

Mas a alma accesa não acceita Essa morte absoluta, o nada De quem foi Patria, e fé eleita, E ungida espada.

Se o amor crê que a Morte mente Quando a quem quer leva de novo, Quão mais crê o Rei ainda existente O amor de um povo! Quem elle foi sabe-o a Sorte, Sabe-o o Mysterio e a sua lei. A Vida fel-o heroe, e a Morte O sagrou Rei!

Não é com fé que nós não cremos Que elle não morra inteiramente. Ah, sobrevive! Inda o teremos Em nossa frente.

No occulto para o nosso olhar, No visivel à nossa alma, Inda sorri com o antigo ar De força calma.

Ainda de longe nos anima,
Inda na alma nos conduz—
Gladio de fé erguido acima
Da nossa cruz!

Nada sabemos do que occulta
O véu egual de noite e dia.
Mesmo ante a Morte a Fé exulta:
Chora e confia.

Apraz ao que em nós quer que seja Qual Deus quiz nosso querer tosco, Crer que elle vela, bemfazeja Sombra comnosco.

Não sahe da alma nossa a fé
De que, alhures que o mundo e o fado,
Elle inda pensa em nós e é
O bem-amado.

Tenhamos fé, porque elle foi.

Deus não quer mal a quem o deu.

Não passa como o vento o heroe

Sob o ermo céu.

E amanhã, quando queira a Sorte, Quando findar a expiação, Resurrecto da falsa morte, Elle já não,

Mas a ansia nossa que incarnara, A alma de nós de que foi braço, Tornará, nova forma clara, Ao tempo e ao espaço. Tornará feito qualquer outro, Qualquer cousa de nós com elle; Porque o nome do heroe morto Inda compelle;

Inda commanda, a armada ida Para os campos da Redempção. Às vezes leva à frente, erguida 'Spada, a Illusão.

E um raio só do ardente amor, Que emana só do nome seu, Dê sangue a um braço vingador, Se esmoreceu.

Com mais armas que com Verdade .
Combate a alma por quem ama.
É lenha só a Realidade:
A fé é a chama.

Mas ai, que a fé já não tem forma Na matéria e na côr da Vida, E, pensada, em dôr se transforma A fé perdida! P'ra que deu Deus a confiança A quem não ia dar o bem? Morgado da nossa esperança, A Morte o tem!

Mas basta o nome e basta a gloria Para elle estar comnosco, e ser Carnal presença de memoria A amanhecer;

Spectro real feito de nós, Da nossa saudade e ansia, Que falla com occulta voz Na alma, a distancia;

E a nossa propria dôr se torna Uma vaga ansia um 'sperar vago, Como a erma brisa que transtorna Um ermo lago.

Não mente a alma ao coração. Se Deus o deu, Deus nos amou. Porque elle pôde ser, Deus não Nos desprezou. Rei-nato, a sua realeza,
Por não podel-a herdar dos seus
Avós, com mystica inteireza
A herdou de Deus;

E, por directa consonancia Com a divina intervenção, Uma hora ergueu-nos alta a ansia De salvação.

Toldou-o a Sorte que o trouxera Outra vez com nocturno véu. Deus p'ra que nol-o deu, se era P'ra o tornar seu?

Ah, tenhamos mais fé que a esp'rança!
Mais vivo que nós somos, fita
Do Abysmo onde não ha mudança
A terra afflicta.

E se assim é; se, desde o Assombro Aonde a Morte as vidas leva, Vê esta patria, escombro a escombro, Cahir na treva; Se algum poder do que tivera
Sua alma, que não vemos, tem,
De longe ou perto — porque espera?
Porque não vem?

Em nova forma ou novo alento, Que alheio pulso ou alma tome, Regresse como um pensamento, Alma de um nome!

Regresse sem que a gente o veja, Regresse só que a gente o sinta— Impulso, luz, visão que reja E a alma presinta!

E qualquer gladio adormecido, Servo do occulto impulso, accorde, E um novo heroe se sinta erguido Porque o recorde!

Governa o servo e o jogral. O que iamos a ser morreu. Não teve aurora a matinal 'Strella do céu. Vivemos só de recordar.

Na nossa alma entristecida

Ha um som de reza a invocar

A morta vida;

E um mystico vislumbre chama
O que, no plaino trespassado,
Vive ainda em nós, longinqua chamma—
O DESEJADO.

Sim, só ha a esp'rança, como aquella
— E quem sabe se a mesma? — quando
Se foi de Aviz a ultima estrella
No campo infando.

Novo Alcacer-Kibir na noite! Novo castigo e mal do Fado! Porque peccado novo o açoite Assim é dado?

Só resta a fé, que a sua memoria Nos nossos corações gravou, Que Deus não dá paga illusoria A quem amou. Flôr alta do paúl da grey, Antemanhã da Redempção, N'elle uma hora incarnou el-rey Dom Sebastião.

O sopro de ansia que nos leva A querer ser o que já fomos, E em nós vem como em uma treva, Em vãos assomos,

Bater à porta ao nosso gesto,

Fazer appelo ao nosso braço,

Lembrar ao sangue nosso o doesto

E o vil cansaço,

N'elle um momento clareou, A noite antiga se sentiu, Mas que segredo é que ficou No escuro frio?

Que memoria, que luz passada Projecta, sombra, no futuro, Dá na alma? Que longinqua espada Brilha no escuro? Que nova luz virá raiar

Da noite em que jazemos vis?

Ó sombra amada, vem tornar

A ansia feliz.

Quem quer que sejas, lá no abysmo Onde a morte a vida conduz, Sê para nós um mysticismo A vaga luz

Com que a noite erma inda vazia No frio alvor da antemanhã Sente, da esp'rança que ha no dia, Que não é vã.

E amanhã, quando houver a Hora, Sendo Deus pago, Deus dirá Nova palavra redemptora Ao mal que há,

E um novo verbo occidental Incarnando em heroismo e gloria, Traga por seu broquel real Tua memoria! Precursor do que não sabemos, Passado de um futuro a abrir No assombro de portaes extremos Por descobrir,

Sê estrada, gladio, fé, fanal, Pendão de gloria em gloria erguido! Tornas possível Portugal Por teres sido!

Não era extincta a antiga chamma Se tu e o amor puderam ser. Entre clarins te a gloria acclama, Morto a vencer!

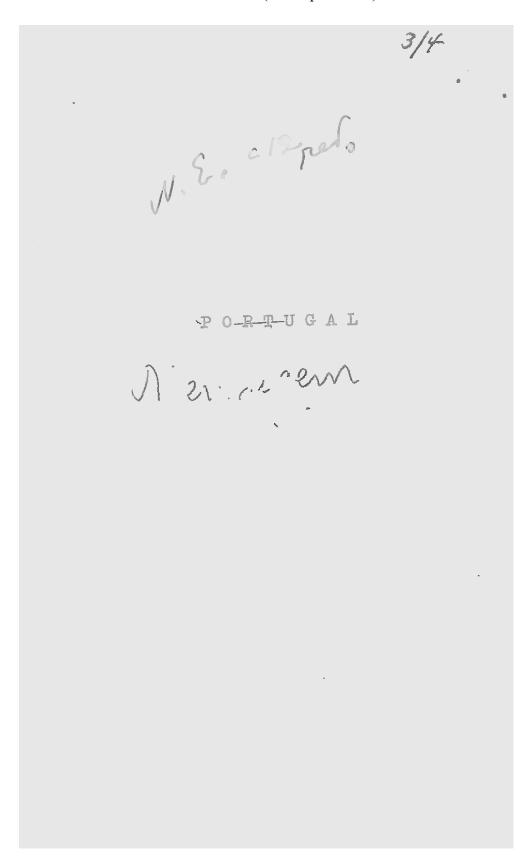
E, porque foste, confiando Em QUEM SERA porque tu foste, Ergamos a alma, e com o infando Sorrindo arroste,

Até que Deus o laço solte Que prende à terra a aza que somos, E a curva novamente volte Ao que já fomos, E no ar de bruma que estremece (Clarim longinquo matinal!)

O DESEJADO emfim regresse

A Portugal!

#### MENSAGEM(BN Esp. E3/146)



FERNANDO PESSOA - 21.N. 16 nol.

FORETUGAL-BLEZY

LISBOA 1934 PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA RUA AUGUSTA 44-54

7/8

12 Now. Cesur d'acto

Benedictus Dominus Deus noster qui dedit nobis Signum.

PRIMEIRA PARTE - Elsevir V. nest B R A S Ã

11/12

Ning cart Elson D.

New Elson D.

Bellum sine bello.

13/14 I. CAMPOS OS

Primeiro / 18 8

O DOS CASTELLOS

A Europa jaz, posta nos cotovellos: De Oriente a Occidente jaz, fitando, E toldam-lhe romanticos cabellos Olhos gregos, lembrando.

O cotovello esquerdo é recuado; O direito é em angulo disposto. Aquelle diz Italia onde é pousado; Este diz Inglaterra onde, afastado, A mão sustenta, em que se appoia o rosto

Fita, com olhar sphyngico e fatal, O Occidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

### Segundo

### O DAS QUINAS

Vendem os Deuses o que dão. A gloria compra-se a desgraça. Ai dos felizes, porque são Só o que passa:

Baste a quem basta o que lhe basta 0 bastante de lhe bastar!
A vida é breve, a alma é vasta:
Ter é tardar.

Foi com desgraça e com vileza Que Deus ao Christo definiu: Assim o oppoz à Natureza E Filho o ungiu. II.

OS CASTELLOS

### Primeiro

#### ULYSSES

O mytho é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
E um mytho brilhante mudo O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou, Foi por não ser existindo. Sem existir nos bastou. Por não ter vindo foi vindo E nos creou.

Assim a lenda se escorre A entrar na realidade, E a fecundal-a decorre. Em baixo, a vida, metade De nada, morre.

## Segundo

#### **VIRIATO**

Se a alma que sente e faz conhece Só porque lembra o que esqueceu, Vivemos, raça, porque houvesse Memoria em nós do instincto teu.

Nação porque reincarnaste, Povo porque resuscitou Ou tu, ou o de que eras a haste -Assim se Portugal formou.

Tua alma é como aquella fria Luz que precede a madrugada, E é já o ir a haver o dia Na antemanhã, confuso nada.

## Terceiro

## O CONDE D. HENRIQUE

Todo começo é involuntario. Deus é o agente. O heroe a si assiste, vario E inconsciente.

A espada em tuas mãos achada Teu olhar desce. "Que farei eu com esta espada?"

Ergueste-a, e fez-se.

### Quarto

#### D. TAREJA

As nações todas são mysterios. Cada uma e todo o mundo a sós. O mãe de reis e avóz de imperios, Vela por nós!

Teu seio augusto amamentou Com bruta e natural certeza U que, imprevisto, Deus fadou. Por elle resa!

Dê tua prece outro destino A quem fadou o instincto teu: O homem que foi o teu menino Envelheceu.

Mas todo vivo é eterno infante Onde estás e não ha o dia. No antigo seio, vigilante, De novo o cria!

## Quappo

### D. TAREJA

As nações todas são mysterios. Cada uma é todo o mundo a sós. Ó mãe de reis e avó de imperios, Vela por nós!

Teu seio augusto amamentou Com bruta e natural certeza O que, imprevisto, Deus fadou. Por elle resa!

Dê tua prece outro destino A quem formou o instincto teu! O homem que foi o teu menino Envelheceu.

Dá-lhe a mão! Cego, elle é ninguem. De onde estás, e não ha o dia, Sê filha de quem foste mãe! Criaste: guia!

## Quinto

## D. AFFONSO HENRIQUES

Pae, foste cavalleiro.
Hoje a vigilia e nossa.
Da-nos o exemplo inteiro
E a tua inteira força:

Dá, contra a hora em que, errada, Novos infieis vençam, A benção como espada, A espada como benção:

#### Sexto

#### D. DINIZ

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo O plantador de naus a haver, E ouve um silencio murmuro comsigo: É o rumor dos pinhaes que, como um trigo De Imperio, ondulam sem se poder ver.

Arroio, esse cantar, jovem e puro, Busca o oceano por achar; E a falla dos pinhaes, marulho obscuro, E o som presente d'esse mar futuro, E a voz da terra anciando pelo mar.

## Septimo (I)

## D. JOÃO O PRIMEIRO

O homem e a hora são um só Quando Deus faz e a historia é feita. O mais é carne, cujo pó A terra espreita.

Mestre, sem o saber, do Templo Que Portugal foi feito ser, Que houveste a gloria e deste o exemplo De o defender,

Teu nome, eleito em sua fama, E, na ara da nossa alma interna, A que repelle, eterna chamma, A sombra eterna.

# Septimo (II)

## D. PHILIPPA DE LENCASTRE

Que enigma havia em teu seio Que só genios concebia? Que archanjo teus sonhos veio Velar, maternos, um dia?

Volve a nós teu rosto serio, Princeza do Santo Graal, Humano ventre do Imperio, Madrinha de Portugal: III.

AS QUINAS

### Primeira

## D. DUARTE, REI DE PORTUGAL

Meu dever fez-me, como Deus ao mundo. A regra de ser Rei almou meu ser, Em dia e letra escrupuloso e fundo.

Firme em minha tristeza, tal vivi. Cumri contra o Destino o meu dever. Inutilmente? Não, porque o cumpri.

#### Segunda

## D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL

Deu-me Deus o seu gladio, porque eu faça A sua santa guerra. Sagrou-me seu em honra e em desgraça, As horas em que um frio vento passa Por sobre a fria terra.

Poz-me as mãos sobre os hombros e dourou-me A fronte com o olhar; E esta febre de Além, que me consome, E este querer grandeza são seu nome Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do gladio erguido dá Em minha face calma. Cheio de Deus, não temo o que virá, Pois, venha o que vier, nunca será Maior do que a minha alma.

## Terceira

# D. PEDRO, REGENTE DE PORTUGAL

Claro em pensar, e claro no sentir, E claro no querer; Indifferente ao que ha em conseguir Que seja só obter; Duplice dono, sem me dividir, De dever e de ser -

Não me podia a Sorte dar guarida Por eu não ser dos seus. Assim vivi, assim morri, a vida, Calmo sob mudos céus, Fiel a palavra dada e à idea tida. Tudo mais é com Deus!

#### Quarta

# D. JOÃO, INFANTE DE PORTUGAL

Não fui alguem. Minha alma estava estreita Entre tam grandes almas minhas pares, Inutilmente eleita, Virgemmente parada;

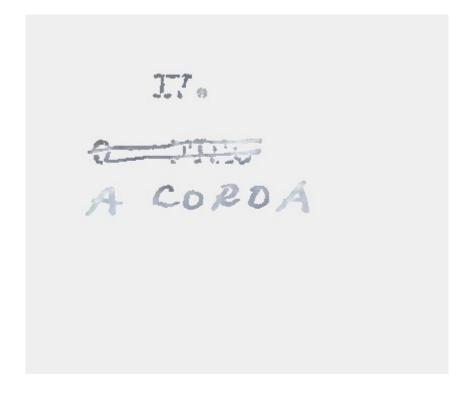
Porque é do portuguez, pae de amplos mares, Querer, poder só isto: O inteiro mar, ou a orla vá desfeita -O man todo, ou o seu nada.

#### Quinta

# D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL

Louco, sim, louco, porque quiz grandeza Qual a Sorte a não dá. Não coube em mim minha certeza; Porisso onde o areal está Ficou meu ser que houve, não o que ha.

Minha loucura, outros que me a tomem Com o que nella ia. Sem a loucura o que é o homem Mais que besta sadia, Cadaver addiado que procria?



#### NUNALVARES PEREIRA

Que aureola te cerca? E a espada que, volteando, Faz que o ar alto perca. Seu azul negro e brando.

Mas que espada é que, erguida, Faz esse halo no céu? É Excalibur, a ungida, Que o Rei Arthur te deu.

Sperança consummada, S. Portugal em ser, Ergue a luz da tua espada Para a estrada se ver!



### A Cabeça do Grypho

O INFANTE D. HENRIQUE

Em seu throno entre o brilho das espheras Com seu manto de noite e solidão, Tem aos pés o mar novo e as mortas eras -O unico imperador que tem, deveras, O globo mundo em sua mão.

### Uma Asa do Grypho

#### D. JOÃO O SEGUNDO

Braços cruzados, fita além do mar.
Parece em promontorio uma alta serra O limite da terra a dominar
O mar que possa haver além da terra.

Seu formidavel vulto solitario Enche de estar presente o mar e o céu, E parece temer o mundo vario Que elle abra os braços e lhe rasgue o véu.

#### A outra Asa do Grypho

#### AFFONSO DE ALBUQUERQUE

De pé, sobre os paizes conquistados
Desce os olhos cansados
De ver o mundo e a injustiça e a sorte.
Não pensa em vida ou morte.
Tam poderoso que não quere o quanto
Póde, que o querer tanto
Calcára mais do que o submisso mundo
Sob o seu passo fundo.
Trez imperios do chão lhe a Sorte apanha.
Creou-os como quem desdenha.

## A outra Asa do Grypho

### AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Passa um gigante pela vasta terra. Seu passo duro faz tremer o solo. Seu pensamento todo o mundo encerra, Regio de força e desconsolo.

Seu vulto augusto é grave de signaes; Seu grande olhar esta visão revela: Mais vale o Imperio do que a gloria, e mais Que a gratidão o merecel-a.

Não ha coroa em sua fronte altiva, Sceptro nenhum em suas mãos está: Grande demais para o que a hora viva A quem é só da hora dá.

# SEGUNDA PARTE MAR PORTUGUEZ

# Possessio maris.

I.

#### O INFANTE

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce. Deus quiz que a terra fosse toda uma, Que o mar unisse, já não separasse. Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente, Clareou, correndo, até ao fim do mundo, E viu-se a terra inteira, de repente, Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou creou-te portuguez. Do mar e nós em ti nos deu signal. Cumpriu-se o Mar, e o Imperio se desfez. Senhor, falta cumprir-se Portugal!

#### II.

#### HORIZONTE

o mar anterior a nós, teus medos Tinham coral e praias e arvoredos! Desvendadas a noite a a cerração, As tormentas passadas e o mysterio, Abria em flor o Longe, e o Sul siderio Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longinqua costa Quando a nau se approxima, ergue-se a encosta;
Em arvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores;
E, no desembarcar, ha aves, flores,
Onde era só, de longe, a abstracta linha.

O sonho é ver as fórmas invisiveis
Da distancia imprecisa, e, com sensiveis
Movimentos da esprança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A arvore, a praia, a flor, a ave, a fonte Os beijos merecidos da Verdade.

#### III.

#### PADRÃO

O exforço é grande e o homem é pequeno. Eu, Diogo Cão, navegador, deixei Esta padrão ao pé do areal moreno E para deante navegaei.

A alma é divina e a obra é imperfeita. Este padrão signala ao vento e aos céus Que, da obra ousada, é minha a parte feita: ; O por-fazer é so com Deus.

E ao immenso e possivel oceano Ensinam estas Quinas, que aqui vês, Que o mar com fimé será grego ou romano: O mar sem fim é portuguez.

E a Cruz ao alto diz que o que me ha na alma E faz a febre em mim de navegar Só encontrará de Deus na eterna calma O porto sempre por achar.

-/-/

#### IV.

#### O MOSTRENGO

O mostrengo que está no fim do mar Na noite de breu engueu-se a voar; A roda da nau voou trez vezes, Voou trez vezes a chiar, E disse "Quem é que ousou entrar Nas minhas cavernas que não desvendo, Meus tectos negros do fim do mundo?" E o homem do leme disse, tremendo, "El-Rei D. João Segundo!"

"De quem são as velas onde me roço?

De quem as quilhas que vejo e ouço?"

Disse o mostrengo, e rodou trez vezes,

Trez vezes rodou immundo e grosso.

"Quem vem poder o que só eu posso,

Que moro onde nunca ninguem me visse

E escomro os medos do mar sem fundo?"

E o homem do leme tremeu, e disse,

"El-Rei D. João Segundo?"

Trez vezes do leme as mãos ergueu,
Trez vezes ao leme as reprendeu,
Examinativa a mais do que existe a como de leme ou mais do que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu!
E mais que o mostrengo, que me alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!"

V.

## EPITAPHIO DE BARTHOLOMEU DIAS

Jaz aqui, na pequena praia extrema, O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro, O mar é o mesmo: já ninguem o tema: Atlas, mostra alto o mundo no seu hombro

## VI.

## OS COLOMBOS

Outros haverão de ter O que houvermos de perder. Outros poderão achar O que, no nosso encontrar, Foi achado, ou não achado, Segundo o destino dado.

Mas o que melles não toca E a Magia que evoca O Longe e faz d'elle historia. E porisso a sua gloria E uma justa aureola dada Por uma luz emprestada.

#### VII.

#### OCCIDENTE

Com duas mãos - o Acto e o Destino - Desvendamos. No mesmo gesto, ao céu Uma ergue o facho tremulo e divino E a outra afasta o véu.

Fosse a hora propicia ou a força fria A mão que ao Occidente o véu rasgou, Foi alma a Sciencia e corpo a Ousadia Da mão que desvendou.

Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal A mão que ergueu o facho que luziu, Foi Mas Deus a alma e o corpo Portugal Da mão que o conduziu.

#### VIII.

## FERNÃO DE MAGALHAES

No valle clareia uma fogueira, Uma dança sacode a terra inteira, E sombras disformes e descompostas Em clarões negros do valle vão Subitamente pelas encostas, Indo perderese na escuridão.

De quem é a dança que a noite aterra? São os Titans, os filhos da Terra, Que dançam da morte do marinheiro Que quiz cingir o materno vulto - Cingil-o, dos homens, o primeiro -, Na praia ao longe por fim sepulto.

Dançam, nem sabem que a alma ousada Do morto ainda commanda a armada, Pulso sem corpo ao leme a guiar As naus no resto do fim do espaço; Que até ausente soube cercar A terra inteira com seu abraço.

Violou a Terra. Mas elles não O sabem, e dançam na solidão; E sombras disformes e descompostas, Indo perder-se nos horizontes, Galgam do valle pelas encostas Dos mudos montes.

#### IX.

## ASCENSÃO DE VASCO DA GAMA

Os deuses da tormenta e os gigantes da terra
Suspendem de repente o odio da sua guerra
E pasmam. Pelo valle onde se ascende aos céus
Surge um silencio, e vae, da nevoa ondeando
os véus,
Primeiro um movimento e depois um assombro.
Ladeiam-o, ao durar, os medos, hombro a
hombro,
E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões.

Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a
flauta
Cahe-lhe, e em extase vê, à luz de mil trovões,
O céu abrir o abysmo à alma do Argonauta.

X.

#### MAR PORTUGUEZ

ó mar salgado, quanto do teu sal São lagrimas de Portugal! Por te cruzarmos, quantas mães choraram, Quantos filhos em vão resaram! Quantas noivas ficaram por casar Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena Se a alma não é pequena. Quem quer passar alem do Bojador Tem que passar alem da dor Deus ao mar o perigo e o abysmo deu, Mas nelle é que espelhou o céu.

#### XI.

#### A ULTIMA NAU

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião, E erguendo, como um nome, alto, o pendão Do Imperio, Foi-se a ultima nau, ao sol aziago Erma, e entre choros de ancia e de presago Mysterio.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta Aportou? Voltará da sorte incerta Que teve? Deus guarda o corpo e a fórma do futuro, Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta, Mais a minha alma atlantica se exalta E entorna, E em mim, num mar que não tem tempo ou spaço, Vejo entre a cerração teu vulto baço Que torna.

Não sei a hora, mas sei que ha a hora, Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora Mysterio; Surges ao aol em mim, e a nevoa finda; A mesma, e trazes o pendão ainda Do Imperio.

## .IIX

#### PRECE

Senhor, a noite veio e a alma é vil. Tanta foi a tormenta e a vontade! Restam-nos hoje, no silencio hostil, O mar universal e a saudade.

Mas a chamma, que a vida em nós creou, Se ainda ha vida ainda não é finda. O frio morto em cinzas a occultou: A mão do vento póde erguel-a ainda.

Dá o sopro, a aragem - ou desgraça ou ancia -,
Com que a chamma do exforço se remoça,
E outra vez conquistemos a histancia Do mar ou outra, mas que seja nossa:

## TERCEIRA PARTE

## OENCOBERTO

## Pax in excelsis.

I.

os symbolos

## Primeiro

## D. SEBASTIÃO

Sperae: Cahi no areal e na hora adversa Que Deus concede aos seus Para o intervallo em que esteja a alma immersa Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte e a desventura Se com Deus me guardei? É o que eu me sonhei que eterno dura, É Esse que regressarei.

## Segundo

## O QUINTO IMPERIO

Triste de quem vive em casa, Contente com o seu lar, Sem que um sonho, no erguer de asa, Faça até mais rubra a brasa Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz: Vive porque a vida dura. Nada na alma lhe diz Mais que a lição da raiz -Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem No tempo que em eras vem. Ser descontente é ser homem. Que as forças cegas se domem Pela visão que a alma tem:

E assim, passados os quatro Tempos do ser que sonhou, A terra será theatro Do dia claro, que no atro Da erma noite começou.

Grecia, Roma, Christandade, Europa - os quatro se vão Para onde vae toda edade. Quem vem viver a verdade Que morfeu D. Sebastião?

## Terceiro

#### O DESEJADO

Onde quer que, entre sombras e dizeres, Jazas, remoto, sente-te sonhado, E ergue-te do fundo de não-seres Para o teu novo fado:

Vem, Galaaz com patria, erguer de novo, Mas já no auge da suprema prova, A alma penitente do teu povo À Eucharistia Nova.

Mestre da Paz, ergue teu gladio ungido, Excalibur do Fim, em geito tal Que sua Luz ao mundo dividido Revele o Santo Gral:

## Quarto

## AS ILHAS AFORTUNADAS

Que voz vem no som das ondas Que não é a voz do mar? E a voz de alguem que nos falla, Mas que, se escutamos, cala, Por ter havido escutar.

E só se, meio dormindo, Sem saber de ouvir ouvimos, Que ella nos diz a esperança A que, como uma criança Dormente, a dormir sorrimos.

São ilhas afortunadas, São terras sem ter logar, Onde o Rei mora esperando. Mas, se vamos dispertando, Cala a voz, e ha só o mar.

## Quinto

## O ENCOBERTO

Que symbolo fecundo Vem na aurora anciosa? Na Cruz morta do Mundo A Vida, que é a Rosa.

Que symbolo divino Traz o dia ja visto? Na Cruz, que é o Destino, A Rosa, que é o Christo.

Que symbolo final Mostra o sol já disperto? Na Cruz morta e fatal A Rosa do Encoberto. II.

os AVISOS

## Primeiro

## O BANDARRA

Sonhava, anonymo e disperso, O Imperio por Deus mesmo visto, Confuso como o Universo E plebeu como Jesus Christo.

Não foi nem santo nem heroe, Mas Deus sagrou com Seu signal Esse cujo coração foi Não portuguez mas Portugal.

## Segundo

#### ANTONIO VIEIRA

O céu strella o azul e tem grandeza. Este, que teve a fama e à gloria tem, Imperador da lingua portugueza, Foi-nos um céu tambem.

No immenso espaço seu de meditar, Constellado de fórma e de visão, Surge, prenuncio claro do luar, El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz do ethereo. É um dia, e, no céu amplo de desejo, A madrugada irreal do Quinto Imperio Doira as margens do Tejo.

## Terceiro

Screvo meu livro à beira-magua. Meu coração não tem que ter. Tenho meus olhos quentes de agua. Só tu, Senhor, me dás viver.

Só te sentir e te pensar Meus dias vacuos enche e doura. Mas quando quererás voltar? Quando é o Rei? Quando é a Hora?

Quando virás a ser o Christo De a quem morreu o falso Deus, E a dispertar do mal que existo E Nova Terra e os Novos Ceus?

Quando virás, ó Encoberto, Sonho das eras portuguez, Tornar-me mais que o sopro incerto De um grande anceio que Deus fez?

Ah, quando quererás, voltando, Fazer minha esperança amor? Da nevoa e da saudade quando? Quando, meu Sonho e meu Senhor?

# III.

# OS TEMPOS

#### Primeiro

#### NOITE

A nau'de um d'elles tinha se perdido No mar indefinido. O segundo pediu licença ao Rei De, na fé e na lei Da Descoberta, ir em procura Do irmão no mar sem fim e a nevoa escura.

Tempo foi. Nem primeiro nem segundo Volveu do fim profundo Do mar ignoto à patria, por quem dera O enigma que fizera. Então o terceiro a El-Rei rogou Licença de os buscar, e El-Rei negou.

X

THE TOP

Como a um captivo, o ouvem a passar Os servos do solar, E, quando o vêem, vêem a figura Da febre e da amargura, Com fixos olhos rasos de ancia Fitando a prohibida azul distancia.

X

Senhor, os dois irmãos do nosso Nome O Poder e o Renome Ambos se foram pelo mar da edade
À tue eternidade;
E com elles de nós se foi
O que faz a alma poder ser de herce.

Queremos ir buscal-os, d'esta vil Nossa prisão servil: É a busca de quem somos, na distancia De nos; e, em febre de ancia, A Deus as mãos alçamos.

Mas Deus não dá licença que partamos.

## Segundo

#### TORMENTA

.

Que jaz no abysmo sob o mar que se ergue? Nós, Portugal, o poder sant ser. Que inquietação do fundo nos soergue? O desejar poder querer.

Isto, e o mysterio de que a noite é o fausto...
Mas subito, onde o vento ruge,
O relampago, pharol de Deus, um hausto
Brilha, e o mar scuro struge.

## Terceiro

#### CALMA

Que costa é que as ondas contam E se não póde encontrar Por mais naus que haja no mar? O que é que as ondas encontram E nunca se vê surgindo? Este som de o mar praiar Onde é que está existindo?

Ilha proxima e remota.
Que nos ouvidos persiste,
Para a vista não existe.
Que nau, que armada, que frota
Pode encontrar o caminho
À praia onde o mar insiste,
Se à vista o mar é sosinho?

Haverá rasgões no espaço.

Que dêem para outro lado,

E que, um d'elles encontrado,

Aqui, onde ha só sargaço,

Surja uma ilha velada,

O paiz afortunado

Que guarda o Rei desterrado

Em sua vida encantada?

## Quarto

## ANTEMANHA

O mostrengo que está no fim do mar Veio das trevas a procurar A madrugada do novo dia, Do novo dia sem acabar; E disse, "Quem é que dorme a satismas lembrar Que desvendou o Segundo Mundo, Nem o Terceiro quer desvendar?"

E o som na treva de elle rodar
Faz mau o somno, triste o sonhar.
Rodou e foi-se o mostrengo servo
Que seu senhor veio aqui buscar,
Que veio aqui seu senhor chamar Chamar Aquelle que está dormindo
E foi outrora Senhor do Mar.

## Quinto

#### NEVOEIRO

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra Define com perfil e ser Este fulgor baço da terra Que é Portugal a entristecer -Brilho sem luz e sem arder, Como o que o fogo-fatuo encerra.

Ninguem sabe que coisa quer. Ninguem conhece que alma tem, Nem o que é mal nem o que é bem.

(Que ancia distante perto chora?)

Tudo é incerto e derradeiro. Tudo é disperso, nada é inteiro. O Portugal, hoje és nevoeiro...

E a Hora!

Valete, Fratres.

INDICE

PRINE, RA PARTE BRASÃO VIU I.- OS caryos it 1 1 8 Princis: 6 do Castellas Squisto: O das quinas II - OJ Castello 19 Primeiro: Ullysses Segunto: Viriato Ferceiro : O Conde D. Henrique Quart : D. Jareya Quints : D. Afford bearingues Sex to : D. Ding Septim (I): D. João o himeiro Septim (4): 2. Thilippa de Leucaste 27 III. - As Quinas Primeira : 3. Juante, Rei de Portugul Sigunsa: D. Fernando, Infante de Portugal 32 Tercura: D. Pedro, Regente de Portugal 33

3	
anarta: S. Jous, Infante de Portugal	34
ananta: 2. Isas, Infante de Portugal aninta: 2. Sebastião, Rei de Portugal	35
IV. A Coroa	2
Nunalvares Pereira	39
I. O Timbre	
A Babeca do Grypho: O Infante & Henrique Irma Ása so Grypho: D. João o Segundo A Duta Da 20 Grypho: Affonso de Albuques	43
hma Asa so Grupho: D. João o Segundo	44
A Dutia da 20 Grafoho: Ajfonso de Albuques	que 4:
SEGUNDA PARTE - vu s	
MAR PORTUGUEZ	
I. O Infante	51
I Horizonte	52
Padrus	54
a man de la companya del la companya de la companya	56
of Enitappea	58
To Colombos	60
1	
14 Ternão de Magamais	63
TK as censão de Vasco da Jama	64
R. Mar Portugues	65-
Ternão de Megalhãos  Tr. Ascensão de Vasco da Jama  TX. Mar Portugues  XI. A Veltimia Nau	67
The Prece	67

# TERCEIRA PARTE

## O ENCOBERTO I. Os Symbolos Primerio: D. Sebostião 250 Legundo: O Quinto Imperio 76 77 Quarto: As Mas afortunadas 78 Quinto: O Encoberto 60 II. a Covision I imerio: O Bandarra 83 Signal : Antonio Vicina 84 Terceiro (Sacro men turo a berra-magna...) 8: TIP. Or Vempos Primeiro Norte 89 Jeguns : Tormenta 92 Januario : Calma 93 Quarto: Antemanhã 95 Quento, Nevociro 96

COMPOSTO E IMPRESSO EM LISBOA, NAS OFFICINAS DA EDITORIAL IMPERIO, 151-153 RUA DO SALITRE, DURANTE O MEZ DE OUTUBRO DO ANNO DE 1934, DA ERA DO CHRISTO DE NAZARETH.